

*O despertar
religioso de
João Wesley*

James Richard Joy



O

Despertamento religioso

de

João Wesley

James Richard Joy

tradução de
Carlos de Abreu Godinho

3ª edição
1996

Do original norte-americano:

John Wesley's Awakening
Methodist Book Concern
Nova Iorque

Esta edição:

Capa: Atalá da S. Nascimento
Revisão: Filipe P. de Mesquita
Editor: Filipe P. de Mesquita

JOY, James Richard. **O despertar religioso de
João Wesley.**
3ª ed. Rio de Janeiro, Pastoral Bennett, 1996.

Às
Minhas filhas
Helen, Alice, Gertrudes
e
em memória afetuosa
à
sua mãe

ÍNDICE

Apresentação	1
Prefácio do autor	5
 I. BUSCANDO	 9
1. Os metodistas de Oxford	11
2. Tal mãe, tal filho	19
3. Na Escola e na Universidade	27
4. O fiasco na Geórgia	37
 II. ENCONTRANDO	 47
5. Tempestade e aflição	49
6. A mão de Deus	55
 III. TENDO E FAZENDO	 59
7. Nova criatura	61
8. O cavaleiro do Senhor	73
9. O desabrochar do Metodismo	84
10. O remédio para um século enfermo	94
Sugestões para estudos em grupos	101

APRESENTAÇÃO

A Pastoral Bennett, através de seu Setor de Publicações, tem a satisfação de apresentar e oferecer aos metodistas e a todos os demais interessados esta nova edição deste valioso livro que trata da experiência religiosa de João Wesley e de sua profunda repercussão.

Desejamos que a leitura deste livro seja motivo de gratidão a Deus pela vida desse grande homem, que contribuiu de modo significativo para a revitalização da fé cristã na vida de milhões de pessoas em todo o mundo.

Outrossim, é nosso desejo que seja de inspiração para todos quantos desejam servir a Deus neste mundo tão sofrido e tão carente da graça de Deus.

Sejam os metodistas, em particular, e todos os cristãos, de um modo geral, animados pelo Espírito de Deus, missionários fervorosos e incansáveis na proclamação e vivência do Evangelho, e na contribuição aos propósitos de uma sociedade mais justa, mais fraterna, segundo os padrões do Reino de Deus.

Filipe P. de Mesquita
Editor

Tenho pensado que sou criatura de um dia,
passando pela vida como flecha pelo ar.
Sou espírito vindo de Deus e para Deus voltando.

PREFÁCIO DO AUTOR AO LEITOR

Muitos livros sobre a vida de João Wesley foram escritos e, em sua maioria, maiores e melhores do que este texto, que apenas poderá servir de introdução àqueles. Provavelmente um que satisfaça completamente a todos está ainda para ser escrito, pois, apesar de João Wesley ter morrido há mais de 205 anos, sua ação pastoral não está superada. Dois anos após sua morte apareceu a sua primeira biografia completa, e, desde aí até hoje, de 5 em 5 anos, em média, alguém lhe escreve a biografia. Se não levarmos em conta Shakespeare, provavelmente nenhum outro inglês tem sido assunto e fonte de tantos livros. No entanto, continua crescendo o número de livros sobre Wesley. Também, nenhuma geração tem produzido, como a presente, tantas biografias ou estudos acerca de seus trabalhos e ensinamentos como a nossa. Qual a significação de tudo isto senão a que Wesley, nos dois séculos passados da vida inglesa, era e é a personalidade mais vital, mais interessante, mais influente, cujo prestígio, em vez de apagar-se com o passar dos anos, cada vez tem mais sentido histórico.

O antigo ponto de vista, estreito e sectário acerca do Fundador do Metodismo como patrono-santo e propriedade peculiar de uma denominação, outrora escarnecido e desprestigiado por todos os outros, está hoje em grande parte substituído pelo ponto de vista universal, que o coloca na mesma galeria dos grandes profetas, apóstolos e santos de todos os tempos. Está na Abadia de Westminster o seu epitáfio ao lado do memorial de monarcas, estadistas, construtores de impérios, filantropos e literatos. Diversos pensadores já começaram a reconhecê-lo por pertencente à grande sucessão de São Paulo, Santo Agostinho, Martinho Lutero - os grandes despertadores da alma humana - eles mesmos animados pelo chamado de Deus.

Veio a lume este livro por causa de um pedido: a apresentação por modo sucinto e em linguagem simples da personalidade e da obra de João Wesley, estudando de modo especial a experiência espiritual de Aldersgate, que lhe marcou definitivamente a carreira.

Assim, os primeiros capítulos falam de sua mocidade, seu preparo desde o seu nascimento e anos de estudos na Universidade de Oxford. Trata, ainda, de sua viagem à Geórgia, na América do Norte, onde residiu, e de onde voltou para a Inglaterra, com 34 anos, vendo frustrada a sua esperança de alcançar a perfeição cristã para sua própria alma e conversão dos índios.

A segunda parte apresenta-o à procura de si mesmo, ansioso por achar-se, desalentado, deprimido do fracasso de sua teoria de salvação, segundo as regras e ritos da Igreja, e dirigindo-se aos Moravianos em busca de luz e, casualmente, numa pequena sociedade religiosa da Rua Aldersgate, onde, num abrir e fechar d'olhos, se tornou cômico de que não lhe seria a ele, por obras suas, a posse do que há muito procurava, mas por dádiva de Deus. Naquele momento de iluminação espiritual reconheceu, com alegria inexprimível, que Cristo morrera não somente para salvar a humanidade em geral, mas para salvar a ele, João Wesley!

A terceira parte apresenta imagens e mais imagens da figura vívida de Wesley, nascido de novo, agora nova criatura realmente, não já preocupado com indagações do seu próprio estado espiritual, mas aplicando seu poderoso e ativo intelecto, e seus recursos físicos ilimitados, à tarefa que se lhe impôs, diria ele, de acordar seus patrícios para o dia da possibilidade, ou melhor ainda, tarefa de suprir a necessidade de experimentarem a vida de Deus na alma humana, cada um, individualmente. Da exuberância de material, agora disponível, na edição oficial do "Diário" e "Cartas", transcrevemos alguns sucessos representativos das atividades nascentes, às quais se dedicou durante 50 anos, infatigavelmente. Qual "Cavaleiro do Senhor", observamo-lo ao levar a mensagem da graça divina a todos os cantos de três países, sem desanimar-se ante a oposição clerical, ante as plebes amotinadas ou perigos outros e fadigas de viagens incessantes em estradas ruins e terrenos pantanosos. Notamos que, com habilidade de estadista, organiza o sistema de sociedades, classes, grupos, guias, ecônomos e concílios, comissionando ainda um ministério itinerante e local que penetraria, como penetrou, o mundo anglo-saxão, vindo a revelar-se a organização eclesíástica mais eficiente conhecida do Protestantismo.

Aventura-se, finalmente, o autor, a sugerir experiências no tocante a lições que "O povo chamado Metodista" bem pode aprender da vida de seu fundador, neste século XX, cujos piores aspectos, não raro, se assemelham ao século de Wesley: negligência de Deus, abandono da Bíblia e da Igreja, a dissolução, a

generalizada decadência moral, como se nos evidencia em seu materialismo rude, seu desperdício destruidor da personalidade na indústria e na guerra, a facilidade e freqüência do divórcio, e o predomínio invencível de assassinios, suicídios, roubos, etc.

O que tentou fazer o Metodismo para a Inglaterra em tal época, diz-nos João Wesley, num parágrafo muito citado, que ousamos repetir:

"Dois jovens sem nome, sem amigos, sem poder, nem fortuna, saíram da Universidade com princípios totalmente diferentes dos do povo em geral, para opor-se a toda a gente, sábios e iletrados; e a combater preconceitos de toda a espécie. Seu primeiro princípio atacava diretamente toda iniquidade; o segundo, toda a hipocrisia do mundo. Com fazê-lo não tentaram reforma de opiniões, mas da vida e temperamento dos homens; do vício de qualquer espécie; de tudo quanto fosse contrário à justiça, à misericórdia ou à verdade. E por isto, levavam suas vidas em suas mãos, sendo que os grandes e os pequenos, uns e outros, por indignos cães danados é que os tinham e como tais é que os tratavam."

Oxalá este novo ensaio possa mostrar às novas gerações o que este homem, cômico da presença e do fervor de Deus, fez para redimir sua época decadente; e possa ainda sensibilizar o espírito da mocidade contemporânea, de tal maneira, que a direção espiritual e moral tão necessária nesta hora, se verifique novamente, para a redenção do indivíduo, da Igreja e da nação!

James Richard Joy

I

BUSCANDO

*Naqueles olhos claros, penetrantes,
Eis-lhe inteira a própria alma que se inflama
Sobre a vasta Inglaterra.
Profundo, puro, intenso, consumindo
Toda a vergonha, e todo o mal vencendo;
Os homens persuadindo do pecado,
E de todos a fé soprando acesa.
E, portento maior, a Deus criando
Em corações humanos novamente.
Não se apague, jamais, aquela imagem,
Jamais, ó Deus! jamais da mente humana,
Daquele pregador, teu mensageiro,
Ministro teu, fiel sem mancha,
Que numa quadra má, brutalizada,
Outrora, como agora, soube sempre
Conduzir-se por terras e por mares;
Em cuja mocidade, ou já dioso,
Ou na prolecta idade, o grande anelo
Foi sempre ter o mundo em rumo certo,
Por veredas de luz e segurança -
Aliás, fome e paixão insopitável
Pelas almas do próximo cativo.*

Richard Watson Gilder, da Ode Comemorativa, escrita para a celebração do Bicentenário de Wesley. Universidade Wesleyana, junho de 1903.

OS METODISTAS DE OXFORD

“Observem os Metodistas passar!” é o que freqüentemente se ouvia nos largos quadrângulos do Colégio “Igreja de Cristo”, em Oxford, e não raro nos quadrângulos pequenos e cinzentos de Lincoln, igualmente em Oxford, nos anos 1729-35, e às janelas assomavam muitos estudantes e escarneciam dos jovens, cuja obediência estrita às regras da Igreja e da Universidade perturbava a complacência da antiga Oxford. O grupo de estudantes aos quais deram o epíteto, e ainda outros menos nobres, estudantes que se dirigiam vagarosamente para um dos dormitórios onde se reuniam todas as noites, no quarto de um deles, era pequeno, de poucos se compunha: um tutor ou dois, e um mais velho que o resto, com o vestuário de clérigo, da Igreja Anglicana. Tinha talvez trinta anos. Era de pequena estatura, magro e de gracioso porte, mas de pálido semblante, em contraste com a sedosa cabeleira farta e castanha que, repartida precisamente ao meio da cabeça, balouçava suavemente sobre os ombros onde terminava em bastos cachos. Afirmava-se que “seus olhos eram os mais luminosos e os mais penetrantes que se podem conceber”.

“O Clube Santo” como alguns colegas de Oxford denominavam o grupo - “Tartufos Bíblicos” e “Traças da Bíblia”, isto é, “Comedores da Bíblia”, ironizavam outros, não era realmente clube algum. Tal grupo teve sua origem quando um jovem afável, que tinha vindo ao Colégio da Igreja de Cristo, em Oxford, procedente da Escola de Westminster em 1726, com grande reputação de ser o moço mais popular de sua turma, capitão do corpo discente, tão hábil no canto como na história, e muito bem munido de punhos para defender-se ou a um amigo se necessário fosse, começou a encarar a vida mais seriamente. Chamava-se Carlos e trazia um cognome que durante quatro gerações vinha constando nos róis de Oxford: Wesley. Dois irmãos mais velhos precederam-no em “A Casa”, nome dado ao Colégio da Igreja de Cristo, pelos estudantes

de Oxford, um dos quais ensinava, então, em Westminster, e outro conhecido na família e na escola por “Jack”, ultimamente alcançara a honra de ser nomeado “Preceptor de Lincoln”, um dos colégios menores de Oxford.

Seu pai, Rev. Samuel Wesley, cavalheiro e sábio, era pastor em Epworth, paróquia em terreno pantanoso de Lincolnshire, onde lutara durante anos, nem sempre com vitória, para livrar-se da prisão de endividados e ganhar o pão para sua família - 19 crianças! e prover a seus filhos a educação de Oxford, que ele, como seu pai e avô, tinha gozado. O primeiro impulso de Carlos ao ver-se livre da disciplina escolar foi favorecer-se um pouco, como em regra fazem os calouros. A João, seu irmão estudioso, que depois de seu período de frivolidades, tinha, então, resolvido seguir vida simples e cheia dos mais altos pensamentos, abandonando o ócio e as diversões, e que admoestava a seu irmão mais jovem fizesse o mesmo, Carlos replicava: “Queres, acaso, que me torne santo de um momento para outro?” e já lhe não dava atenção. Mas à medida que o tempo passava, sentia-se mais inclinado a seguir os conselhos do irmão, escrevendo-lhe: “Por causa das orações, em grande parte, de alguém (com certeza de sua mãe), é que começo a pensar como estou... É por meio de teus métodos, creio firmemente, que Deus estabelecerá o que Ele começou em mim”.

E com tal propósito de vida, informa-nos um de seus contemporâneos de Universidade, propósito que tomou firmemente com sua amizade característica (“Ele era homem feito para amizade”), Carlos se dedicou a um estudante que resvalara no vício e persuadiu-o a torna-se mais atento aos seus deveres religiosos. Ambos, juntos, começaram a fazer o que separadamente nenhum deles faria: receber o sacramento semanalmente, algo simplesmente irrealizável pelos estudantes, apesar das regras. Persuadiu em breve mais dois ou três a que os imitassem nesta confissão pública. O passo seguinte seria, ele mesmo e seus companheiros, resolverem seguir escrupulosamente o método de estudo prescrito pelos estatutos da Universidade, mas comumente negligenciado. E isto, parece estranho, mas é fato, porque a disciplina em Oxford naquele tempo era bastante frouxa, pois os estudantes faziam o que bem entendiam quanto à assistência às preleções, aos cultos na capela ou às refeições no refeitório da Universidade. Podia até obter-se diploma, por pouco mais da residência na Universidade e o pagamento regular de suas contas. Os exames eram farsa, e muito raro era encontrar-se um tutor que prestasse atenção aos seus

alunos, a não ser para beber e jogar com eles cartas ou dados. Apesar dos jogos atléticos serem desconhecidos, os jovens cavalheiros ociosos que impunham as modas na Universidade achavam outras diversões. Havia desportos informais, jogatina, bebedeiras, e vícios piores, segundo o exemplo da alta sociedade de Londres. Não é, portanto, para muito admirar-se que tais ociosos fossem censurados pelo “singular proceder do jovem Wesley e seus amigos, no que faziam e no que deixavam de fazer”. Eram apontados, de quando em quando escarnecidos, até certo ponto perseguidos, e, entre os muitos epítetos escarnecedores lançados sobre eles, teria de ficar permanente o nome de metodista!

O jovem clérigo, “belo, elegante e de esmerado trajar”, figura notável no círculo metodista de Oxford, era o irmão mais velho de Carlos Wesley, era João, que fora ordenado ministro da Igreja Anglicana e eleito Preceptor em Lincoln. O Clube Santo formara-se enquanto ele fora a sua casa e auxiliava seu pai, já idoso e enfermo em Epworth e Wroot. Tivera, então, de voltar à Universidade, para reencetar seus misteres de professor de grego, no Colégio de Lincoln, da Universidade, onde recebia modesto salário, quarto e refeições, e que constituíram seu principal sustento, até seu casamento em 1751, data em que renunciou à cadeira.

Apresenta-se, então, o Rev. João Wesley na vanguarda do movimento metodista. Por assentimento geral tornou-se o guia do grupo em torno de seu irmão. Sendo mais velho, e tendo mais experiências, sua habilidade rara de pensamento claro e expressão concisa, sua sabedoria prática e, acima de tudo, seu zelo pela religião, representando o motivo supremo de sua própria vida, tudo isto o tornou eminentemente preparado para tal direção. João já tinha avançado muito no método minucioso de sua própria vida, quanto ao físico, intelecto e espírito. Sua saúde protegia a ele por meio de regras estritas quanto à sua alimentação, exercício e sono. Seus planos abrangiam também a escolha de amigos, abandonados todos os fúteis, e também os livros que não fossem de valor espiritual, e a divisão cuidadosa de seu tempo, com seis horas para dormir, no que, em seus primeiros anos em Oxford, fora abusivamente indulgente. Estabeleceu períodos diários para oração, estudo das Escrituras, meditação e tudo na conformidade escrupulosa do Ritual Anglicano, até ao mais minucioso ponto. Leu e releu os livros religiosos considerados padrões da época, tais como *Vivendo e morrendo santamente*, de Jeremias Taylor; e *Imitação de Cristo*, de Thomas à Kempis (que ele traduziu sob o

título *O Padrão Cristão*), mas procurava diligentemente a nova literatura, especialmente “A Perfeição Cristã” e a “Chamada Séria” que, diz ele, “convenceu-me mais do que qualquer outro, da admirável altura e profundidade e largura da Lei de Deus.” “E pelo meu contínuo esforço em cumprir toda a Lei, interior e exteriormente, ao máximo de meu poder, fiquei persuadido de que fui aceito por Ele e de que estava já no estado de Salvação”.

Com tal direção cresceu o Clube Santo em número e também no interesse. Não faz nenhum esforço para abrasar espiritualmente a Universidade. Revivescência ou evangelização não lhe andaram ainda nas cogitações. O objetivo do movimento era aperfeiçoar as almas de seus membros na piedade e nas boas obras, para conhecer e fazer a vontade de Deus. Mas até isto era considerado esquisito na Inglaterra do século XVIII e severamente criticado nos círculos universitários pelos professores e alunos. “Dizem eles”, escreve o guia, “dizem que não somos amigos de ninguém, senão dos esquisitos como nós”. Entretanto, quando aquele que primeiramente os apelidara de “Metodistas” receava entrar num debate, por falta de preparo, João Wesley o procurou e se ofereceu espontaneamente para auxiliá-lo, afirmando mais tarde que encontrara o tal indivíduo tão mal provido de humanidade quanto de senso e de conhecimentos. À sua própria mãe, que sempre foi sua melhor correspondente, escreveu: O que aqui scandaliza é ter a gente cuidado quanto ao tempo, gastos e companhia.”

Qual era, pois, a principal esquisitice que apresentavam os Metodista de Oxford? Tyerman a sintetiza bem na seguinte passagem muito citada: “Reuniam-se todas as noites para examinar o que cada um teria feito durante o dia e para considerar o que deveriam fazer no dia seguinte, começando suas reuniões com oração e terminando com uma ceia frugal. Seus planos de ação eram vários. Alguns conversavam com jovens estudantes, e se esforçavam para libertá-los de más companhias e animavam-nos a viver sobriamente e a ser estudantes diligentes. Outros instruíam e auxiliavam as famílias pobres; ainda outros, o trabalho numa escola especial e na casa de correção. Alguns iam diariamente à cadeia da cidade e na capela liam aos prisioneiros, livros tais como *O Monitor Cristão e Conselhos do Pastor aos seus Paroquianos* e depois faziam um resumo dos mesmos em poucas sentenças, fáceis de ser lembradas. De seus próprios e reduzidos recursos, e por contribuições trimestrais de outros, eles constituíram certo fundo para a compra de livros, remédios e outras coisas que suprissem as

necessidades dos prisioneiros, libertando aqueles que estavam presos por causa de pequenas dívidas. Liam orações na prisão, quase todas as quartas e sextas; aos domingos pregavam aos presos e lhes administravam mensalmente a Santa Ceia. Uma das escolas que visitavam fora fundada por Wesley, a professora era paga por ele, e dava roupas a algumas, senão a todas as crianças.”

James Gambold, membro do Clube Santo, descreve seus métodos, assim:

“Mostravam todo o desvelo pelos estudantes mais jovens da Universidade, com o intuito de libertá-los das más companhias, animando-os a viver sóbria e diligentemente. Se tivessem interesse em qualquer deles, convidavam-no a almoçar com eles, e ao tomarem a xícara de chá, procuravam induzi-lo para o bem. Apresentavam-nos à mocidade de ideais elevados; auxiliavam-nos em suas lições difíceis. Terminavam suas palestras com os melhores sentimentos, apresentavam-lhes suas convicções; davam-lhes regras devocionais; e, quando as aceitavam, vigiavam por eles com grande ternura.”

Deu João Wesley muita ênfase à necessidade de cada um se examinar a si mesmo. Ensinou-os a relatar suas próprias ações, de maneira exata, escrevendo um “Diário” constante. Deste modo, uma e muitas vezes durante o dia, anotaram eles, em algarismos, que trabalhos principais realizaram e de que maneira o fizeram.

“Recomendava-lhes ardentemente que tivessem método e ordem em todas as suas ações. Após sua devoção matinal, muito cedo, às 5 ou 6 horas, aconselhava-os a que resolvessem consigo mesmos, o que fariam durante o dia. Com tal previsão, ao fim de cada hora saberiam precisamente o que deveriam fazer; e no esforço por executar o método, corrigiriam o desperdício de tempo de espírito acostumados a viver sem alvo na vida, e assim se preparariam, pouco a pouco, para suportar as restrições de uma vida santificada.”

“O passo seguinte na disciplina cristã era fazê-los observar o jejum, visitar os pobres e tomar a Santa Ceia semanalmente; não somente para dominar o corpo, aumentar a caridade, e obter a graça divina, mas (como ele mesmo se exprime) para cortar as amarras do mundo. Se tal fizessem, julgou ele, os homens escarneceriam deles e os expulsariam de seu meio, por maus, e daí, pela impossibilidade de se manterem em comunhão com o mundo, ver-se-iam obrigados a se refugiarem inteiramente no Cristianismo.”

Em todas estas atividades João Wesley era o espírito dirigente, participando diretamente de todos os trabalhos. Disciplinara sua vida a elevado grau extraordinariamente, e também o seu exemplo, bem como sua sinceridade, sabedoria, e hábitos de autoridade persuasiva, sem arrogância ou espírito dominador, gerando a mais ampla lealdade em seus companheiros. Não pedia coisa alguma a ninguém que ele mesmo não estivesse fazendo. Também acontecia que, por ocasião de sua ausência de Oxford, por visitas prolongadas a Epworth, o trabalho se ressentia, diminuindo o interesse, e alguns havia que retrocediam, “envergonhados ou temerosos”, observava Wesley.

Naturalmente, algumas notícias do que se passava nos recintos da Universidade foram levadas a Londres e especialmente aos lares dos estudantes. Certo pai ansioso escreveu a seu filho em 1732:

“Você não pode imaginar o barulho que aquela sociedade ridícula, da qual você participa, tem feito aqui... Visitar a casa dos pobres, reunir suas crianças, ensinando-as a orar e o catecismo, e dar-lhes um *shilling* em sua retirada! ... Disse-me um sábio e piedoso ministro que já conhecia conseqüências terríveis originadas de zelo tão cego e satisfizes-se, plenamente, afirmando que era má compreensão da verdadeira religião e piedade.”

Outro pai, o venerável ministro de Epworth, pai de Wesley, escreveu a seu filho em Oxford, porém noutro espírito:

“Ouço que meu filho tem a honra de ser chamado ‘Pai do Clube Santo’. Se for assim serei o avô, e torna-se desnecessário dizer que preferiria que qualquer de meus filhos tivesse tal honra a ter título de Sua Santidade.”

O irmão Samuel, o calmo professor de Westminster, fora um pouco mais crítico. Escreveu: “Não gosto de saber que vos chamais um **Clube**; ordinariamente, tal palavra, para o mal é que vemos aplicar-se. Que o **Clube** venha a produzir entusiasmo é pura ilusão. E a atividade em deveres sociais, e a participação constante e estrita dos meios de graça ordenados constituem a maior garantia contra eles mesmos.”

Por uma carta datada de Oxford, em 1734, carta de um jovem universitário, Richard Morgan, do qual João Wesley era o preceptor, percebemos o aspecto humorístico sob o ponto de vista do universitário que não era crente e que se sentia envolvido num ambiente em nada do seu agrado. Tinha o moço predileção pelos esportes e introduzira seu favorito cão de caça nos aposentos universitários, o que era contra o regulamento. Estava muito

excitado quando lançou mão da pena para dizer a seu pai o que lhe acontecera: “Há uma sociedade de cavalheiros, composta de sete membros da qual meu preceptor (João Wesley) é o Presidente. Imaginam eles que não podem salvar-se se não passarem cada hora, cada minuto até de sua vida, no serviço de Deus. Tornando-me seu discípulo, fiquei batizado com o título de ‘metodista’, cuja desgraça não tenho palavras para descrever.” E ainda com mais ênfase no mesmo sentido, termina com este apelo aflito para seu pai rigoroso: “Se eu continuar sob a direção do Sr. Wesley, ficarei arruinado!”

“Afirma-se com segurança da melhor autoridade que um cavalheiro conhecido e muito estimado por sua piedade, tanto se exasperou com a teimosia de um sobrinho em associar-se com os metodistas, que o pegou pelo pescoço e o sacudiu violentamente.”

Mesmo naquele tempo havia universitários que se escandalizavam com a oposição que se fazia ao “Clube Santo” e, em nosso tempo, em altas rodas também se aprecia o movimento wesleyano. O Doutor Godley, em sua obra valiosa *Oxford no século XVIII*, diz o seguinte:

“Os meios que eles (metodistas de Oxford) empregaram, os que quase todos os séculos classificariam de puramente beneficentes, nunca poderia supor-se que qualquer avivamento religioso estivesse tão pouco suscetível ao criticismo como este. Não havia obscurantismo, nem apelo sensacional às emoções de multidões excitáveis, pelo menos não se notava nada disto em Oxford. Os metodistas tudo faziam no sentido de animar-se mutuamente numa vida virtuosa de boas obras. Eram diligentes em seus ritos religiosos; jejuavam com o asceticismo de um novo entusiasmo; abriram escolas para os pobres; confortavam e ajudavam os doentes; visitavam os presos nas prisões. Eram constantemente escarnecidos e ininterruptamente satirizados e até punidos. A massa dos universitários não queria nenhuma relação com o Metodismo... Talvez não devamos julgar uma Universidade erudita por sua mocidade tola. Mas a atitude das autoridades universitárias para com uma vida imaculada e um movimento espiritual é realmente inexplicável. Parece justificar todas as afirmações severas formuladas a respeito do século... A hostilidade de Oxford ao movimento Wesleyano em sua atividade completa é fácil de se compreender. É menos fácil entender-se a intolerância de 1730”.

Depois que os irmãos Wesley deixaram Oxford em 1735 e partiram para a América do Norte, a fim de se unirem à colônia de

Geórgia, sob Oglethorpe, o Clube Santo dentro de pouco tempo se acabou. O nome “metodista”, porém, com que por escárnio o apelidaram, este ficou e, com o desenvolver dos sucessos, veio a nomear uma sociedade religiosa mundial, de que os seus fundadores em Oxford não tinham a mínima idéia. O metodista mais amplo, que lhe herdaria o nome e o tornaria ilustre, ainda não havia nascido. Seu lugar de nascimento não era Oxford, mas Aldersgate. Antes, porém, de examinarmos esse despertar religioso, essa experiência transformadora e luminosa, torna-se necessário voltarmos de Oxford para Epworth para analisarmos as influências hereditárias, sociais, paternais e especialmente maternas que modelaram o fervoroso e erudito jovem clérigo, que já conhecemos na Universidade.

CAPÍTULO II

TAL MÃE, TAL FILHO

“João Wesley era metodista desde o berço”, escreveu um de seus biógrafos. Em certo sentido, é verdade. Seria difícil compreender seu caráter e sua obra sem algum conhecimento de seu nascimento e preparo infantil em seu lar, e, de modo especial, sua atitude no tocante aos conselhos e ensino de sua mãe piedosa. Era ela - é conceito geral na atualidade - uma das mais notáveis mães de todos os tempos. Susana Wesley tinha dezenove filhos; sua mãe tivera vinte e quatro, dos quais ela era a mais moça. Sua fama, porém, não consiste em o número dos filhos, mas no caráter deles, e na maneira admirável como os educou sob circunstâncias, não raro, extremamente desanimadoras.

Susana Annesley era filha do Rev. Samuel Annesley, eminente ministro evangélico de Londres, de boa família, educado em Oxford, que perdeu sua paróquia de St. Giles, em Cripplegate, por ter recusado prestar juramento de obediência após a Restauração Stuart. Durante o resto da vida foi ministro de uma congregação numerosa de Dissidentes em Londres. Era homem de notável intelectualidade, profunda espiritualidade e de largas simpatias. Quanto a seus bens particulares era conhecido pela liberalidade com que auxiliava a pobreza necessitada e pela distribuição de bons livros aos ministros não-conformistas, mais jovens. Quando enfermo pela última vez, disse: “Não tenho dúvidas, nem sombras de dúvida. Tudo está claro entre Deus e minh’alma. Ele aprisiona Satanás; este não pode perturbar-me.”

Susana participava da fé serena de seu pai, porém discordava de suas opiniões eclesiásticas, estando convicta por suas leituras e meditação, até mesmo antes de seus vinte anos, de que o método da Igreja Anglicana (High Church) era mais acertado que o dos Dissidentes, no qual seu pai se firmava.

Muito moça, casou-se com o Rev. Samuel Wesley, recentemente diplomado em Oxford. O Rev. Samuel era filho e neto de ministros

dissidentes, mas tinha de sua parte, agora, profunda convicção na atitude da Igreja Anglicana. O Sr. Wesley era clérigo muito operoso, cuja sorte invariável era ser nomeado para as paróquias distantes das cidades, que não podiam quase sustentá-lo financeiramente, e que absolutamente não apreciavam sua cultura e apurado gosto. Os últimos 38 anos de sua vida passou-os em Epworth, cidade do Norte de Lincolnshire, entre povo rude, inteiramente indiferente ao seu ministério, e que de quando em quando davam expansão ao seu temperamento selvagem, insultando seus filhos, ferindo seu gado, estragando as plantações, e, por duas vezes, até lhe incendiaram a cabana. De tais perturbações da paróquia sabia esquecer-se, retirando-se para o seu gabinete de estudos, em que tinha grande prazer. Vários livros que produziu, entre os quais, uma versão poética das Escrituras, e um esmerado estudo: “Dissertação sobre o livro de Jó”, foram dedicados aos Soberanos que reinavam na ocasião e a uma longa lista dos aristocratas, conforme o costume da época. Seus livros, todavia, estavam ainda para vir a lume. Assim ocupado, o Sr. Wesley contentava-se em deixar à sua esposa, sobremodo competente, a direção completa do lar, especialmente a educação dos filhos.

O berço da paróquia de Epworth balança sem cessar, pois anualmente nascia um pequerrucho, ainda que nem sempre vingasse aos rigores do primeiro inverno, pois de todos, que eram dezenove, somente nove sobreviveram. Acresce ainda, diz-nos a mãe, que os pequenos, “quando alcançavam a idade de um ano (e alguns até antes), aprenderam a temer a vara e choravam suavemente, por cujo meio adiantavam abundante correção que teriam de outra forma... e aquele barulho desagradável de crianças choronas raramente se ouvia em casa; vivendo a família, em geral, em tão grande silêncio que parecia não haver criança entre eles. “Cada um dos filhos, logo que pudesse falar, aprendia a oração dominical e habitualmente a repetia de manhã e à noite.” “Nenhuma das crianças”, diz a mãe, “aprendeu a ler antes dos cinco anos. Ao completar cinco anos, no dia do seu aniversário, e só no prazo desse dia, cada criança deveria aprender o alfabeto e o faziam, maiúsculas e minúsculas, com exceção de Molly e Nancy, que levaram um dia e meio para aprender; pelo que julguei-os brancos”. Em seguida começavam as lições de leitura, usando a Bíblia como o primeiro livro e o primeiro capítulo de Gênesis, a primeira lição: “No princípio criou Deus os céus e a terra.” A escola funcionava diariamente na paróquia, sendo a mãe a diretora e as crianças

maiores, professoras das menores. (Isto aconteceu muito antes das escolas públicas diárias). Não se permitia qualquer interrupção das 9 às 12 e das 14 às 17 horas. A alimentação era muito frugal, as crianças quase não conheciam o gosto da carne. Alimentavam-se de verduras, leite e pão; certa vez disse João Wesley “que, mesmo desses alimentos, havia escassamente”! Dinheiro nunca houve em abundância no lar, e parte dele fora gasto em livros quando talvez devesse ser em mantimentos. As dívidas se acumulavam sobre o bom ministro e os endividados passavam mal naqueles tempos! Pela dívida de poucas libras um homem poderia ser aprisionado. Algumas vezes o reitor ausentava-se da paróquia por causa de negócios da mesma, em Londres; mas outras vezes, porque ficava preso, pois não podia satisfazer aos seus credores. De uma feita, o Arcebispo Sharp visitava a paróquia. Teve, sem dúvida, provas de grande pobreza.

“Diga-me, Sr.^a Wesley”, disse ele, “se já lhe tem faltado o pão.”

“Meu senhor”, replicou a dama, com perfeita calma, “digo a V. Revma., com toda a liberdade, que, falando verdade, nunca me faltou o pão, mas tenho tido tanto trabalho em consegui-lo, antes de comê-lo, e pagá-lo depois, que muitas vezes se tem tornado muito desagradável para mim. E julgo que em conseguir pão nestas circunstâncias nos tornamos quase tão desgraçados como se não tivéssemos nem sequer migalha do mesmo.”

“Certamente, a senhora tem razão”, replicou o Arcebispo e fez-lhe uma dádiva, que mais tarde foi motivo por que dissesse: “Tenho razão para crer que minha ponderação o fez refletir seriamente”.

A Sr.^a Wesley bem sabia o quanto lhe custaram os sacrifícios que fez nos melhores anos de sua vida, para a educação de seus filhos. Em certa ocasião escreveu: “Ninguém, sem renunciar o mundo, na mais pura acepção da palavra, observará o meu método; e há poucos, se houver alguém, que dedicariam vinte anos, na flor da vida, na esperança de salvar a alma de seus filhos, que pensam possa ser salva sem muito trabalho - pois essa foi a minha intenção principal, apesar de ter sido realizada deficientemente.”

Disse-lhe seu marido em certo momento: “Fico maravilhado com tua paciência. Já falaste vinte vezes a mesma coisa àquela criança”. Replicou ela: “Se tivesse falado dezenove vezes somente, teria perdido todo o meu trabalho. Vês que a vigésima vez coroou de êxito o trabalho.”

João Wesley (batizado João Benjamim), o 15.^o filho de Samuel e Susana, nasceu em Epworth, em 28 de junho de 1703.

O primeiro acontecimento doméstico que elevou o pequeno João Wesley sobre seus irmãos e irmãs foi o incêndio da casa pastoral na noite mais fria do inverno de 1709. A palha da choupana fora provavelmente incendiada por algum perverso que tivesse incompatibilidade com o ministro, e assim a casa velha ficou em cinzas rapidamente. As pessoas mais idosas estavam no andar térreo e fugiram de pijama para o pátio que estava coberto de neve e varrido por vento cortante; cinco crianças, inclusive Carlos, de catorze meses de idade, dormiam no sótão. A pajem agarrou a criança e desceu correndo a gritar aos outros que a seguissem. Mas, no atropelo, esqueceram-se de João, de seus cinco anos, e deixaram-no dormindo. Nervoso, o pai, no pátio, contava os filhos preciosos, e deu por falta do menino dos cabelos em cachos de fogo. Voltou, arremessando-se contra a fumaça, mas, encontrando a escada em chamas, perdeu a esperança. Ajoelhando-se, encomendou a Deus a alma querida de João. Nesse momento o menino despertou e viu as labaredas acima de sua cabeça. Com presença de espírito muito além de seus anos, pôs uma caixa perto da janela, subiu e gritou por socorro. Os vizinhos corajosos fizeram uma escada humana e salvaram-no pela janela precisamente no momento em que o teto desabava. Fora ele “arrancado do fogo como um tição”, episódio que o impressionou por toda a vida. Anos depois mandara gravá-lo em um de seus retratos. Quanto à sua mãe, daquela hora terrível em diante, se convencera de que a vida do filho lhe fora preservada, porque a Providência tinha grande obra para que ele fizesse. Seus sentimentos cristalizaram-se na seguinte meditação:

“Eu te ofereço a mim mesma, e tudo o que me tens dado, e resolvo, oh! dá-me graça para fazê-lo!, resolvo que o resto de minha vida seja dedicado ao Teu serviço. Tenciono cuidar mais particularmente da alma desta criança, que misericordiosamente proveste, e muito mais que tenho feito até ao presente; procurarei introduzir em seu espírito os princípios da Tua verdadeira religião e virtude. Senhor, dá-me graça para fazê-lo sincera e prudentemente, e abençoa-me os esforços com bom êxito.”

Nesse tempo a Sr.^a Wesley a tal ponto se impressionara com a história da devoção missionária que começou a dar mais ênfase à religião em sua escolinha, em seu lar. Ela guiava as crianças no cântico do hino de abertura e introduziu o hábito de conversação direta e individualmente com as crianças sobre o assunto da religião pessoal. Dos esboços que preparou para tais exercícios alguns foram

preservados. Cada criança tinha uma noite especial para estas palestras com sua mãe, sendo quinta-feira a de João Wesley, conforme recordação feita por ele numa carta que a ela escreveu anos mais tarde, de Oxford. A esposa do pároco avançou ainda mais. Começou a realizar reuniões na cozinha da casa pastoral reconstruída, às quais não somente seus filhos eram bem-vindos, mas também os vizinhos, a quem, diz ela, “discursava livre e afetuosamente.” A novidade e o valor das reuniões atraíram grande número de ouvintes. Um resultado imediato foi estabelecer ligação entre a família do ministro e o povo da cidade. “Vivemos agora na maior amizade possível”, comentou ela, o que foi realmente, mudança radical. Porém, seu marido, anglicano, que estava em Londres, numa de suas reuniões periódicas, ficou alarmado com os relatórios que lhe chegaram, dizendo haver reuniões, sem permissão, fora da Igreja, e que uma pessoa não “ordenada” - sua própria esposa! - estava pregando a grandes congregações. Um dos portadores da notícia era oficial da paróquia. O Sr. Wesley receou que tais reuniões fossem de natureza ilegal. Protestou à sua esposa e aconselhou-a energicamente a que cessasse com o trabalho. Mas Susana ficou firme e escreveu-lhe: “Ninguém aqui protesta; ninguém me falou algo contra a obra. Crês que o que te dizem seja razão suficiente para reprimir um movimento que já tem feito tanto bem, e pode, com a bênção de Deus, fazer muito mais?” Entretanto, respeitosamente, mas com firmeza notificou ela ao Sr. Wesley que se propunha a continuar as reuniões, a não ser que ele “definitivamente lhe ordenasse” o encerramento delas. Isto, porém, refletindo criteriosamente, achou melhor não fazer.

A carta de Susana era afirmativa, tão ousada, inflexível e judiciosa, como seu filho, João, escreveria trinta anos mais tarde, quando bispos e outras personagens salientes da Igreja lhe solicitavam desistisse de irregularidades, tais como pregações noutras paróquias além da sua, e prédicas ao ar livre. Na verdade ele era filho e em tudo reflexo de sua mãe!

Apesar de ser o pai dos Wesleys de mentalidade diferente da de sua esposa, estava muito acima da capacidade do ministério de sua época. Era homem piedoso e não um daqueles caçadores de raposa a escandalizarem muita gente naquele tempo. Era sincero, consciencioso, e ministro leal, ainda que profundamente imbuído de seus empreendimentos literários fúteis; negligenciando assim, de certa maneira, a casa pastoral, ou a paróquia. Mui pouco do pai se pode notar no filho, a não ser o verdadeiro amor pelos estudos,

certa inclinação poética e o hábito de escrever para a imprensa. João não tinha uma qualidade desejável de seu pai: a veia humorística. Depois do incêndio da casa pastoral, o Sr. Wesley escreveu: “Temos agora pouco mais que Adão e Eva quando começaram o seu lar.” Podia fazer alusões humorísticas às demonstrações hostis de seus paroquianos bárbaros: Cumprimentavam-me toda a noite com tiros e tambores. Conta-se-lhe uma anedota de natureza mais ou menos questionável, que em certa ocasião, encontrando-se na companhia de poucas pessoas, fora convidado a almoçar em casa do avaro de Epworth, que jamais estendera tal hospitalidade a quem quer que fosse e que aos hóspedes provocou estrepitoso riso, improvisando assim:

*Mui grato por esta festa,
Que de certo,
Repete agora a nós todos
Novo maná no Deserto.
Exerce aqui magra fome
Tão vastas operações
Que mal se alenta já corre
Com medo das emoções.*

*Entanto, aqui, que surpresa,
Pois, mais do que pode a crença
De verdadeiro cristão,
Temos visto um prato à mesa,
Que sem muita diferença
É carne pra multidão.
Esteve o forno em labores,
Como nunca esteve outrora;
Também jamais comeremos
Onde almoçamos agora.*

Com as preocupações de numerosa família, com um marido, que, a despeito de suas virtudes, pouco auxiliava na provisão das necessidades mais prementes, parece-nos quase impossível que a Sra. Wesley pudesse dar tempo aos livros ou à meditação. Entretanto ela o fez, e quando seus filhos amados partiram do ninho de Epworth e estavam face a face com os mais graves problemas na escola e na Universidade, era mais à mãe que se dirigiam do que ao pai, pedindo conselhos, e raramente em vão. No século XVIII, a cultura mais aprimorada à mulher era desconhecida, muito mais no século XVII, quando as irmãs de Susana formavam seus hábitos intelectuais. Mas em substância e forma as cartas da Sr.^a Wesley aos seus filhos,

em Oxford, estão no mesmo plano com as das mulheres universitárias da atualidade. Seu estilo claro, judicioso e solene, constitui modelo de excelência, como se colhe de traços tão notáveis nas cartas e “diário” de seu filho mais ilustre.

À sua mãe deve João Wesley aquele gênio para a ordem e “método” que fora básico em seu acentuado êxito de organizador e guia. Dela, aprendeu aquela compostura e elegância que o distinguia na companhia de qualquer pessoa. Dela, absorveu aquele ar de serena autoridade que o fez mestre de tantas circunstâncias difíceis, e persuadiu a obediência de tantos homens de temperamentos tão diferentes. Mostrou ela, em sua vida diária, como resultados de primeira ordem se podiam tirar de materiais de segunda classe, o que muitas vezes era o problema de Wesley no desenvolvimento da organização metodista. De Susana, herdou a “vontade de aço”. Acima de tudo foi seu preceito e exemplo que o auxiliaram em sua resolução suprema de tornar sua vida aceitável a Deus e útil ao próximo.

Susana Wesley tem lugar merecido no grande vitral da Catedral de Liverpool, destinado a homenagear as mulheres mais santas dos séculos cristãos. Mas não é exagero afirmar-se que a carreira de seu filho foi o principal argumento para a sua escolha. João Wesley foi sua obra-prima e seu diploma na arte da maternidade cristã!

CAPÍTULO III

NA ESCOLA E UNIVERSIDADE

Entre 1714, quando João Wesley, com dez anos, partiu de Epworth para estudar num famoso internato, durante seis anos, em Londres, e 1729 quando o vemos guia fervoroso e hábil dos metodistas de Oxford, quinze anos se passaram, no decurso dos quais o moço, cuja meninice fora passada em grande parte na companhia de sua mãe e irmãs, ficara exposto a várias influências da vida em dormitórios de escolas públicas e Universidade. Sigamolo da melhor maneira possível.

O pedido de seu pai ao Duque de Buckingham, então Lord Chamberlain da casa real, foi atendido, e Wesley entrou para a Escola Charterhouse, aos 28 de janeiro de 1714. Pouco sabemos a respeito dos seis anos que lá passou, não obstante ser bem conhecido o regime das escolas daquela época. Essa escola, fundada em 1611 por Thomas Sutton, ocupava edifícios antigos que formavam parte de um antigo mosteiro e acomodava cerca de 100 rapazes. Os alunos mais jovens eram brutal e tiranicamente maltratados pelos mais adiantados, e forçados a fazer toda a sorte de trabalhos manuais e serviços humilhantes. João carregou sua cruz, sem se queixar; nunca tivera o luxo de ser servido. Conservou sua saúde seguindo os conselhos paternais; corria três vezes diariamente, de manhã, em redor do campo da escola. Graças à disciplina doméstica progredia muito em seus estudos. Ele mesmo confessa, entretanto, que deixara de seguir o padrão estrito, religioso, da casa pastoral. Mui fraca era a influência da escola para promover a piedade pessoal. Olhando para os anos passados, depois de sua notável experiência religiosa, disse de si mesmo: “Removidas as restrições externas, tornei-me mais negligente que antes, mesmo nos deveres externos, e quase continuamente culpado de pecados externos, ainda que não fossem escandalosos aos olhos do mundo. Não obstante, ainda lia as Escrituras, e orava de manhã e de noite. E os princípios pelos quais esperava salvar-me eram: “1. Não ser tão ruim quanto

outras pessoas. 2. Ser amável para com a religião. 3. Ler a Bíblia, ir à Igreja e orar.”

João Wesley não era o único colegial fora de casa, cuja esperança de salvação se firmasse em princípios mais sólidos que estes! Não há cartas de Wesley neste período da escola de Charterhouse, porém, doutras fontes se tem informações, de como o rapaz se portava com lealdade aos seus princípios. Numa carta confortadora, seu irmão Samuel, então professor na Escola Westminster, escreveu a seu pai: “Meu irmão João, posso assegurar-vos fielmente, vos anima para que tenhais um terceiro filho (Carlos) culto; João é rapaz corajoso, e aprende o hebraico tão depressa como pode.”

A mais estupenda notícia de sua casa que os rapazes tiveram em Londres, era relativa ao “espírito da casa pastoral”, que se tornou conhecido na família como “velho Jeffrey”. Esses barulhos em Epworth causaram permanente impressão em João. A casa estava cheia de chiados, ais e batidos indescritíveis. Os criados diziam ouvir gritos estridentes, semelhantes aos de um peru, e que viam moínhos de mão virando como se estivessem sendo movidos por mão invisível. Copos, baixela de estanho, e louça de barro, no guarda-comidas batiam uns nos outros e se partiam, quando ninguém estava perto. As portas não se abriam, ou quando iam ser fechadas, resistiam como se estivessem dominadas por grande força invisível. Algumas vezes o barulho era em série, como se obedecesse a um código de sinais. Os criados ficavam aterrorizados; até mesmo o velho cão de casa se abaixava e gemia como que em face de algo além de seu alcance. A família se maravilhava, mas em calma, e com o passar do tempo, acostumaram-se aos pulos do “velho Jeffrey” como a irmã Emily apelidou o misterioso visitante, e zombava de suas manifestações esquisitas. Até mesmo a mãe, ponderada, chegou a pensar, vira a “coisa”. As vezes era semelhante a um “texugo cinzento”, outras vezes, na “forma de um coelho branco”. O barulho atingia o auge durante as orações matinais, quando o ministro lia a oração em favor do rei. As crianças afirmavam que isso acontecia porque o “velho Jeffrey” era Jacobita em política. Não sabemos a origem desses barulhos, porém, é certo que tudo aconteceu. Algo estranho teria ocorrido na casa pastoral, em 1716-17. Dez anos mais tarde, estando João Wesley em Oxford, esforçou-se para conseguir toda a evidência possível, mas convenceu-se de que o barulho era de origem sobrenatural. O incidente, sem dúvida, confirmou sua tendência favorável a

estranhos fenômenos psíquicos e a dar crédito ao sobrenatural. Pouco depois de entrar em Oxford, Wesley escreveu à sua mãe a respeito de uma “casa perseguida” pelos espíritos, que ele se propunha investigar. Mais ou menos no mesmo tempo pedia a opinião materna sobre a aparição de um “espírito” a um dos estudantes no mesmo momento, como se verificou mais tarde, em que a mãe do jovem morrera na Irlanda. A resposta perspicaz de Susana Wesley merece ser transcrita:

Querido João:

A história do Sr. B. tem-me trazido curiosas especulações. Não ponho dúvidas sobre o fato, mas não posso entender por que essas aparições se dão. Se falassem conosco e tivéssemos forças para manter conversações com elas; se tivessem informações para nos transmitir com referência ao seu mundo invisível, e que nos fossem de valor neste mundo; se nos instruissem a evitar o perigo, ou se nos tornassem mais sábios e melhores, haveria certa razão em tudo isso; porém, aparições, sem qualquer fim em vista, somente para atemorizar o povo, parece-me coisa inteiramente desarrazoável.

Provavelmente esta carta representa também o pensamento judicioso da mulher sábia sobre o ridículo do espírito de Epworth.

Foi Wesley, o rapaz de Charterhouse, quase pronto para ingressar na Universidade, que levou uma carta de seu pai ao Dr. Henry Sacheverell, famoso pastor e jornalista londrino e amigo de seu pai. Seu relatório do encontro mostra quão pouco pensava Wesley do famoso pregador, pois escreve: “Achei-o alto como um mastro e tão orgulhoso como um arcebispo. Eu era pequeno. Disse-me ele: “Ês demasiado jovem para entrares na Universidade. Ainda não podes conhecer o grego e o latim. Volta para a escola.” Olhei-o como Davi e Golias e desprezei-o em meu coração. Se eu não souber grego e latim melhor que tu, devo, na verdade, voltar para a escola!”

Estes são alguns aspectos do rapaz Wesley. Mas sabemos que era popular com seus professores e teve notas altas e, quanto ao caráter, distinção. Sabemos também que a velha escola exerceu grande influência em seu espírito, e que gostava de visitá-la e passear por suas alamedas e contemplar o terreno em que corria quando estudante. Recentemente um dos professores daquela escola disse com orgulho: “Consideramos João Wesley como o maior de muitos de nossos diplomados, entre os quais figuram os nomes do poeta Addison, do novelista Thackeray e Baden-Powell, o chefe dos Escoteiros do Mundo!”

Na representação da escola, em 1922, prestou-se a Wesley o seguinte tributo:

*Era um dos de nossa companhia
Wesley, João Wesley.*

*Qual profeta incansável, longos anos,
Intimorato sempre, e sem canseiras,
Trabalhando passou, com alegria,
Servindo a Deus com fé, sem desenganos,
Em múltiplas carreiras.*

Anualmente a escola de Charterhouse enviava quatro de seus melhores estudantes para a Universidade com uma bolsa de quarenta libras, equivalente a 800 dólares atualmente. Foi grande a alegria de seus pais quando souberam que João Wesley fora distinguido com essa honra e com justo orgulho em sua vitória matriculava-se em Oxford, em 1720, com apenas dezoito anos.

Libertado para as pastagens verdejantes e as ricas bibliotecas de uma grande Universidade, depois de engaiolado durante dezessete anos na casa pastoral de uma cidadezinha ou circunscrito aos limites de Charterhouse, deveria ter-se impressionado Wesley como se passara a um paraíso. Progredia em seus estudos na maioria nas línguas antigas, ajudados do francês, da lógica, filosofia e matemática, estando as ciências naturais ainda em sua infância. Observatórios, museus, laboratórios de química e física não faziam parte do equipamento universitário. Mas Wesley lia muito: romances, dramas, novelas de aventura. Como seu pai, e irmãos, e algumas de suas irmãs, inclinou-se para a poesia: original, imitativa e traduções de Horácio e outros antigos. Alguns destes trabalhos enviou à sua mãe, que era sua confidente e crítica. Não o desaprovou inteiramente, porém, aconselhou-o a que não fizesse da poesia a sua carreira; deveria ser-lhe apenas distração. Pediu-lhe, pois, que de “preferência lhe enviasse poesias sobre assuntos religiosos”. Depois de um ano de respiração nos ares livres da Universidade, notam-se sinais de mudança no jovem estudante. Reconheceu que apesar de sua vida correr agradavelmente, desperdiçava o tempo, e “desperdício” era palavra que não se encontrava no “dicionário de Epworth.” Leal ao sistema de sua mãe, organizou e escreveu um programa para economizar o tempo e metodizar seu trabalho. Tal plano, mais tarde, foi muito desenvolvido e seguido quase todo até ao fim da vida.

As cartas de Wesley para casa durante os quatro anos em Oxford, semelhantes às de muitos estudantes, mostram que estava

em necessidade crônica de dinheiro, apesar de não ser Epworth lugar favorável para o conseguir. Seus débitos na Universidade eram pequenos em comparação ao espectro ameaçador que sempre andava atrás do reitor. Referiu-se finalmente à sua saúde que estava abalada, e que lhe trouxe e à sua mãe sérias preocupações. Frequentemente fazia a família rir, relatando-lhe os incidentes da vida universitária. Mas a respeito de religião raramente se referia naqueles tempos, não obstante saber que nada causaria tanta satisfação à sua mãe quanto o assunto de religião, pois que ela quase sempre terminava as suas cartas afetuosas com esta oração: “Querido João, peço a Deus Todo-poderoso que te abençoe.”

Certo companheiro de Wesley, desse tempo, dele se recorda “como um colega sensato e perspicaz, um jovem do mais apurado gosto pelos estudos clássicos, e imbuído dos sentimentos mais nobres e liberais.” Conquistou muitas amizades nos círculos acadêmicos e gostava de argumentar com os colegas, enquanto tomavam chá, vencendo-os com seu pensamento rápido e sua habilidade lógica. Com referência às suas convicções religiosas, ele mesmo escreve a seu respeito: “Ainda proferia minhas orações, em público e em particular, e lia, com as Escrituras, vários livros sobre religião, incluindo comentários do Novo Testamento. Entretanto, ainda não tinha, durante esse tempo, nem sequer noção do que fosse santidade íntima; tolerava-me habitualmente em alguns pecados conhecidos, apesar de interrupções e breves lutas especialmente antes e depois da Santa Ceia, que era obrigado a tomar três vezes por ano.”

Para os fins de 1724, tendo então vinte e um anos, começou Wesley a pensar mais seriamente a respeito de sua carreira futura. Seus antepassados eram clérigos, e naturalmente considerou a carreira do ministério. Seu pai alegrou-se muito com isso, mas fez ver ao filho que não fosse “ordenado” simplesmente como um meio de vida fácil, “como os filhos de Eli, para comerem pão.” Não devia apressar-se, mas preparar-se com o estudo de línguas antigas, de modo que tivesse o conhecimento crítico do texto bíblico. Já não pensava assim Susana. Escreveu ela: “Infelizmente teu pai e eu raramente pensamos do mesmo modo”. Ela cuidava que Wesley não deveria perder tempo e ordenar-se “diácono”. “Teu pai”. escreveu ela, “difere de mim e gostaria que te aplicasses aos estudos críticos, que de algum proveito de certo, não são todavia preferíveis ao outro.” “Peço fervorosamente ao Senhor que te não permitas absorveres em estudos sem importância e negligenciando os

absolutamente necessários.” Teria ela em mente, seu marido pedante, preocupado e entregue aos políglotas e às gramáticas e desprezando a Palavra da Vida, da qual o povo comum estava em tão grandes necessidades?

Desse tempo em diante, Wesley começou a estudar teologia, diligentemente. Visto que necessitava limitar-se na matéria de estudos, aceitou o conselho materno e apurou-se em teologia. Suas cartas, então, eram cheias de perguntas e discussões sobre doutrina. Estava lendo Jeremias Taylor e Thomas à Kempis com uma compreensão admirável. “Se estivesse decretado infalivelmente desde a eternidade que certa parte da humanidade se salvaria e ninguém mais, e uma grande maioria nascesse para a morte eterna, sem mesmo a possibilidade de evitá-la, estaria isto de acordo com a justiça divina, ou a misericórdia? Será misericórdia prescrever a uma criatura a miséria eterna? Que Deus fosse o autor do pecado e da injustiça... é uma contradição das idéias mais claras que temos a respeito da natureza e da perfeição divinas.” Sua mãe a tudo respondeu em longa carta aprovando o argumento de seu filho. Ela admitia que “Deus, desde a eternidade, elegera alguns à vida eterna”, mas isto por causa de sua onisciência e sabedoria. Wesley gostou da argumentação de Susana e usou-a em um de seus famosos sermões sobre o assunto.

Nesse tempo conheceu uma jovem de sua idade, irmã de um colega, travando com ela relações. Ficou ela admirada de sua inteligência brilhante e conversava e auxiliava em seus problemas religiosos. Chamava-se Betty Kirkham, moça bela e filha de um ministro evangélico. Por meio da família Kirkham, travou relações também com a senhora Pendarves, inteligente, rica e aristocrática, interessada vivamente em questões religiosas. Wesley manteve correspondência com ela, durante vários anos, assinando-se “Cyrus” e dirigindo-se a ela por “Aspásia”, conforme o sentimento e hábitos do tempo. O sentimentalismo e estilo florido dessas cartas são singulares.

Em abril de 1725 escreveu o primeiro pensamento em seu admirável “Diário”, precursor do mais famoso “Jornal”. Escrevera em linguagem que só ele compreendia e na primeira página estão estas: “Regras e Resoluções:

REGRA GERAL PARA TODAS AS AÇÕES DA VIDA

“Quando tiveres de realizar qualquer ação, considera como Deus a fez, ou como a faria; imita o Seu exemplo.”

REGRAS GERAIS PARA EMPREGAR O TEMPO

1. Começa e termina o dia com Deus; e não durmas descomedidamente.
2. Sê diligente em tua carreira.
3. Emprega todo o tempo de lazer, se possível, na religião.
4. Todos os feriados são dias santificados.
5. Evita os bêbados e intrigantes.
6. Evita a curiosidade e toda ocupação e conhecimento inúteis.
7. Examina-te cada noite.
8. Nunca permitas, sob qualquer hipótese, que passe um dia sequer sem que tenhas pelo menos uma hora para a tua vida devocional.
9. Evita a paixão.

Desse tempo em diante podia na verdade afirmar: “O lazer e eu nos separamos, e nunca mais nos encontraremos, senão quando eu parar de trabalhar, deixando de viver.”

Também por esse tempo uma pessoa a quem ele não conhecia, a qual encontrou no campo, advertiu-o de que não procurasse satisfação religiosa na vida reclusa, como talvez se inclinasse, estando desgostoso com algumas de suas experiências no mundo, especialmente com os camponeses rudes que compunham a paróquia Wroot de seu pai, aos quais, de quando em quando, ministrava: “homens cuja conversa é apenas sobre gado; que pouco se interessam pela religião, ou raciocínio; e só têm juízo para fumar, beber e lisonjeá-lo”. O conselheiro desconhecido acrescentou ainda: “A Bíblia não sabe nada a respeito da religião solitária. Esforça-te para teres companheiros, ou faze-os.”

Entre os livros que estimularam a fé crescente dos Wesley, notamos *A Vida de Deus na Alma do Homem*, de Scougal. Carlos ofereceu um exemplar do livro ao jovem George Whitefield, em Oxford, que desta maneira expressa o seu reconhecimento em palavras memoráveis: “Enquanto lia que a verdadeira religião era a união da alma com Deus, ou Cristo formado dentro de nós, um raio de luz divina repentinamente brilhou em minha alma, e, daquele momento em diante, tive a convicção de que devo ser nova criatura... Apesar de ter jejuado e orado e tomado a Santa Ceia durante tanto tempo, não sabia contudo o que era a verdadeira religião até que Deus me enviou aquele livro excelente pelas mãos de meu amigo inesquecível.”

Recebeu Wesley as ordens de Diácono em 1725 e as de presbítero em 1728, começando a pregar, à medida que as

oportunidades se lhe apresentavam e ocupando já o púlpito da Catedral. Nesse tempo fora eleito preceptor em Lincoln (Universidade de Oxford), e várias vezes auxiliava seu pai em Epworth e Wroot. O velho progenitor reconhecia que seus dias estavam já contados. Escreveu: “O tempo me tem sacudido pela mão e a morte não está longe.” Desejoso de ter o sustento garantido à sua esposa, após sua morte, e conservar a paróquia nas mãos da família, apelou para seu filho mais velho Samuel, a fim de que se tornasse seu sucessor. Mas Samuel era professor em Tiverton, na escola de Blundell e não podia renunciar. Quando o pedido foi feito a João, respondeu com 26 razões por que seria melhor para sua alma permanecer na Universidade, onde as oportunidades para sua cultura eram ilimitadas. O velho não podia conformar-se com essa maneira de raciocinar. Daí escrever a seu filho: “Não é o amado *eu*, mas a glória de Deus... que deveria ser a nossa principal consideração. 2. Suponhamos que pudesses santificar-te mais em Oxford, mas isso não significaria que somente em Oxford poderias promover a santidade noutros. 3. Não aceito a austeridade ou o jejum, como atos de santidade em si mesmos; nem tampouco a vida solitária. Deus nos fez para uma vida social. Devemos deixar a nossa luz brilhar perante os homens com toda a sua força e não recear que o vento possa apagá-la.” O ancião argumentava melhor, mas seria uma calamidade se João tivesse ficado sepultado em Epworth. João quis sucedê-lo em Epworth, mas já era tarde. Os dois irmãos foram de Oxford para orar ao leito de morte de seu pai. A João ele disse: “O testemunho íntimo, meu filho, esse, é a prova, a prova mais forte do Cristianismo.” Colocando sua mão na cabeça de Carlos, que chorava, disse: “Sê firme! A fé cristã sobreviverá neste Reino. Vê-lo-ás ainda que o não veja eu.”

Após o sepultamento de seu pai no pátio da igreja, os filhos voltaram para Oxford. Ambos tinham, então, colocação acadêmica, e ganhavam o suficiente para manter o conforto de solteiros. João anotou como encarava o futuro, na primavera de 1735: “Tenho obtido agora”, diz ele, “o que há muito desejava, companhia de amigos (o Clube Santo) que me eram a própria alma, estabeleci o meu descanso, estando perfeitamente resolvido a viver e morrer neste doce retiro.”

O homem propõe e até delibera minuciosamente a respeito de sua vida, mas Deus dispõe. Pouco imaginava João Wesley que um conjunto de sucessos conspiravam para, dentro de poucas semanas, acabar de vez com esse “doce retiro” e arrancá-lo e a seu irmão do

círculo acadêmico e transportá-los através do mar às florestas do Novo Mundo e, ainda, que os esperava profunda experiência espiritual da qual sairiam laureados da maior fama, de guias do despertamento religioso mais significativo e influente dos tempos modernos.

CAPÍTULO IV

O FIASCO NA GEÓRGIA

Em 14 de outubro de 1735, seis meses após a morte de seu pai, João e Carlos embarcaram para a América do Norte, no “Simmonds”, de 250 toneladas. Iam como missionários, especialmente aos índios, em conexão com a Colônia de Geórgia, a qual promovia o coronel James Oglethorpe, filantropo e membro do Parlamento, a fim de libertar os ingleses presos por dívidas e dar-lhes oportunidade de recuperarem suas fortunas no Mundo Novo.

Pouco depois do passamento de seu pai, seus filhos foram a Londres onde João se obrigara a apresentar à Rainha Carolina um exemplar do livro de seu pai *Dissertação sobre Jó*, a ela dedicado. Isto ele cumpriu. Enquanto esteve em Londres renovou a antiga amizade com o bom amigo de Oxford, Dr. John Burton. Como um dos diretores da Sociedade para a propaganda do Evangelho, Burton se interessou profundamente pelo movimento em Geórgia. Apresentou João a Oglethorpe, como homem ideal para dirigir a vida religiosa da nova comunidade. João sabia que o plano de Oglethorpe seria aprovado por seu pai, conhecedor que era até certo ponto da miséria das prisões aos endividados, e teria, ele mesmo, ido com a colônia, se sua idade e saúde o permitissem. João consultou William Law, e foi a Epworth para saber a opinião de sua mãe, a qual não hesitou nem um momento. “Tivesse eu vinte filhos”, disse ela, “e ficaria alegre se todos fossem empregados assim, ainda que nunca mais os visse.” Com isto, a despeito de suas 26 ponderações porque devia permanecer na Universidade em vez de ser pároco de Epworth, prontificou-se a ir à Geórgia. Carlos foi nomeado secretário de Oglethorpe e foi ordenado clérigo. Benjamim Ingham, do Clube Santo, foi também, como igualmente Carlos Delamotte, jovem e grande admirador de Wesley.

Antes de embarcar, escreveu Wesley: “Meu principal objetivo é a esperança de salvar minha própria alma. Espero compreender o verdadeiro sentido do Evangelho de Cristo, pregando-o aos

pagãos, que não têm comentários para desviar o sentido do texto; não têm filosofia vã para corrompê-lo; não têm expositores sensuais, egoístas e ambiciosos para suavizar suas verdades severas. Eles, os índios, são como crianças, humildes, dispostos a aprender e a fazer a vontade de Deus". A vida simples do novo desafio apelou para a sua imaginação: "A pompa e ostentação deste mundo não têm lugar no mundo da América". Onde ninguém fosse rico, estaria a gente livre "do amor ao dinheiro e todas as vis atrações que provêm dele". Sentiu-se convicto de que "Se eu mesmo me converter, Deus, então, me usará para fortalecer meus irmãos e pregar em seu nome aos gentios". (É interessante observar que Wesley, fazendo revisão deste pensamento para outra edição de suas obras, inseriu a palavra "completamente" depois de converter). Santidade e perfeição cristã eram o objetivo supremo de sua pesquisa espiritual em Oxford. Era o seu principal argumento em sua recusa a sair da Universidade para ir à paróquia do interior a pedido urgente de seu pai. Tinha isso no pensamento desde que sobre o assunto lera o livro persuasivo de William Law. Todavia, agora apresenta-o como uma razão para partir não só de Oxford, mas também da Inglaterra: "Não posso atingir o mesmo grau de santidade aqui como lá. Não perderei nada do que desejo conservar. Terei ainda alimento e roupa; se qualquer homem desejar outras coisas, saiba que a melhor bênção que pode receber será a renúncia à realização desses desejos, os quais, se não forem rapidamente extirpados, lançar-lhe-ão a alma em perdição eterna."

A viagem começou na segunda semana, em dezembro, e durou 51 dias, varando longo inverno, num navio pequeno. No "Simmonds" e nos navios que o acompanhavam estavam o Coronel Oglethorpe e o grupo de Wesley, 570 colonizadores, a segunda emigração, composta principalmente de pobres endividados, e 26 alemães de Herrnhuth, comunidade Moraviana, do Conde Zinzendorf, que aceitaram a hospitalidade dos diretores da empresa de Geórgia. Wesley imediatamente começou a estudar alemão, a fim de conversar com estes moravianos, para ler sua literatura e tratar com eles de religião que lhes era assunto principal como o era de Wesley.

O guia dos Metodistas de Oxford começou logo a aplicar as fórmulas do Clube Santo à vida a bordo. Ele e seus três companheiros fizeram voto de vegetarianos e de abstinência total. Cada hora, desde as quatro da manhã até às nove da noite, tinha seu compromisso específico. As orações eram lidas em público

duas vezes por dia; os doentes eram confortados, tanto quanto possível, se é que o enjoado do mar tem conforto! Formaram-se classes para instrução religiosas; as crianças eram catequizadas, administrado o batismo e, antes de terminarem a viagem, o número dos comungantes se multiplicara cinco vezes. Oglethorpe teve boa impressão da evidência deste zelo. Quando os oficiais a bordo quiseram gracejar sobre os religiosos, Oglethorpe os repreendeu severamente, e disse-lhes que "os guias religiosos eram cavalheiros e deviam ser tratados como tais."

O "Simmonds" encontrou uma série de terríveis tempestades, em cujo desfecho descobriu João Wesley que sua religião não lhe diminuía o medo. Notou, além disso, que os companheiros de viagem, os moravianos, cantavam e oravam com absoluta calma, ainda quando o mar estava no auge da tempestade e do perigo. Eles andavam pelo navio, sem medo, auxiliando aqueles que não passavam bem. Wesley ficou profundamente impressionado com sua atitude em tais circunstâncias! Estes Dissidentes! "Não têm medo?" - interrogou ele. "Graças a Deus, não", disse o guia moraviano, "nossas mulheres e crianças não têm medo de morrer."

Savannah - seu destino, era povoação de cerca de vinte cabanas cuidadosamente construídas três ou quatro anos antes. Outras choupanas, Ebenézer, onde os alemães se alojaram; Darien, povoada de escoceses e um grupo mais de cabanas encontravam-se dentro de um raio de 160 quilômetros.

Ao sul estava Flórida, sob a bandeira da Espanha; ao nordeste estavam as cidades inglesas de Carolina, com léguas de charcos e florestas quase intransponíveis. O vasto interior estava repleto de índios - Creeks, Chetws, Cherokees e Chickasaws, hostis entre si e em confusão pelos emissários dos poderes europeus invejosos.

Um dos primeiros homens que Wesley encontrou em Geórgia foi Augusto Spangenberg, um guia dos moravianos. As perguntas penetrantes do alemão sensibilizaram-no profundamente. "Meu irmão", disse o moraviano, "tens o testemunho dentro de ti mesmo? O Espírito de Deus dá testemunho com o teu espírito de que és filho de Deus?" Wesley nunca fora interrogado daquela maneira. "Conheces a Jesus Cristo?", continuou. "Sei que Ele é o Salvador do Mundo." - "Sim", disse o moraviano, "porém, sabes se Ele te salvou?" Isto era precisamente o que Wesley ainda não sabia. Gaguejou: "Espero que tenha morrido para salvar-me."

- "Mas sabes disso, tu mesmo, pessoalmente?" prosseguiu o alemão.

- "Sei", disse o guia do Clube Santo, com reservas! Na verdade esta série de perguntas motivaram pensamentos que se não acalmaram senão em Aldersgate e que às vezes procuravam levantar-se mesmo depois de Aldersgate. Somente dois anos mais tarde, quando o episódio de Geórgia se tornara apenas uma recordação aflitiva, é que Wesley podia responder das profundezas de um coração abrasado: "Sei! Sei!".

Tinha de passar, ainda, por águas profundas, antes de pronunciar essa palavra com firmeza e confiança.

Durante um mês, até que se terminassem as obras da casa pastoral, João Wesley morou com os moravianos e confessou-se cativo de seu espírito. "Estavam sempre ocupados, sempre alegres e bem humorados uns com os outros; abandonaram toda raiva, e contenda, e amargura, e conversação má; andavam dignos da vocação para a qual foram chamados e adornavam o Evangelho de Nosso Senhor em todas as coisas." Havia aqui um fenômeno excepcional: vidas santificadas sem o auxílio de liturgias elaboradas e sem observância minuciosa de ritos eclesiais? Estas pessoas simples, fora da Igreja, mais felizes que ele em sua religião, ele o exemplar eclesialístico da Igreja Anglicana, com todas as suas credenciais, festas e jejuns! Era isto um fato que merecia profunda meditação. Ele mesmo testemunhou a consagração de um de seus companheiros (moraviano) como bispo da Geórgia num culto solene, mas simples, sem a liturgia e o luxo que se via, na Igreja de Santa Maria ou de S. Paulo, em Londres. Este incidente teria acaso vindo a sua mente, 50 anos mais tarde, quando ele mesmo consagrou o Dr. Coke por bispo da América e lhe deu autoridade para consagrar Francis Asbury para o mesmo cargo? Seria incompreensível, na verdade, que se não lembrasse do que ocorrera. Visto que não era possível uma aproximação aos índios, e estando os 700 colonos brancos sem um guia espiritual, João Wesley assumiu sua direção espiritual, realizando cultos no Foro de Savannah, pois que a Igreja ainda não estava pronta. Em breve foram feitas as regras e regulamentos. Orações públicas feitas três vezes por dia; batismo de crianças por aspersão; Santa Ceia todos os domingos; a Mesa do Senhor frangueada somente aqueles dos membros da Igreja, confirmados pelo bispo. Isto impediu até mesmo a Bolzius, o pedoso ministro alemão, de tomar a Santa Ceia. Anos mais tarde, recordando este incidente, Wesley sentiu-se envergonhado de sua intolerância e escreveu: Quantas vezes tenho sido vencido, desde aquele tempo, por meus próprios auxiliares!

Organizou um "círculo íntimo" do padrão de Oxford para cultura espiritual mútua. Quase todos eram alemães. Poucos ingleses levavam a sério sua religião.

Depois de algumas semanas, João foi chamado ao novo posto sul de Frederica, na Ilha de S. Simão, onde seu mano Carlos, inexpertente, se encontrava em certas dificuldades. O pequeno grupo de colonos não primava pela espiritualidade, antes predominavam entre eles, a inveja, a malícia e o escândalo. Carlos, para a observância religiosa, estabelecera regras que desagradavam ao povo descurado. Comentava-se que tinham de assistir às orações públicas tantas vezes, que os homens não podiam trabalhar. Não guardavam as regras visando a certos indivíduos. Duas mulheres, sem princípios, semeavam discórdia entre ele e Oglethorpe, de quem ele era secretário, e cujo trabalho Carlos achou tão desagradável que disse: "Se tivesse de escrever cartas seis dias, correndo, não o faria nem por toda a colônia de Geórgia." João ficou triste com a situação encontrada em Frederica. "Não há um homem, nem mulher na aldeia que preste atenção a uma palavra sequer que o senhor fale", disse um dos colonos. Uma senhora disse a Wesley que o povo se considerava Protestante; "quanto ao senhor o povo não sabe de que religião é. Nunca ouviram falar de sua religião." Alguns interpretam os ritos anglicanos como sendo "católicos" distorcidos. O resultado foi Carlos renunciar a secretaria e partir de Geórgia em agosto, e, chegando à Inglaterra em dezembro, ajoelhou-se e deu graças a Deus que o conduziu através de "situações tão inexplicáveis".

Carlos podia fugir, mas João era de material mais sólido. Perseverou em Savannah, ainda que preferisse ministrar aos índios. Porém o conhecimento mais esclarecido da situação desvaneceu qualquer miragem sobre a possibilidade de aproximação destes "filhos simples da natureza". Tomo-chichi era o grande chefe que Oglethorpe levava à Inglaterra para expô-lo perante seus contribuintes como exemplo de nobreza do índio. Mas as relações em Geórgia com os ingleses que se chamavam "cristãos" abriram os olhos dos índios. "Ah!" exclamou um índio, quando procuraram persuadi-lo a ser cristão: "Aqueles que estão em Frederica e em Savannah são cristãos. Os cristãos mentem, roubam e espancam os homens. Eu não quero ser cristão!" Wesley misto estava ante um dos piores e mais comuns obstáculos à prosperidade das missões: os atos pagãos dos assim chamados "cristãos". O chefe

índio podia chamar a atenção para as incoerências dos melhores daqueles cristãos. Por exemplo o mesmo navio que levou Wesley à Geórgia também levou 8 barris de cachaça, como presente aos índios, ainda que a colônia fosse oficialmente “seca” ou “abstinente”. Wesley tinha chegado à conclusão de que quase todos os índios eram “glutões, ladrões, mentirosos e assassinos”, até mesmo de seus próprios parentes. Não teve a mínima oportunidade para pregar-lhes o Evangelho, como sonhava, antes de estar face a face com a realidade.

Tal desapontamento não lhe abateu o zelo em fazer o bem a todos, a quem pudesse. Pregava, lia as orações, mantinha uma escola para as crianças na casa pastoral. Quantas vezes não teria pensado mesmo a respeito da pequena escola na casa pastoral de Epworth com suas irmãs e abençoada mãe, por professoras e o louvor que recebeu quando, em seu 5º aniversário, aprendera num dia todo o alfabeto. Visitava de casa em casa, ministrando conforto aos doentes, longe da pátria, e vigiando os numerosos órfãos, para os quais seu discípulo de Oxford, em breve, construiria um orfanato. Muitos assistiam às suas pregações e preleções semanais e foram grandemente beneficiados, porque Wesley se interessava e instruíra o povo. Sobre o país e seu trabalho, escreveu ele à sua mãe com real otimismo.

Mas o céu estava carregado de nuvens que apresentavam relâmpagos e raios.

A vida afetiva de João Wesley não estava em disciplina tão rígida como o corpo e o intelecto. Talvez suas relações sociais, restritas em sua mocidade, quando tinha poucas associações, a não ser com suas irmãs, e o intenso devotamento à sua mãe tenha algo com isto. Seu isolamento na escola de Charterhouse e em Oxford talvez lance ainda mais luzes para explicar suas deficiências neste ponto. Na presença de moças atraentes ele se tornava grandemente “susceptível”. Betty Kirkham, a irmã do acadêmico, seu colega, fora a primeira. “Aspásia” (a senhora Pendarves) a quem dirigia epístolas românticas e floridas era outra. No navio foi ele apresentado a senhoras casadas, cuja demonstração fingida em resposta ao seu interesse sincero pelo bem-estar espiritual de suas almas, ele tinha por verdadeira. Porém, foi em Savannah que sua atividade naufragou num romance infeliz.

Sofia Hopkey, sobrinha do Sr. Causton, conservador dos armazéns da colônia e principal magistrado, era bela, gentil, inteligente, e com apenas 18 anos. E lá estava o jovem ministro,

solteiro, bem educado, de conversação encantadora, singularmente belo e delicado e inocente como uma criança. Sua personalidade deveria ter brilhado em contraste com os seus patrícios desanimados e desterrados. Naturalmente Sofia assistia à igreja e arrolou-se em suas classes. Ele até lhe deu lições particulares de francês e foi muito comentado pelo povo quando a convidou para almoçar na casa pastoral, a fim de melhorar sua pronúncia. Sua afeição, sem dúvida, tornou-se-lhe mui grande, antes de notar o que estava acontecendo. Tinha então 33 anos, muito confiante em si mesmo, por várias maneiras, mas não nesta circunstância. Em teoria ele apregoava o celibato para os clérigos, porém, não quando estivesse na companhia de Miss Hopkey. Ela fascinou-o irresistivelmente e não rejeitava suas atenções. O tio Causton teria imaginado que uma aliança entre sua sobrinha e o pastor o auxiliaria aos olhos dos diretores de Geórgia em Londres, na hipótese de acontecer quaisquer irregularidades em suas contas, e chegarem ao seu conhecimento naquela cidade. Wesley hesitou em obedecer ao seu coração. Não ousou confiar em seu próprio juízo. Ogletthorpe, Carlos, Spangenberg, todos a quem poderia consultar estavam fora da colônia. Falou com o pastor alemão sobre o assunto, porém de maneira dúbia. Finalmente lançou sorte sobre sua felicidade. No papel que apanhou encontravam-se as seguintes palavras: “Não pense mais nisso.” Aceitou a solução, porém, com o coração despedaçado. Um ano mais tarde escreveu: “Ela era uma companheira como jamais esperava encontrar novamente, vivesse eu 1.000 anos duas vezes... O desejo de meus olhos, a alegria de meu coração, a única coisa na terra que eu desejava!” Tudo isto ele renunciara por causa de seu sentimento do dever para com Deus.

Miss Hopkey imediatamente se confortou, casando-se com um homem chamado Williamson, que, perante Wesley, “não era notável pela beleza, grandeza, espírito, cultura ou bom senso e ainda menos pela religião”. Era já bem delicada a situação, mas Wesley a piorou, escrevendo-lhe uma carta em que a acusava de “dissimulação deliberada” antes de seu casamento e negligência de seus deveres religiosos depois. Pouco depois notificou-lhe que não a admitiria à Santa Ceia, a não ser que tornasse público o seu arrependimento pela falta cometida.

Fazia dezessete meses que Wesley estava em Geórgia. Apesar de seus trabalhos incessantes e sacrifícios e o seu devotamento aos doentes e infelizes, não foi compreendido e se tornou impopular na pequena comunidade. Alguns odiavam-no porque ele resistira a

todos os esforços tendentes a anular a lei contra o álcool, e porque protestava contra a política dos fazendeiros para introduzirem o trabalhador escravo na América do Norte. A colônia de Carolina tolerava a escravatura; por que deveria Geórgia ficar em desvantagem? No incidente Hopkey, o Sr. Causton, o magistrado, viu oportunidade para ferir a reputação do pequeno ministro, justo e inflexível, e destruir sua influência e talvez expulsá-lo da colônia, o que seria uma repreensão a todos os malfetores. O Sr. Williamson moveu ação judicial contra Wesley por 1.000 libras por difamar sua esposa, recusando-lhe a Santa Ceia. Concorrido júri, alguns de cujos jurados não entendiam inglês, condenou-o por dez infrações, sobre nove das quais, sendo ofensas contra a lei canônica, o tribunal civil não tinha nenhuma jurisdição. Na décima infração, o acusado exigiu processo imediato, o que lhe foi negado. Em seis ocasiões subseqüentes apareceu no Foro e pediu fosse ouvido, porém em vão. Evidentemente as autoridades não pretendiam prosseguir, se pudessem realizar seus desígnios por outro método. Tiveram sucesso. O trabalho de Wesley ficou seriamente prejudicado e ele, desanimado de obter justiça, notificou ao Sr. Causton a respeito de sua intenção de voltar à Inglaterra, e afixou esta notícia em praça pública:

"DESEJANDO PARTIR EM BREVE PARA A INGLATERRA, PUBLICA JOÃO WESLEY ESTA NOTA PARA AVISAR ÀQUELES QUE PEDIRAM EMPRESTADOS QUAISQUER DE SEUS LIVROS, QUE OS DEVOIAM LOGO QUE PUDEREM A JOÃO WESLEY."

Em 27 de novembro partiu de Savannah e Geórgia para nunca mais voltar. Dezesesseis dias mais tarde chegou a Charleston depois de uma viagem perigosa através de mato impenetrável e ao longo da costa num barco aberto. Em 22 de dezembro tomou o navio para a Inglaterra, chegando em 1º de fevereiro de 1738. Naquele dia, George Whitefield partira para Geórgia. Assim terminou acidentalmente, mas sem desgraça, a experiência de Wesley no Novo Mundo. Não negligenciara qualquer dever, não fugira à luta e procurara sempre oportunidades para servir, que um homem menos consciencioso não teria observado. Seus pais ter-se-iam orgulhado de suas realizações. Com alguns erros, naturalmente, suscetíveis a qualquer indivíduo, mantivera-se rigorosamente nos altos padrões do pensamento e proceder a que se propusera em Oxford. Whitefield, que chegou logo depois da partida de Wesley, testifica: "O bem que o sr. Wesley fez à América do Norte é inexprimível. Seu nome é precioso ao povo; e lançou fundamento que espero, nem homens, nem diabos possam abalá-lo. Oh! Que

eu possa segui-lo como ele tem seguido a Cristo"! Wesley mesmo escreve: "Muitas razões tenho para dar graças a Deus por ter ido à América. Confio em que nisto de algum modo Ele me tenha humilhado e me tenha provado e mostrado o que estava em meu coração. Nisto tenho sido ensinado a ter cuidado com os homens. Deus também me proporcionou o conhecimento de muitos de seus servos, particularmente aqueles da Igreja de Herrnhuth. Também por meio disto, entrei no conhecimento dos escritos de homens santos nas línguas alemã, espanhola e italiana. Todos em Geórgia ouviram a palavra de Deus e alguns creram e começaram a correr bem. Alguns passos foram dados para a publicação das boas novas aos pagãos da América e da África. Muitas crianças aprenderam a servir a Deus e a ser úteis ao próximo."

Poderia ter acrescentado que compilara e imprimira em Charleston o primeiro livro de hinos na América do Norte, "Uma coleção de Salmos e Hinos, 1737". Sem dúvida fez isso pela observação do valor do canto da congregação entre os alemães a bordo do navio e em Geórgia. Pediu emprestados seus livros de música e tocou suas melodias em sua flauta. Seu livrinho do qual só há dois exemplares preciosos, contém muitos hinos de Watts, vários de George Herbert, três de Addison, dos quais, dois ainda estão no hinário metodista, numerosas traduções e contribuições de seu pai e irmão mais velho. Carlos ainda não havia tocado a lira sacra!

Em sua viagem de volta, Wesley teve bastante tempo para refletir. Entre muitas coisas escreveu: "Fui à América converter os índios, mas, oh! quem me converterá? Quem, ou o que me libertará deste coração mau de descrença? Tenho a religião de um belo estio. Posso falar bem, e creio mesmo, quando não há perigo perto. Mas logo que a morte me olhe, meu espírito se perturba. Nem posso afirmar que "morrer é ganho." E ainda: "Abandonei meus amigos, reputação, conforto, país. Coloquei minha vida em mãos, peregrinando em terras estranhas; entreguei meu corpo para ser tragado pelas profundezas; devorado pelo calor; consumido pelo trabalho e cansaço ou qualquer outra coisa que Deus queira trazer sobre mim. Mas tudo isto... far-me-á aceitável a Deus? Tudo que fiz, ou posso, sei, digo, dou ou sofro, justifica-me acaso perante sua vista?... A fé por que anseio é uma confiança segura em Deus, que me afiance mediante os méritos de Cristo estar eu perdoado dos meus pecados e reabilitado nos favores de Cristo... Quero a fé que ninguém poderá ter sem saber que a tem!"

Não fora, pois, dos menores resultados, na experiência dura de dois anos de João Wesley no Novo Mundo, o convencer-se finalmente de que o de que necessitava era tornar-se nova criatura!

II

ENCONTRANDO

O primeiro Wesley que encontrais é o infinitamente entusiasta, maravilhosamente fiel a mil compromissos minuciosos, admiravelmente metódico, na observância de cada exercício moral e espiritual concebível. Pregando aos outros a fim de se salvar, constante na trilha de seu ideal, e intimamente moído por uma insatisfação crescente com tudo o que é e o que faz, parte para a América a fim de salvar-se, pregando a religião aos índios. Era austeramente fiel, mas voltou ainda com o cancro a roer-lhe o coração. Quanto mais se esforçava para entrar no Reino de Deus de acordo com o seu pensamento, tanto mais desastrado lhe saía o empenho. Finalmente chegou a noite providencial de Aldersgate. Era uma noite em que os séculos se encontravam com o século. Alguém lia em voz alta a exposição de Martinho Lutero sobre a experiência de Paulo da religião evangélica. E quando ambos, Lutero e Paulo, falaram naquela noite a Wesley, algo ocorreu que se tornou memorável para todo o mundo. Wesley descobriu o caminho da verdade em contraste com o caminho da ação pessoal. Sentiu seu “coração abrasado de maneira estranha”, e desse modo se desprende a energia que transformou a Inglaterra. Percebeu que o Cristianismo não era o que ele fazia para Deus, mas o que Deus fez nele. Wesley, naturalmente, entendeu que uma experiência íntima que se não transformasse em ação tornar-se-ia tolice. Assim, sua experiência íntima redundou num programa de atividades que envolveram uma organização. Contudo, era em primeiro lugar, uma nova vitalidade. Relacionava-se com todos os problemas da vida. Mas, acima de tudo, era uma fonte de energia musicando na alma do homem.”

Nova York - 1937

“O Espírito Civilizado”
Lynn Harold Hough

CAPÍTULO V

TEMPESTADE E AFLIÇÃO

Dois meses no mar em sua viagem de volta à Inglaterra no navio “Samuel” proporcionaram a João Wesley largas oportunidades para reflexão. Os acontecimentos dos dois anos passados davam assunto bastante para profundas meditações. No navio, conforme seu hábito, não perdia tempo, mas estudava e se ocupava com várias outras coisas em benefício dos viajantes; lia as grandes obras de S. Cipriano, um dos Pais Fundadores da Igreja, e resumindo para o inglês a vida de Jean de Renty, um santo da Igreja Católica francesa. (Esta foi a primeira obra, de uma longa série de resumos de livros famosos, que Wesley preparou para uso popular.) Mas não podia por muito tempo afastar a mente de seu próprio estado espiritual. Ficara intensamente insatisfeito com o que aprendera sobre a incapacidade de seus recursos espirituais para fazer face aos golpes rudes da vida. A experiência na Geórgia deveria auxiliá-lo a atingir o grau de perfeição cristã que se lhe tornara objetivo desde o dia, quando, em Oxford, manuseara o livro persuasivo de William Law. Mas encontrava-se agora penosamente ciente de que, apesar de toda a conformidade às exigências do Ritual de sua Igreja e sua atenção absoluta ao cumprimento de seus deveres de ministro, retornava à Inglaterra menos confiante em sua solidez espiritual do que tinha, quando embarcou para a Geórgia dois anos antes, com o principal objetivo de “salvar sua própria alma”. A convivência que tivera com os simples moravianos no mar e na terra, afirmou-lhe o fato para ele humilhante de haver um tipo superior de experiência, uma certeza mais completa da aceitação de Deus, e um plano de vida cristã, do qual era, ainda, completamente ignorante. Logo após sua chegada a Londres, em 3 de fevereiro de 1738, travou relações com Pedro Bohler, ficando daí forte amizade que, não obstante ser breve, causara profunda impressão em sua vida. Bohler era jovem alemão diplomado em Universidade, que se ligara aos moravianos, e, tendo

recebido ordenação eclesiástica do Conde Zinzendorf, o Chefe daquela Irmandade, partia para o trabalho missionário nas colônias de Carolina, na América do Norte. Wesley e ele eram espíritos semelhantes, ainda que quase toda a sua conversação tinha de ser em latim. Encontraram-se várias vezes em casa de amigos em Londres e discutiam durante horas sobre o assunto que tanto preocupava o coração de Wesley. Fizeram juntos breve excursão a Oxford, onde Wesley descobriu que ainda riam dele por causa de sua “singularidade.”

Às exortações fervorosas de Bohler para que Wesley aceitasse o oferecimento das Escrituras, da graça e perdão, Wesley replicou, argumentando, aliás sua arma costumada, pois que toda a vida exigia a razão para qualquer parecer ou atividade que se lhe propusessem. Mas o outro protestou: “Meu irmão, sua filosofia deve ser expelida!” Relatou ao conde Zinzendorf: “João é homem bom. Sabe que não crê acertadamente no Salvador e mostra-se desejoso de ser ensinado”. Tão ansioso estava Wesley em sua busca espiritual, que, não desejando coisa alguma interferisse nela, estabeleceu as seguintes regras para governar sua própria conduta:

1. Absoluta franqueza com todos com quem conversar.
2. Trabalhar para conseguir solenidade contínua, não condescendo com o menor gracejo, ou riso, nem sequer por um momento.
3. Não falar nenhuma palavra que não seja para a glória de Deus; especialmente não falar de coisas mundanas. Outros poderão, mas que tens tu com isso?
4. Não participar de prazer algum que não tenda à glória de Deus, e agradecer ao Senhor a cada momento em que possa participar desse prazer e, portanto, rejeitando tudo o que me não seja razoável agradecer-lhe.”

Tão desconfiado de sua própria solidez espiritual ficara Wesley nesse tempo que pensava em abandonar o púlpito, pois, como poderia pregar a outros, quem não tinha a fé salvadora? A essa sugestão derrotista o sábio moraviano replicou: “De modo nenhum; pregue a fé até que a tenha; e então, porque a tem, você a pregará”. “Assim”, diz Wesley, “em 6 de março de 1738, comeci a pregar esta nova doutrina, ainda que minh'alma rejeitasse o trabalho”. “Salvação somente pela fé” lhe era assunto novo.

Fora doutrinado e cria sinceramente que a salvação das almas se processava mediante os dois sacramentos: Batismo e Santa Ceia, suplementados por obras de caridade, frutos do Espírito. Todavia, antes de embarcar para a América, Bohler convencer a Carlos Wesley de que o método evangélico era melhor ainda do que o dos metodistas de Oxford, tão cuidadosamente trilhado nos dias do Clube Santo, e persuadira a João Wesley, de que a “conversão instantânea” era um fato. Wesley, depois de indagar do assunto em seu Novo Testamento em grego, surpreendeu-se com a descoberta de que na Igreja primitiva tais mudanças repentinas de coração constituíam a regra e não exceções! Bohler apresentou-lhe quatro testemunhas vivas sobre o fato desta experiência e ofereceu-lhe mais, se quatro não fossem suficientes. Conta-nos ele que “Wesley parecia estar fulminado pelas narrativas que ouvia” e em vez de continuar argumentando, começou a cantar o hino alemão:

*Prostrada em Tua face está minh'alma.
E a ti, origem sua, o meu espírito
Ansiosamente voa.
Lamento as minhas faltas, e bem vejo
As algemas cruéis, e meu suplício.
Oh! permite a real presença tua
de tudo me liberte!*

Wesley cantou a oração tendo os olhos em lágrimas, e disse a Bohler, em particular, que estava satisfeito com o que lhe dissera a respeito da fé; que ele (Wesley) sabia que não a tinha. Porém, como poderia consegui-la? “Quanto a Wesley, posso afirmar”, diz Bohler, “que é realmente pobre pecador, e que tem coração contrito, tendo fome de uma compreensão religiosa melhor do que a que possui presentemente.”

No entanto este acadêmico de Oxford, que voltara da colônia de Oglethorpe nas florestas da Geórgia, era muito procurado pelos púlpitos londrinos. Mas, as multidões que iam ouvi-lo, nada ouviam a respeito do Novo Mundo ou dos peles-vermelhas. Ouviram o que se lhes afigurava ainda mais esquisito dos lábios de um acadêmico de Oxford. Ouviram-no dizer secamente que a qualidade de Cristianismo que se pregava comumente e que se professava na Igreja da Inglaterra não era absolutamente, ou quando muito, meio-cristianismo; que o Senhor exigia mais que o Batismo, Santa Ceia, assistência aos cultos e até mesmo o esforço consciencioso de praticar as virtudes cristãs. O verdadeiro cristão deve ser nova

criatura; homem nascido duas vezes, consciente de sua salvação, de sua aceitação pessoal com Deus, e que o motivo dominante de sua vida deve ser o amor: amor a Deus e amor ao homem. Não temos identificado os sermões que ele pregou neste período de transição, em que “pregava a fé até que a tivesse”, mas das reações que produziram, e do tom de seus últimos discursos parece-nos razoável asseverar que era a linha de seu pensamento. Um protesto feito a Wesley em 1º de maio por James Clyton, de Manchester, antigamente membro do Clube Santo, e agora clérigo da Igreja Anglicana, derrama luz sobre a situação. Diz ele: “Poucos ou ninguém são edificadas pela pregação do Sr. Wesley, porque ficam ofendidos com as suas maneiras... E pelo fato de não usar esboço de sermão, e fazer tanto movimento. Para mim, ele inspira compaixão... O Doutor Byron diz que se estivesse em seu lugar, pregaria constantemente com manuscrito. Mandaria cortar seu cabelo, que contribuiu muito, acha ele, para a aparência distinta que o senhor revela e anularia sua ação e ênfase veemente, de modo que não houvesse singularidade tão notável em sua pessoa e proceder. Seria melhor evitar a imprensa por algum tempo, pelo menos até que suas dificuldades sejam resolvidas. O meu irmão, tivesse o senhor um mentor!”

É claro que Wesley já revelava publicamente certa intensidade de sentimento e eloquência na palavra, fora do comum nos púlpitos anglicanos daquele tempo. O estilo homilético da época era o de artigos humanistas, polido. O ministro poderia dissertar sobre qualquer assunto, menos o de religião pessoal, teria ainda o privilégio de falar sobre a religião de maneira impessoal, mas pregar com o propósito definido de convencer o povo do pecado e levar almas a Cristo, pregar “como um homem que morre a homens que estão morrendo” - nunca se ouviu ou, se ouvido, era pelos clérigos e leigos condenado como “entusiasmo pernicioso”. William Blackstone, o jurista, autor dos “Comentários sobre as leis da Inglaterra”, como Wesley, diplomado de Charterhouse e Oxford, observador imparcial, fez uma visita às principais igrejas de Londres, para fazer mais tarde apreciação do que os púlpitos estavam ensinando. Relatou, de acordo com o professor Cell, que não ouviu nos sermões coisa alguma a respeito do Cristianismo, da mesma forma que Cícero em seus escritos não diz nada a respeito dessa religião; e mais ainda, que nos sermões que ouvira não podia distinguir se o ministro era discípulo de Confúcio, Maomé, ou Cristo!

É inconcebível que João Wesley, com sua inteligência brilhante, tivesse culpa nessa tragédia homilética, como descreve Blackstone a respeito dos púlpitos londrinos. Mas, se por acaso fosse verdade, não o era mais. Mesmo antes de seu grande despertar em Aldersgate, em maio de 1738, sua pregação já adquirira novo sabor e era acompanhada de um poder antes desconhecido. Seguindo a exortação de Pedro Bohler para “pregar a fé até que a tenha”, começou a fazê-lo em março daquele ano. Diz ele: “Logo que vi claramente a natureza da fé salvadora, proclamei-a sem demora. Deus começou, então, a operar pelo meu ministério como nunca o fizera antes.” Não obstante o fato de estarem as igrejas repletas, o diário de Wesley durante estes meses mostra que os ministros estavam contra ele:

- Maio 7 - Nas igrejas de St. Lawrence e St. Katherine Cree falei com veemência; daí surpreender-me quando informado de que já não poderia pregar nestas igrejas.
- Maio 9 - Na igreja de S. Helena senti grande satisfação. Depois me disseram: “Senhor, não deveis pregar aqui”.
- Maio 14 - Na igreja de Santana, em Aldersgate e na Capela Savoy. Fui informado de que já não podia pregar em Santana.
- Maio 19 - Na igreja de S. João, em Wapping, e em St. Benet. Nestas igrejas igualmente já não posso pregar.

Entretanto as doutrinas que Wesley pregava com zelo ardente eram tão antigas como os apóstolos, doutrinas que Lutero revivera e proclamara no século XVI e nas quais Calvino introduzira vida nova, doutrinas que estavam escritas em termos claros nos próprios Artigos de Religião da Igreja da Inglaterra, nos quais os bispos, clérigos e professores catedráticos juraram crer e manter, mas que na decadência religiosa do século XVIII caíram em tal desuso que o indivíduo que os afirmasse com convicção nas igrejas inglesas seria denunciado como inovador, “um entusiasta e perturbador da paz”.

Quanto a Wesley, não obstante sentir-se satisfeito, à medida que anunciava estas doutrinas aos outros, ainda teria de entrar na plenitude da experiência que ele descrevia. Ele tentou retirar-se do ministério, porém, Pedro Bohler sugeriu que continuasse pregando, e os acontecimentos provaram que o moraviano fora conselheiro sábio. Pelo estudo e profunda meditação no assunto destes sermões, Wesley preparava o caminho intelectualmente, como ele, sendo o que era pela educação e cultura, tinha de prepará-lo para o despertar animador que o esperava, e que marcaria o período

seguinte, o período memorável de sua carreira, como o mais notável evangelista dos tempos modernos.

CAPÍTULO VI

A MÃO DE DEUS

Quando os irmãos Wesleys estiveram em Londres, de passagem para a Geórgia, hospedaram-se em Westminster, em casa do Rev. João Hutton, cujo filho, Tiago, fora aluno de Samuel Wesley Júnior, na escola de Westminster. O Sr. Hutton se interessava pelas sociedades leigas religiosas naquela vizinhança, uma das quais se reunia em sua casa. A seu pedido, Wesley falou-lhes sobre o tema: “A única coisa necessária”. Com tal persuasão o fez que o jovem Hutton ficou profundamente comovido. Diz seu biógrafo: “Visto que vivera muito mundanamente, seu despertar religioso foi muito intenso; e assim, afeiçãoou-se tão fortemente a Wesley que o influenciara a perceber a condição em que se encontrava, que sentiu grande desejo de acompanhá-los à Geórgia.” Ficando, porém, em Londres, ele abriu uma livraria, “A Bíblia e o Sol”, à rua Little Wild. Era zeloso, e organizou várias sociedades de leigos piedosos, de acordo com certo padrão comum na Igreja da Inglaterra desde a metade do século XVII. Uma dessas sociedades fazia ponto em Nettleton Court, Rua Aldersgate, nome memorável para sempre aos metodistas! Voltando da Geórgia, Wesley foi muito bem recebido em casa do Sr. Hutton e renovou a amizade com Tiago, que, agora livreiro, imprimiu um de seus sermões universitários. Algumas vezes Tiago o recebeu em suas salas da livraria “A Bíblia e o Sol”, e sentia-se muito feliz quando podia aproveitar-se de seu pai espiritual para acompanhá-lo a uma dessas reuniões pequenas de homens simples e fervorosos.

Aldersgate é rua antiga de Londres, cujo nome tomara de uma das portas originais na parede do Norte da cidade. Fica a poucos minutos, a pé, da Catedral de S. Paulo. Há 200 anos Nettleton Court era um caminho estreito abrindo-se na parte Este de Aldersgate, aproximadamente ao que agora é número 28. Num edifício próximo daquele lugar estava, em 1738, uma das sociedades religiosas assistida por Tiago Hutton. Visto que João Wesley se

hospedara com o Sr. Hutton, em Westminster, é suposição segura que, falando Wesley em ir a uma pequena sociedade na rua Aldersgate, tivesse em mente esta, em Nettleton Court, que Tiago freqüentava. Ainda não se conseguiu verificar certamente a exatidão, com referência ao lugar histórico, que deveria tornar-se sagrado a milhões de pessoas, que vieram a ser sucessoras espirituais do homem que experimentou lá seu grande despertar religioso.

Carlos Wesley avançara mais rapidamente para a luz que ambos procuravam, que seu irmão mais velho, João. Primeiramente, Carlos indignou-se contra a sugestão de que houvesse qualquer defeito no plano de salvação de sua Igreja Anglicana, isto é, a recepção dos sacramentos, conformando-se escrupulosamente com as leis da Igreja e fazendo obras de caridade e de auxílio aos necessitados. Mas uma vez convencido do seu erro por Pedro Bohler, sua natureza afetiva respondeu muito mais depressa à vocação divina que a de seu irmão, mentalidade lógica e raciocinadora. Admite francamente sua admiração como poderia em tempo algum aceitar a justificação pela fé como nova doutrina, “especialmente enquanto nossos Artigos e Homilias permanecem efetivos.” Sob a direção de William Holland, piedoso pintor, leu com satisfação o comentário de Martinho Lutero sobre o segundo capítulo da Epístola aos Gálatas. As palavras “Ele me amou e se entregou a si mesmo por mim” calaram fundo em seu coração, com aplicação pessoal que nunca percebera antes. Estava um pouco adoentado e residindo com o Sr. Bray, um caldeireiro, em Little Britain, bem perto de Aldersgate, onde tinha cordialidade cristã e muito tempo para pensar. No domingo de Pentecostes, 21 de maio, esteve mais próximo para apropriar-se dessas palavras confortadoras, e 48 horas mais tarde, terça-feira de manhã, 23 de maio, diz: “Despertei sob a proteção de Cristo e entreguei-me, alma e corpo a Ele!” Naquele momento de êxtase, escreveu o primeiro hino que partiu de sua pena e um dos mais notáveis. Telford chama-lhe “A canção do Nascimento” do avivamento evangélico. Rattenbury cognomina-o “o prenúncio” e “prelúdio”. Mais tarde esse hino foi tirado do hinário metodista, pelo menos na América do Norte, apesar de merecer ser conhecido por todos os que entenderiam o que aconteceu aos irmãos Wesleys no dia de Pentecostes em 1738. Foi o primeiro hino a ser incluído pelos irmãos em sua coletânea “Hinos e Poemas Sacros” (Londres, 1739). Das oito estrofes originais, cinco têm sido usadas nas Sociedades Metodistas na Inglaterra.

O dia seguinte, quarta-feira, estava destinado a ser o dia do segundo nascimento de João Wesley. Os acontecimentos estão mais bem descritos em suas próprias e simples palavras. Nenhum de seus numerosos biógrafos já teve a temeridade de querer melhorar esta narrativa clássica do próprio Wesley:

“Creio que eram 5 horas, mais ou menos, da manhã, quando abri meu Novo Testamento, lendo estas palavras: “Ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquemos participantes da natureza divina” (II Pedro 1.4). Imediatamente, antes de sair, abri novamente e li estas palavras: “Não estás longe do reino de Deus.” À tarde fui convidado a ir à Igreja de S. Paulo. A antífona era: Do abismo supliquei-te, ó Senhor! Senhor, ouve minha voz. Oh! que teus ouvidos considerem bem a voz de meus lamentos. Se tu, Senhor, fores severo com os que erram, ó Senhor, quem poderá permanecer? Porque há misericórdia contigo; portanto, Tu serás temido. Ó Israel! Confio no Senhor; porque com o Senhor há misericórdia e abundante redenção. E ele remirá Israel de todos os seus pecados.”

“À noite fui, muito contra a minha vontade, a uma sociedade na Rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à carta aos Romanos. Faltava cerca de um quarto para as nove horas, enquanto ele descrevia a mudança que Deus opera no coração pela fé em Cristo, senti meu coração abrasado de maneira estranha. Senti que confiava em Cristo, Cristo somente para a salvação; e foi-me dada certeza de que Ele tinha tirado os meus pecados, sim os meus, e me tinha livrado da lei do pecado e da morte.”

Com um grupo de amigos, Wesley saiu da pequena sala da rua Aldersgate e procurou seu irmão, feliz, no lar do caldeireiro em Little Britain, dobrando a esquina. Suas duas palavras - “Eu creio” - transmitiram as boas notícias. O grupo manifestou sua alegria, cantando o hino que Carlos acabara de escrever. Oraram, dando graças, e dispersou-se o grupo exultante em busca de seus lares. Nenhum deles certamente naquele momento reconheceu o que esta noite significaria a milhões de almas, através de séculos vindouros, em todo o mundo.

Carlos Wesley, tendo celebrado sua experiência de despertar espiritual naquele “primeiro canto belo, porém descuidado”, descobriu-se poeta lírico de gênio, extraordinário. O avivamento religioso mover-se-ia nas asas de seus cânticos. Ele seria não só o “Cantor do Metodismo”, mas de todo o Protestantismo. Ele produziria mais de 5.000 hinos, entre os quais,

os favoritos universalmente conhecidos: “Jesus, amante de minh’alma”, “Ouvi os anjos cantar”, “Cristo, o Senhor, hoje ressuscitou”, “Mil línguas para cantar”, “Jesus gentil e humilde”, “Amor divino, todo amor excedendo”, “Vinde, ó viajante desconhecido”, “Oh! um coração para louvar a meu Deus”, “Vem, deixa-nos de novo a jornada prosseguir.”

Um trabalho que não se inclui mais em nosso hinário e certamente muito abaixo dos já mencionados em excelência lírica é intitulado: “Felicitações a um amigo que crê em Cristo.” Concorda-se em que o amigo era realmente seu irmão João, e que o hino é reconhecimento de sua experiência na sociedade de Aldersgate. Compunha-se o hino de 13 estrofes.

Esta, então, é a história simples de Aldersgate, como apareceu aos principais protagonistas da mesma. A experiência não se passou em algum lugar famoso, como a Catedral de São Paulo, em Londres ou a Abadia de Westminster, santificadas por séculos de rituais solenes, mas numa sala não identificada, numa rua estreita, em que o comércio penetrou, de modo que até mesmo o próprio local é incerto. Nenhum prelado da Igreja o abençoou; nenhum ritual honroso foi nele celebrado. Até mesmo o nome do humilde leigo que lia as palavras despertadores de Lutero não foi mencionado por Wesley e permanece desconhecido. Não havia nada no tempo, lugar, pessoas, ou ritual que emprestasse distinção àquela hora quando cerca das 8:45 da noite Deus falou a João Wesley em linguagem que ele entendeu e à qual respondeu com humildade e fé.

O historiador Lecky, que não pode ser acusado de preconceito a favor de religião, refere-se ao acontecimento, da seguinte maneira:

“Não é exagero dizer que a cena que se passou naquela reunião humilde na Rua Aldersgate define uma época na história inglesa. A convicção que brilhou num dos mais poderosos e mais ativos intelectos da Inglaterra é a fonte verdadeira do Metodismo inglês”; e poderia acrescentar: o ponto de partida para um avivamento nacional e mundial do Cristianismo evangélico, que, depois de mais de 250 anos, ainda não perdeu sua força.

III

TENDO E FAZENDO

CAPÍTULO VII

NOVA CRIATURA

Não sei se há entre meus leitores alguém que já tenha viajado por províncias inglesas ou escocesas em propaganda política. Se houver essa pessoa cansada, saberá quão esgotante é o esforço de três semanas e quão impossível parece no fim da primeira semana que tal pudesse continuar por mais de duas semanas e como, finalmente, ao chegar a última noite, sente-se que se o esforço se prolongasse por mais sete dias, morreria à beira da estrada. Bem, João Wesley viajou pelos três reinos, pela causa de Jesus Cristo, promovendo uma campanha que durou 50 anos, e que a fez, quase toda, a cavalo. Pagou mais impostos para passar de um lugar para outro, andando a cavalo que qualquer outro homem. Viajou 1.280 quilômetros anualmente por muitos anos, pregando, raramente, menos de 1.000 sermões por ano. Se tivesse apontado os preços de todas as hospedarias em que esteve, fariam por si, uma história de preços. E através de tudo isto nunca experimentou depressão espiritual, apesar de ter muitas lutas e uma esposa ciumenta... Esforço tão prolongado, entusiasmo constante por tanto tempo, representam homem notável: enquanto a organização que ele criou, o sistema que fundou, o ponto de vista que propagou, são ainda grande fato entre nós.

“Se quereis penetrar no século XVIII, sentir com o vosso dedo o seu pulso, deixai de ler Boswell ou Sterne, e viajai pelo país, com a maior força do século XVIII na Inglaterra. O “Diário” de João Wesley é o mais notável documento do esforço humano, escrito ou suportado.”

Augustine Birrell

Discordam os biógrafos de Wesley sobre o que aconteceu em Aldersgate. Alguns afirmam que até àquela hora, Wesley era pecador, alma perdida, “filho da ira”, usando uma de suas próprias expressões, e que num abrir e fechar d’olhos, converteu-se, passando da morte para a vida. Outros asseveram que sua vida cristã começou com as boas resoluções formadas em Oxford em 1725 e que se aprofundaram em 1729, quando se tornou o guia do Clube Santo - os metodistas de Oxford. Consideram a experiência de Aldersgate como simples emoção, esquecida em breve, e raramente mencionada em seus numerosos escritos sobre seu desenvolvimento espiritual, em seu “Diário”, panfletos e sermões publicados.

A réplica sem resposta àqueles que anulariam o valor da experiência de Aldersgate é que, daquela hora em diante, Wesley era homem diferente - transformado! Tivesse seu coração cessado de bater em vez de “abrasado de maneira estranha” naquele momento memorável e não se teria tornado famoso, pois já estava com 35 anos, treze dos quais no ministério, sem salientar-se, como pensador, pregador, teólogo ou administrador. Sem a fama adquirida após Aldersgate, a memória dos metodistas de Oxford teria desaparecido da história. Até mesmo os acontecimentos da Geórgia teriam ficado no esquecimento. Sem Aldersgate não haveria sociedades metodistas, Metodismo Universal, nem avivamento evangélico, pelo menos no tempo e de maneira como a história registra.

A carreira de Wesley de 1703 a 1738, interessante até aos pormenores, era, entretanto, obscura e comum. Mas depois de Aldersgate, de 1738 a 1791, quando morreu na idade de 88 anos, era a personagem mais notável e a maior força espiritual no mundo inglês.

Não ocupando cargo de distinção, a não ser como ministro da Igreja Anglicana, exerceu, todavia, a mais poderosa influência sobre

seus contemporâneos, que qualquer arcebispo. Na verdade, estudiosos ponderados, analisando a vida social e política da Inglaterra, julgaram que a contribuição de Wesley fora superior até mesmo às vitórias do notável primeiro-ministro William Pitt.

Aldersgate indica a crise, a mudança de direção na carreira de Wesley. Que ele fosse já, e tinha sido cristão há muito tempo, no sentido verdadeiro, ninguém que tenha observado sua conduta e caráter em Epworth, Oxford e Savannah, poderá duvidar. Ao mesmo tempo todos reconhecem que sua experiência religiosa, improdutiva e que não lhe trazia inspiração, lhe causava profundo dissabor. A experiência de Aldersgate fora no mais completo sentido da palavra “um despertar espiritual”. Todos os seus dons e poderes espirituais foram despertados a uma vida vigorosa e produtiva. A visão que se lhe desdobrava era semelhante à ligação de uma chave elétrica, transmitindo energia ao maravilhoso mecanismo preparado pela natureza, educação, cultura e todo o seu prévio cabedal. Faltava apenas a ligação. Faltava no motor metade de seus cilindros. A relação pessoal entre ele e Deus, a respeito do que ele penosamente teve consciência naquele período, sofreu flutuações temporárias, como os cuidadosos leitores do “Diário” terão percebido. Porém, durante mais de 50 anos de uma vida árdua, fora, sem cessar, sua força animadora e propulsora. Suas confissões raras de que perdera o senso da “certeza” são atribuíveis ao hábito de pessoas espiritualmente fracas, tomando sua própria temperatura espiritual e estudando o diagnóstico. A eles não se liga importância. De Aldersgate em diante até ao fim, ele é o homem bom de Deus, como nunca fora, e o propósito de sua vida não se focalizava já em sua própria alma, porém, no ganhar o maior número possível ao gozo da experiência, como ele a tivera, e a “espalhar a santidade bíblica em todo o país.”

Foi essa transformação maravilhosa, esse grandioso despertar e transmissão de energia a uma alma que empresta a Aldersgate seu lugar seguro nos anais cristãos.

O aparecimento de Wesley como guia religioso não se deu num instante. Mas ele e seus companheiros, seu irmão Carlos e seu amigo George Whitefield resolveram as questões à medida que elas surgiam. Dentro dos três anos seguintes propuseram-se a pôr em prática certos princípios que, do ponto de vista da Igreja, eram muito irregulares; entre outros, estes:

1. Pregar sem olhar a limites de paróquias.
2. Pregar ao ar livre e em casas particulares.

3. Pregação pelos leigos.
4. Construção de casas para reuniões e pregação.
5. Estabelecimento de escolas.
6. Organização das Sociedades Unidas.
7. Substituir o saltério pelo cântico dos hinos.

Os limites da obra presente permitem apenas rápida apresentação do desenvolvimento destas instituições metodistas. Seguiam a Aldersgate, e na maioria dos casos, eram dela conseqüências ou de experiências semelhantes de outros guias metodistas. Mas sem algum conhecimento de sua origem e desenvolvimento é impossível apreciação adequada da altura, profundidade, largura e força do trabalho de Wesley.

Porém, a figura eminente no grupo metodista não era nem João nem Carlos Wesley, mas seu eloqüente e jovem companheiro, o Rev. George Whitefield.

Whitefield era menino pobre de Gloucester; empregado numa taberna. Estudava e trabalhava em Oxford, onde se encontrou com os Wesleys. Uniu-se ao Clube Santo, pouco antes de partirem os Wesleys para Geórgia. Quando voltaram, souberam que fora ordenado ministro, e já tinha ganho a atenção pública, com sua eloqüência dramática, mas em resposta ao pedido de Wesley, partia para Savannah. Poucos meses mais tarde já estava novamente em Londres, superlotando todas as Igrejas com seus sermões pitorescos e eloqüentes, e levantando dinheiro dos auditórios pelos seus apelos tocantes em favor do seu orfanato na Geórgia.

Mas quando pregou a salvação somente pela fé, o clero protestante se esfriou e as portas das igrejas lhe foram fechadas. Daí, onde levantaria coletas? Em fevereiro de 1739 tornou-se o centro, infelizmente, de perturbação na igreja de Saint Margaret, Westminster. Não vendo possibilidade de bom êxito em Londres, foi à casa de sua irmã em Bristol, então a segunda cidade da Inglaterra, onde não era desconhecido. Em Bristol, da mesma sorte estava o clero frio, sem dúvida, porque levantava dinheiro, mas principalmente porque se associava com os metodistas. Que fazer então? Seus órfãos precisavam de teto, roupa, alimentos e ele era o único para conseguir o dinheiro.

Um pouco fora do centro ativo de Bristol, com seus navios, casas comerciais e bancos, estava o bairro chamado Kingswood (porque fora antigamente lugar de caçadas reais, mas agora minas de carvão), em torno das quais trabalhavam os mineiros, com crianças maltrapilhas e mal cuidadas. Não havia escola e a igreja

ficava quilômetros distante. Não havia comunidade mais rude no oeste do país, e, em tempos de crise, os mineiros brutalizados aterrorizavam a cidade próspera, cuja riqueza em parte era resultado do trabalho deles. Quando Whitefield estava em Bristol, antes de ir à Geórgia, alguém o interrogou: “Por que atravessa o oceano para pregar aos pagãos? Há bastantes índios em Kingswood!” Neste lugar aonde ninguém ia, ele foi agora, e levantou sua voz, pregando e orando, sons raramente ouvidos naquela comunidade. Algumas centenas de curiosos ouviram-no com prazer. No dia seguinte uma igreja de Bristol abriu suas portas e multidões vieram ouvi-lo. Mas o chanceler da diocese (que era um entusiasta pela briga de galos) notificou que Whitefield já não poderia pregar, sem licença. (“Não é para nos admirarmos”, diz o literato Thackeray, “que Wesley deixasse o templo, insultado, para orar nas colinas”.) Fechadas as portas, Whitefield pregou a maiores auditórios ao ar livre, e em Kingswood seguidamente a milhares de mineiros. As coletas não diminuíram e em breve partia para Geórgia, suplicando a João Wesley que o substituísse.

Apesar de não estar gozando de boa saúde, Wesley foi a Bristol, em 31 de março de 1739. Nunca estivera lá. Ficou metade da noite ouvindo a história de Whitefield. Julgava que podia reunir-se com as sociedades e falar nas prisões, porém, poderia ele, um eclesiástico, pregar em qualquer lugar, a não ser numa igreja devidamente consagrada por um Bispo? Nunca fizera isso, a não ser em Geórgia, onde não havia bispos, nem igrejas, e apenas uma vez em Tyburn, quando falou a uma multidão reunida para ver certo homem que ia ser enforcado. Mas no dia seguinte, ele transigiu, e foi ao culto ao ar livre, em Kingswood, onde Whitefield, também eclesiástico, pregou naquele dia. A noite, na reunião das Sociedades, seu tema foi: “O Sermão do Monte”, que, observou, “foi um bom precedente, notável para a pregação ao ar livre!” No dia seguinte, 2 de abril, pregou num pátio de tijolos; vencera os preconceitos! Diz ele: “Às quatro horas da tarde, sujeitei-me a ser mais humilde e proclamei na estrada as boas-novas de salvação a cerca de 3.000 pessoas sobre o texto apropriado: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para pregar o evangelho aos pobres. Enviou-me para curar os aflitos, pregar liberdade aos cativos, restaurar a vista aos cegos, pôr em liberdade os feridos, proclamar o ano aceitável do Senhor.” Ele poderia ter procurado em toda a Bíblia que não encontraria texto mais adequado. Nunca se arrependeu dessa iniciativa e nunca retrocedeu, não obstante afirmar que

“difícilmente podia reconciliar-se com esta maneira estranha de pregar, tendo sido toda a minha vida (e até ultimamente) aferrado em todos os pontos relativos à decência e ordem que se me afigurava, quase pecado, salvar almas, fora dos recintos de uma igreja!” Justificou-se assim: “Considerarei calmamente se não era realmente possível que algo se fizesse... Tivesse o ministro da paróquia pregado como um anjo, nada lhes aproveitaria, porque eles não iam ouvi-lo. Porém, quando alguém vinha e dizia: ‘Lá, no topo da montanha há um homem pregando!’ corriam todos para ouvi-lo; e Deus falou aos seus corações. É difícil conceber qualquer outra coisa que alcançasse seus corações.”

Antes do fim de maio já se acostumara Wesley com esta rotina em Bristol! “Preguei todas as manhãs e li orações na prisão de Newgate. Todas as noites explicava uma porção das Escrituras em uma ou mais sociedades. Na segunda, de tarde, preguei perto de Bristol; terça, em Bath; e em Two-Mile Hill alternadamente; quarta, em Baptist Mills; e perto de Penford às quintas, duas vezes por mês; sábado de tarde e domingo de manhã no meio da cidade; domingo às onze horas em Hannam Mount; às duas horas da tarde, em Clifton; e às cinco, em Rose Green. E até agora, como meus dias, assim minha força tem sido.”

É claro que, uma vez vencido o preconceito, não mais hesitou, mas consagrou-se e alcançou vitória nas pregações ao ar livre, onde quer que encontrasse ouvintes e um lugar donde pudesse falar.

A instrução sistemática de Wesley às sociedades de Bristol redundou no acréscimo de tantos membros que os salões regulares onde se reuniam, em breve, não cabiam mais. Eis aí um problema. Wesley resolveu-o, comprando pequeno lote entre Broadmead e Horsefair. Em 12 de maio de 1739 lançou-se-lhe a pedra fundamental de uma construção despretensiosa. Foi o primeiro edifício construído no mundo para ser usado pelos metodistas, o primeiro de mais de 100.000. Reconstruído de tijolos em 1748, fizeram mais um apartamento para o Sr. Wesley e uma cocheira para seu cavalo. É ainda propriedade e está em uso pelos metodistas. Tornou-se difícil achar nome para esse edifício. Wesley, o eclesiástico, não podia conceber que fosse uma “igreja”, visto que nenhum bispo o consagrara. “Capela” tinha gosto de “não-conformismo”. Até mesmo “casa de reunião” implicava relação sectária, apesar de “casa de pregação” poder ser tolerado. Wesley evitou todas essas dificuldades. Para ele era “o novo salão de Horsefair” e esse é até hoje o nome. É um relicário que atrai

peregrinos metodistas de todas as partes do globo, e seus recintos nítidos e simples, a pequena estrebaria contígua para o cavalo pequeno que servia ao pregador (indispensável ao ministro itinerante daquele tempo) e a soberba estátua equestre de Wesley, sendo ele mesmo, “O Cavaleiro do Senhor”, na entrada do pátio, causa tamanha impressão de que nenhum peregrino jamais se esquecerá.

Havia pouco dinheiro nas sociedades de Bristol, e o Novo Salão não era apenas o dianteiro das propriedades metodistas, mas também o primeiro débito metodista! Wesley cogitou primeiramente de colocar a propriedade nas mãos de 11 diretores; porém, abandonou-a por conselhos de amigos em Londres que o advertiram que ficar a propriedade nas mãos dos diretores, se Wesley não pregasse como quisessem, poderiam pô-lo fora do salão que ele edificara. Assim, Wesley assumiu a responsabilidade. “Dinheiro”, diz ele, “não tinha nenhum, é verdade, nem qualquer prospecto humano ou probabilidade de procurá-lo, mas sabia que “a terra é do Senhor e a sua plenitude”, e, em Seu nome, aventurei-me, não duvidando de coisa alguma”. Seus amigos vieram a seu encontro com auxílio. À medida que se adquiriam novas propriedades era sempre tudo tão ligado que Wesley a tudo dirigia, autoridade legal que em 1784 ele transferiu por contrato incompleto a “cem legais”, escolhidos pelos membros da conferência anual entre seus pares, assegurando, assim, a continuação do povo chamado metodista como comunidade cristã, separada de outras, com direção própria e com poderes de perpetuar-se.”

Quando em 1738 os irmãos Wesleys decidiram não voltar ao trabalho acadêmico, nem residir na Universidade de Oxford, a que renunciaram, para ir à Geórgia, ficaram sem lar e sem trabalho definido. Carlos candidatou-se a uma paróquia, mas foi-lhe negada. João recebeu seu salário como preceptor do Colégio de Lincoln (Oxford) até 1751, apesar de seu professorado ter caído, e não ter alunos, nem haver probabilidade de ter quaisquer, em vista de sua notoriedade! Estando privados dos púlpitos, deram muito tempo às Sociedades Religiosas.

Estando em dúvidas quanto aos seus direitos de clérigos, sem paróquia, os irmãos entrevistaram o Bispo de Londres e outras autoridades, mas receberam pouco estímulo, e, se continuassem a pregar as “novas doutrinas”, não seriam aceitos como ministros de igrejas. Foram admoestados francamente, e informados de que o bispo tinha o direito de fazê-los calar. Entretanto, prosseguiram. Ouçamos João explicar a razão: “Na base das Escrituras julgo não

ser difícil justificar o que estou fazendo. Deus, nas Escrituras, me ordena, segundo meus dons e poder, a instruir os ignorantes, a reformar os ímpios, a confirmar os virtuosos. O homem me proíbe que faça isso na paróquia de outro, isto é, não me permite com efeito, que o faça absolutamente, visto que não tenho qualquer paróquia, nem virei a ter. A quem, então, ouvirei: a Deus ou ao homem? Se é justo obedecer aos homens em vez de a Deus, julgai-o vós. Olho para o mundo todo e o vejo por minha paróquia; até o presente, afirmo que, em qualquer parte em que estiver, julgo-me com direito e dever de anunciar a todos os que quiserem ouvir-me as boas novas de salvação.”

Em Bristol, proibiram a João Wesley de falar até mesmo aos prisioneiros na prisão. Tocou-lhe isso na sua veia satírica: “Proibem-nos de ir à prisão em Newgate porque têm receio que tornemos ímpios os prisioneiros, e a Bedlam porque receiam que os enlouqueçamos!”

Carlos comunicou-lhe que o Arcebispo de Canterbury ia excomungar o clero metodista. O corajoso João assegurou ao seu mano tímido, usando palavras quase idênticas às acima referidas: “Deus ordena-me a fazer o bem a todos os homens; um homem ordena-me a não fazer isto em outra paróquia... Mas se for um bispo que faça tal proibição? Digo, Deus me ajudando, eu obedecerei a Deus e sofrerei por isso; Sua Vontade seja feita!”

O Bispo de Bristol era o eminente José Butler, autor da obra *Analogia de Butler*, uma das obras mais eruditas, escritas em defesa da religião revelada. Mas passou mais tempo entre seus livros do que em contacto com os marinheiros descrentes, navios negreiros, e estivadores, ou com os mineiros de Kingswood. Ele proibiu a João Wesley de pregar em sua diocese. O corajoso ministro pediu uma entrevista ao bispo. Indo ao palácio episcopal, Wesley explicou-lhe primeiramente a respeito de desentendimentos quanto ao seu trabalho. Mas o Bispo frisou francamente: “Não estais comissionado a pregar nesta diocese. Aconselho-vos a irdes para a vossa casa.” A isso respondeu Wesley com a calma que nunca lhe falhou: “Meu senhor, minha obra na terra é fazer o bem que puder. Portanto, em qualquer lugar em que julgar possa fazer o maior bem, lá estarei, tanto quanto quiser. Atualmente acho que posso fazer muito aqui. Assim, aqui permaneço. Quanto à minha pregação, uma dispensação do Evangelho me foi entregue e ai de mim se não anunciar o Evangelho onde quer que eu esteja no mundo habitável... Tenho sido ordenado preceptor de uma Universidade,

tenho uma comissão indeterminada de pregar a palavra de Deus em qualquer parte da Igreja da Inglaterra. Portanto, não posso conceber que, pregando aqui, com esta comissão, eu desobedeça a qualquer lei humana. Quando estou convicto, faço; então será oportuno perguntar: Obedecerei a Deus ou aos homens?"

Samuel, o irmão mais velho, cem por cento professor anglicano, escandalizou-se com tanto desprezo à disciplina da Igreja. Queixou-se à sua mãe: "Meus irmãos intentam separar-se da Igreja Anglicana. Já estão proibidos de falar em todos os púlpitos em Londres e pregar naquela diocese é cisma atual. Provavelmente isto acontecerá em todo o país se os bispos tiverem coragem suficiente... como disse a João, não tenho receio de que a Igreja o excomungue (a disciplina está muito falha), mas de que ele excomungue a Igreja. Está próximo de fazê-lo."

Samuel não estava muito errado, mas sua mãe, idosa e sábia, não se perturbou. De fato, quando Wesley voltou a Londres e pregou nos campos, ao ar livre, ela o presenciou e alegrou-se com ver as multidões empolgadas pela voz de seu filho querido, de quem esperava grandes coisas, desde aquela noite gelada do incêndio em Epworth, quando ela o viu "arrancado como um tição do fogo." Não foram suas orações respondidas?

Os Wesleys e Whitefield poderiam estar fora de ordem em pregar nos campos, mas pelo menos eram ministros ordenados. O pior ia aparecer ainda. Metodistas leigos e sem diploma universitário começariam a pregar! O primeiro foi João Cennick, professor de leitura, cujo hino "Crianças do Rei Celeste" nunca envelhece e cuja "Graças antes de comer" começando "Sê presente à nossa mesa, Senhor" muitas vezes se canta em festas metodistas, como a "Bênção de Wesley" por estar impressa no bule de chá de Wesley. Ensinou na escola que os metodistas abriram para os filhos dos mineiros de Kingswood - a primeira escola metodista do globo! E aventurou-se a pregar lá ao ar livre, sob sua própria responsabilidade. Em breve, outros jovens, despertados pela mensagem evangélica metodista, começaram a contar suas experiências em público aos seus amigos em suas próprias cidades, em toda a Inglaterra, e os ministros anglicanos se escandalizavam com isso. Wesley não se sentiu bem com os acontecimentos, e, ouvindo em Bristol que um dos seus auxiliares londrinos, Thomas Maxfield, passara da explicação que fazia às Sociedades a pregar em público, apressou-se à cidade para impedi-lo que prosseguisse. Mas Susana levantou um dedo para admoestá-lo. "Meu filho, João", disse ela:

"muito cuidado com o que fazes com referência àquele jovem, porque ele tem tanta certeza de ter sido chamado para pregar o Evangelho como tu." Wesley suspendeu a censura; ouviu a Maxfield e submeteu-se novamente: "É a obra do Senhor; que se faça o que lhe parecer bem."

Os jornalistas e escritores de revistas logo protestaram contra esses pregadores leigos. Dizia-se que era tal o entusiasmo prevalecente em Yorkshire que "quase todos os homens que podiam ler um capítulo na Bíblia tornaram-se explicadores das Escrituras, contribuindo assim para a grande queda da indústria, e quase ruína da manufatura de lã, que se achava ameaçada de destruição por falta de braços!" Isso, porém, não passava de propaganda antimetodista, com o desígnio de ferir o país em seu ponto mais vulnerável - seu bolso. Um bispo irlandês, encontrando-se com Carlos Wesley, muito depois, disse: "Há uma coisa em vosso proceder com que nunca pude atinar: o emprego dos leigos no serviço religioso." "Meu senhor", disse Carlos, "a falta é vossa e de vossos irmãos." "Como assim?" inquiriu o prelado. "Porque vos calastes, e as pedras clamaram!", disse Carlos. "Mas estou informado", prosseguiu o bispo, "de que são homens iletrados." "São alguns", admitiu o poeta, "e assim a besta muda repreende o profeta."

Por mais de um ano o Novo Salão em Bristol era o único edifício de reunião do Metodismo. Mas em 1739 os ajudadores de Wesley em Londres persuadiram-no a comprar e a reformar o casco da fábrica de canhões, desmantelada, em Windmill Hill, que se abalara numa explosão em 1716. Colocou-se teto sobre as paredes velhas e se arranjou um salão amplo, com galerias, e com salão menor, e sala de aulas, uma sala de biblioteca, nome familiar ao Metodismo e quartos para Wesley e alguns auxiliares. Tornou-se tudo isto a famosa "Foundry" que distinguiu o centro metodista até 1778, quando a Capela cômoda de Wesley foi construída, no City Road, oposta à Rua de Bunhill Fields, o grande cemitério dos não-conformistas, onde ainda permanece, ladeada pela casa de Wesley - agora um museu de antigüidades wesleyanas, visitado diariamente por dezenas de admiradores do grande evangelista vindos de todo o mundo.

O aspecto mais saliente do Metodismo primitivo está ainda para ser descrito. Num panfleto impresso em Newcastle em 1743, Wesley mostra a natureza, o desígnio e regras gerais das Sociedades Unidas em Londres, Bristol, Kingswood e Newcastle-upon-Tyne:

“Nos fins do ano de 1739 vieram a mim em Londres, 8 ou 10 pessoas que apresentavam estar profundamente convictas do pecado e fervorosamente suspirando pela redenção. Desejavam... que eu passasse algum tempo com elas em oração. Mostrei-lhes como fugirem da ira vindoura, que viam continuamente pender sobre suas cabeças. Para que tivéssemos mais tempo para este grande trabalho, escolhi um dia em que todos pudessem reunir-se; o que doravante fizeram todas as quintas-feiras à noite. A esses e a tantos outros quantos desejassem vir (porque o número crescia diariamente), dava os conselhos que, de tempos em tempos, julgava lhes fossem mais necessários; e sempre terminamos as nossas reuniões com oração de acordo com suas necessidades.”

“Esta foi a origem da Sociedade Unida, primeiro em Londres, e depois noutros lugares. Tal Sociedade nada é senão um grupo de pessoas, tendo a forma e procurando o poder da piedade; unidos, a fim de orarem juntos, para receber a palavra de exortação, e vigiar uns sobre os outros, com amor, para que se ajudem mutuamente a realizar sua salvação.”

Serviu-se Wesley do princípio da Sociedade religiosa que era familiar na Igreja Anglicana, por quase 100 anos, e moldou-o conforme suas necessidades. Ele fora ativo nas Sociedades em Oxford, Savannah, Londres (Aldersgate e Fetter Lane) e em Bristol. Ficara satisfeito com a oportunidade de trabalhar naquelas que já existiam e auxiliar a organizar outras. A Sociedade de Fetter Lane deu causa a dissensões, e em 1739 Wesley levou dela os que aceitaram sua direção, e uniu-os à nova Sociedade que se efetuava na “Foundery”, tomando o nome que parece ter sido adotado em Bristol, quando reuniu vários grupos naquela cidade.

A Sociedade Unida está organizada em “classes”, divididas em pequenos grupos. As classes se organizavam, a fim de facilitar a coleta dos pagamentos semanais ao débito da capela de Bristol, e assim a Sociedade Unida se constituiu de grupos de doze, cada grupo sob um guia que visitava semanalmente cada arrolado. Wesley prontamente se aproveitou deste modo prudente para um objetivo espiritual, pedindo que o guia se conservasse informado com respeito à condição moral e espiritual daqueles cujos nomes estavam escritos no livro do seu grupo. Logo descobriram ser mais satisfatório aos crentes que se reunissem em classes, do que serem visitados em seus lares ou lugares de trabalho. Desta maneira, foi que teve a sua origem uma das instituições essenciais do Metodismo primitivo. Supriu imediatamente um sistema financeiro prático e

simples, e, na ausência de pastores residentes, ministrou o cuidado de todos os convertidos sob a direção de guias-leigos de confiança. Igualmente foi útil a eliminação da Sociedade dos associados que não andavam bem.

No período de expansão do Metodismo, não somente na Inglaterra, mas também na América, a Sociedade (e algumas vezes a Classe antes da Sociedade) era o campo onde o evangelista itinerante plantava a semente do Evangelho. Sua estabilidade e seu poder de reprodução indefinida explicam de algum modo a rapidez com que o movimento metodista se espalhou e seu grande êxito em lançar suas raízes em novo solo. Onde quer que Wesley pregasse, procurava logo organizar os convertidos em Sociedade ou Classe. Não levou muitos anos para a liga das Sociedades abranger toda a Inglaterra, e à medida que se esforçava para visitar as Sociedades em intervalos regulares, o organismo conhecido por “Liga Metodista” consolidou-se, não tendo sido usada, durante a vida do fundador, a palavra Igreja.

Outra inovação é também de valor. Os metodistas apareceram cantando! Seus pregadores, não somente pregavam um evangelho impressionante, mas cantavam, ensinavam toda a gente a cantar. E em vez de frases formais de salmos da Cia. Tate & Brady, ou Sternhold & Hopkins, de uso geral na Igreja Anglicana, eles trouxeram novos cânticos que, vasados em termos populares, uniam à música entusiástica os próprios pensamentos e emoções que o pregador despertara. Feito o trabalho, o pregador montava a cavalo, retirando-se; o hino, porém, permanecia. A esposa cantava-o em seu lar, no trabalho doméstico; o tecelão, o mineiro, o carreiro assobiavam e cantavam as estrofes no armazém e na estrada. “Hinos e Poemas Sacros” apareceu em 1739 (o ano de grandes começos), publicado pelos Wesleys. Foi o primeiro livro de hinos evangélicos em inglês e alguns hinos de Carlos Wesley, impressos, então, pela primeira vez, têm sido cantados em todas as Sociedades metodistas desde aqueles dias até hoje em todo o mundo. No princípio, mui poucos, comparativamente, da congregação, possuíam o hinário; mas à medida que o pregador ensinava as estrofes, as palavras se gravavam na mente do povo. A música, também, era diferente, e apelava profundamente para o povo. Músicas de baladas, cânticos de marinheiros, músicas alegres não eram proibidas. A música de árias populares e alegres era aproveitada no movimento evangelizante. (“Por que deveria o diabo monopolizar todas as melhores músicas?” é frase atribuída a um dos Wesleys), e as multidões aprendiam os cânticos evangélicos,

que ecoavam nos céus com a música alegre, e que realmente falavam a respeito das coisas que seus corações cantavam.

As atividades que este capítulo apresentou, imperfeita e brevemente, estão em grande contraste com o teor da carreira prévia de Wesley. O recluso vem para a frente e se mistura com o povo. O eclesiástico intransigente, zeloso nas menores coisas do ritualismo, desafia agora os bispos e prega onde pode conseguir alguém que o ouça. Desvia-se do ritual, quando serve ao seu propósito, prega em salões que não foram consagrados, e até mesmo constrói novas casas para a pregação do Evangelho, ainda que hesite em chamá-las de igrejas, e estimula a pregação feita por leigos, alguns iletrados. Alguns chamavam-no de louco; mais freqüentemente de “religioso desequilibrado”. Outros acusavam-no de egoísta, e até de enriquecer à custa do movimento! O fato é que toda a sua personalidade se despertou à pobreza espiritual de seus patrícios, à inépcia e futilidade da Igreja, e foi guiado para a frente pela convicção de que ele era o instrumento escolhido por Deus para encontrar e aplicar o remédio. E o julgamento geral da história é que Wesley tinha razão!

CAPÍTULO VIII

O CAVALEIRO DO SENIOR

“Ide!” A palavra de Cristo aos seus discípulos foi a primeira ordem que veio ao Wesley despertado. O grande evangelista passou o resto de sua vida debaixo de ordens de marcha. Foi por toda a parte pregando o Evangelho. Vede-o em ação!

Às sete horas da manhã, no domingo, 30 de maio de 1742, dois vultos estranhos, um deles em trajes clericais, ficaram perto de uma bomba d’água, nas extremas de uma rua de bairro pobre, em Newcastle-upon-Tyne, a metrópole do Norte, e começaram a cantar o hino “Old Hundredth”. Três ou quatro pessoas foram ver o que era; em breve 300 ou 400 pessoas se aglomeravam. Antes de o ministro terminar a prédica, havia 1.200 a 1.500 pessoas, a quem aplicou o texto solene: “Foi ferido por nossas transgressões; castigado pelas nossas iniquidades; o castigo de nossa paz caiu sobre Ele e pelos seus ferimentos fomos curados.” Quando terminei, observando o povo a olhar-me atentamente e maravilhado, com a mais profunda admiração, disse-lhe: “Se desejam saber quem sou, meu nome é João Wesley. Às cinco da tarde, com o auxílio de Deus, espero pregar novamente.”

A maior multidão a que jamais falara reuniu-se na colina à tarde. Sua voz forte não podia alcançar a metade deles. Mas todos podiam ver o cenário que era, então, novidade: um clérigo pregando fora da igreja! Depois do sermão, diz ele: “Os pobres coitados estavam prontos a se aconchegar a mim, movidos pelo amor e bondade.” Só depois de algum tempo conseguiu sair do aperto. Pediram-lhe que ficasse mais um dia, porém não pôde, porquanto deveria falar em Bristol, 160 quilômetros ao sul, na terça-feira; tinha de montar e partir, mas voltaria novamente.

Tal é a história do próprio Wesley como o Metodismo apareceu em Newcastle. Em sua primeira passagem pelas ruas da cidade, ele surpreendeu-se: “Havia tanta bebedeira, e tantas palavras obscenas se ouviam e tão feias (até mesmo pelas crianças) como

jamais vi e ouvi em tão pouco tempo. Na verdade, o lugar é apropriado àquele que veio, não para chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento.”

No próximo sábado, estava em Epworth, local onde nascera. O pastor da igreja não lhe permitiu que tomasse parte no culto, no domingo, e ele mesmo pregou contra os “entusiastas.” Quando a congregação se retirava, o companheiro de Wesley avisou que o filho do antigo ministro daquela igreja estava presente e que pregaria no pátio da igreja às seis horas, visto que lhe fora negado o púlpito. Toda a aldeia de Epworth veio ouvir a seu filho mais famoso. Sua plataforma fora a pedra do túmulo de seu pai, perto do fim (Este) da igreja antiga de pedra. A cena dramática tem sido muitas vezes pintada e gravada, e está esculpida na lápide do túmulo de Wesley, na Abadia de Westminster. O povo pediu-lhe que permanecesse, e ele ficou oito dias, pregando diariamente no pátio da igreja, do túmulo de seu pai, e nas povoações vizinhas. “Tenho absoluta certeza”, escreve ele, “de que transmiti mais bênçãos em 3 sermões do túmulo de meu pai, que nas prédicas de 3 anos em seu púlpito.” Tal fora a transformação que Aldersgate produzira em sua eficiência! O povo chorava quando ele falava aos seus corações. Um senhor, que viera de carruagem, ouvia, admirado. “És pecador?” perguntou-lhe o evangelista. “Bastante pecador!” murmurou em resposta e ficou olhando para cima como se estivesse paralisado, até que sua esposa e o carreiro, ambos em lágrimas, o levaram para a carruagem. Numa das cabanas vizinhas, onde houvera muitas conversões, os vizinhos levaram um carro cheio de metodistas “entusiastas” ante um magistrado. “Qual é a falta?” perguntou o juiz. “Pretendem ser melhores que os outros, e oram de manhã à noite”, replicou o guia. Outro disse: “Converteram minha mulher. Antes de converter-se tinha uma língua danada! Agora, está quieta, como um cordeiro!” “Levai-os de volta, levai-os”, exclamou o juiz, “e deixai que convertam todas as mulheres barulhentas e linguarudas da cidade!”

Esta viagem, feita a cavalo pelo Norte, cujo triângulo de 1.120 quilômetros incluía Bristol no Oeste, foi a primeira viagem longa evangelizante. Foi a pedido de dois amigos e discípulos, um deles carpinteiro de Bristol, João Nelson, um de seus primeiros e melhores pregadores leigos; outro, a Condessa de Huntingdon, que esperava que ele duplicasse entre os mineiros e marinheiros, negligenciados e incrédulos do Norte, as vitórias que ganhou em Kingswood e Bristol.

Quatro vezes em 16 meses, maio de 1742 a agosto de 1743, Wesley viajou pelo circuito do Norte, conservando-se na sela apesar das estradas geladas e da queda de neve. Coisa alguma, nem mesmo seu cavalo caindo morto, podia cancelar suas reuniões marcadas. Numa ocasião, tendo falhado o animal, ele caminhou para Leeds mais de 39 quilômetros! Até mesmo as estradas principais eram ruins. Havia poucos indicadores de madeira nas estradas, e o viajante, muitas vezes, perdia o rumo mesmo em bom tempo. Os vãos de rios e barcos eram mais comuns que as pontes, e muitas vezes, os cavaleiros, através de tempestades à noite, em estradas escuras e em lugares desconhecidos, caíam em buracos e às vezes no rio.

Mas não havia coisa alguma que pudesse parar o “Cavaleiro do Senhor.” Em sua vida longa, viajou cerca de 400.000 quilômetros. Augustine Birrell declara que ele pagou mais impostos de lugar para lugar, andando a cavalo, que qualquer outro homem.” No fim de longa viagem que fez a cavalo, ele escreve no “Diário”: “Extremamente cansado, mas muito menos depois de ter pregado.” E ainda: “Molhado quase todo o dia, mas não me fez mal.” Sempre, um cavaleiro indiferente, caiu muitas vezes, mas nunca se feriu gravemente, pois sempre pregava em reuniões marcadas, enquanto os ferimentos cediam aos remédios. Onde havia muitos compromissos, encontramo-lo na sela até às três da manhã; de pé, novamente às quatro e viajando pela estrada às cinco. “O povo está esperando” era sempre a razão para empregar suas energias até ao máximo.

Depois de sete meses em que Wesley tinha viajado 3.840 quilômetros e pregando três vezes por dia, numa ocasião pareceu desanimar-se: “Se for da vontade de Deus, teria prazer em descansar um pouco; se não for, alegrar-me-ei em não tê-lo.” Mas o Diário mostra que, nas 72 horas que se seguiram, pregou nove vezes!

Estes sermões (afirma-se que foram 42.000 no total, raramente pregados em igrejas), se o cura o reconhecesse, não o deixaria pregar na igreja! Mas uma vez em York, no domingo, quando, conforme seu costume, entrou numa igreja sem ser apresentado, em seu traje clerical, e assentou-se num banco, o cura, que pouco antes denunciara “aquele Wesley vagabundo”, mandou oferecer o púlpito ao belo visitante. Wesley aceitou a oportunidade. Quando o auxiliar segredou ao ouvido do cura “que era João Wesley e não havia engano”, respondeu: “Caímos no alçapão, mas não te incomodes; foi um bom sermão”. Em geral o pregador estava em lugares não consagrados: praças públicas, colinas ou nos campos.

Até pouco depois de seus 60 anos, quando os amigos lhe deram um coche, em que colocou uma estante, com sua biblioteca itinerante, Wesley viajava sempre a cavalo. Em Oxford aprendera a ler, enquanto caminhava, e mais tarde se acostumou a ler na sela do cavalo. Visto ser míope e manter o livro bem perto da vista, viajava quase sempre tendo soltas as rédeas do cavalo, o que explica suas freqüentes quedas na estrada, algumas das quais por pouco que não foram fatais.

Passagens como esta ocorrem no Diário: “Meu cavalo escorregou, caindo sobre minha perna... Estava muito doente, mas aliviado com um pouco de remédio e água. Teria prazer no descanso de alguns dias, mas não podia ser nesta época, de muita atividade.” De modo que se eletrificou duas vezes por dia e cumpriu a palavra para as reuniões marcadas.

Em Bristol, em 1747, encontrou-se Wesley com uma carroça numa rua estreita; segurou as rédeas de seu cavalo para não ir contra o carroceiro, mas a lança da carroça bateu no cavalo; “este arremessou-se como uma flecha sobre sua cabeça, caindo eu, não sei como, perto da parede. A roda da carroça passou-me, apenas me sujando a roupa. Não notei qualquer desordem, mas a mesma compostura como se estivesse em meu gabinete de estudos. Depois de limpar a roupa um pouco, montei a cavalo novamente, e cheguei para a reunião à hora marcada!”

Escreveu Curnock: “Seu coche era ao mesmo tempo uma imprensa, uma biblioteca, e uma capela, em que a horas determinadas cumpria os deveres devocionais do Clube Santo, e lia literatura antiga e moderna, como o faria no silêncio da uma Universidade ou de uma casa pastoral no campo.”

Metódico em todas as cousas, quer arranjando o programa do dia, ou formulando uma constituição para uma igreja, Wesley sempre planejava seu trabalho e punha em prática o seu plano. Nenhum obstáculo comum podia desviá-lo de seu plano. Tendo sido anunciado que pregaria em Epworth, desta vez do púlpito de seu pai, em vez de seu túmulo, em certo domingo, no ventoso março de 1758, encontrou-se detido em Bedford, 192 quilômetros distante, até sexta ao meio-dia. O tempo estava frio e tempestuoso, os rios inundados, o cavalo coxeava, e então, mudou para um coche antes da madrugada de sábado; mudou novamente para a sela e lutou através da escuridão e de enchentes para chegar em Epworth, às 10 da noite. No domingo, pregou duas vezes, do púlpito de seu

pai, e à noite na praça pública, a uma multidão que desafiava a ventania impetuosa.

Estes poucos exemplos, entre muitos, são suficientes para provar o zelo, que não esmorece, a vontade invencível, e o esforço quase sobre-humano deste homem, aparentemente franzino, entretanto, viajando pela estrada durante mais de 50 anos como se fosse um atleta das Olimpíadas! Apesar de estar sempre viajando com prontidão, disse ele: “Nunca estou com pressa.”

Em certa ocasião, um conhecido de pouco tempo, perguntou-lhe quanto ganhava por esse trabalho incessante e exaustivo. Não ganhava nada, a não ser o pequeno salário de Preceptor do Colégio de Lincoln. O seu salário não era para ser escriturado nos livros deste mundo. Sua recompensa estava na consciência do que estava fazendo, como ele mesmo escreve: “Todo o bem que posso, de todas as maneiras possíveis e a todas as pessoas que puder.” E fazendo tudo com o sentimento dominante do dever e gratidão a Deus de quem se tornara servo desde Aldersgate.

Wesley escreveu 233 trabalhos originais e resumiu ou editou outro tanto. Sua “Biblioteca Cristã”, que organizou como biblioteca completa para aqueles que temem a Deus”, fora constituída de 50 pequenos volumes, “Os trechos mais escolhidos de Divindade Prática.” A maneira de ser destes livros fora organizada ao alcance da bolsa dos operários.

Apesar de não ter escrito qualquer livro de interesse literário geral ou de importância, seu Diário, suas cartas e sermões possuem tal vitalidade que não tem diminuído até hoje. Durante sua vida, seus escritos produziram rapidamente uma renda crescente, que dedicou à caridade. Quando o acusaram de tirar proveito pessoalmente das coletas e publicações, respondeu que ele não lidava com as coletas, e sim os ecônomos, e usava o dinheiro para as propriedades e para a caridade; que pessoalmente estava com um débito de construção no valor de 650 libras; ele tinha “deliberadamente abandonado seu conforto, a maioria de seus amigos, sua reputação e aquela maneira de vida que lhe era tão agradável ao seu temperamento natural e educação; trabalhara dia e noite, gastara todo o seu tempo e força, sabendo que destruíra uma constituição forte, e estava na direção da fraqueza, dor, enfermidade e morte, para ganhar um débito de 650 libras. “Por qual preço”, disse ele ao clero que vivia regaladamente e que o criticava, “pregareis dezoito ou dezenove vezes por semana durante um ano? Por que preço vós vos absteréis de todas as diversões

para fazer o bem e louvar a Deus? Que vos darei para viajardes 1.120 ou 1.280 quilômetros em todas as estações de três em três meses? Estou certo de que não quereríeis tal vida, mesmo com milhares de ouro e prata.” E ainda “Alimento e vestuário eu tenho, e lugar onde descansar minha cabeça. Tenho o que é necessário para a vida e a piedade... Os reis da terra não me podem dar mais. Quanto ao ouro e à prata considero-os como refugio... Temo somente que qualquer resquício dessas coisas materiais se prenda a mim e ficasse impossibilitado de lançá-lo fora antes que meu espírito volte para Deus... Ouvi, vós isto, todos vós que descobristes os tesouros que deverei deixar depois de minha morte: se eu deixar mais que dez libras, além de minhas dívidas e meus livros, e o que houver para ser pago por conta deles, vós e toda a humanidade sereis testemunhas contra mim que morri ladrão e salteador.”

Dentro de doze meses antes de sua morte, escreveu em seu livro-caixa em letras trêmulas: “Além dos 86 anos, guardei minhas contas exatamente. Não o farei mais, estando satisfeito com a convicção constante de que economizo tudo o que posso e dou tudo o que posso, isto é, tudo o que tenho.”

As viagens de Wesley eram incessantes. Em 1764, entre 19 de maio e 4 de agosto, período de 77 dias, ele viajou de Bristol a Inverness na Escócia, e voltou pregando em 122 cidades, realizando 300 cultos. além das reuniões das sociedades Unidas, onde quer que existissem. Somente uma vez - era numa segunda-feira, as férias do pregador - seu Diário tinha esta frase rara: “Tive um dia de descanso.”

A maioria de suas paradas breves em hospedarias à beira da estrada eram dedicadas à leitura, a escrever cartas e à produção de panfletos e livretos que saíam em profusão, de sua pena, e que vendidos a um penny cada, semearam a Inglaterra com a propaganda metodista e como auxílio à fé e à moral. Estes, em alguns casos, tornaram-se panfletos, cheios de granadas, contra os eclesiásticos e ateus que por vinte anos contínuos atacavam os campeões metodistas com seus dardos inflamados.

O itinerário de Wesley na Inglaterra abrangeu todo o reino. Seu “Diário” também já foi denominado guia completo. Augustine Birrell diz: “Ele visitou constantemente os distritos mais afastados, os cantos mais remotos da Inglaterra, lugares onde na atualidade estão afastados até mesmo do pesquisador pelo grotesco. Mesmo agora, em que o mapa da Inglaterra parece uma rede de estradas de ferro, somente o mais vigoroso caminhante, o mais obstinado

ciclista pode traçar os passos de Wesley e seu cavalo, e permanecer ao lado das rochas e anfiteatros naturais em Cornwall, em Northumberland, Lancashire e Berkshire, onde pregou o Evangelho aos pagãos.”

Wesley visitou a Escócia 20 vezes - viagem longa e exaustiva de Foundry ou do Novo Salão. Ele admirava o povo escocês, ainda que vagarosos em responder aos seus apelos. Disse a respeito deles: “Entre todos os pecados que importaram da Inglaterra, os escoceses ainda não aprenderam, pelo menos o povo humilde, a escarnecer das coisas sagradas.” “Entretanto”, diz ele, “raramente há receio de faltar uma congregação na Escócia. Mas a infelicidade é que eles sabem tudo, e assim nada aprendem.”

Vinte e uma vezes este homem, que não gostava do mar, atravessou-o para ir à Irlanda, muitas vezes passagem difícil. Com exceção de poucas localidades no Sul, alcançou e foi ouvido respeitosamente pelo povo humilde, por quem sentia verdadeira afeição. As sociedades metodistas desenvolveram-se em cidades maiores, especialmente em Ulster. A colônia de protestantes germânicos do Palatinado deu-lhe afetuosas boas-vindas, e o Novo Mundo tornou-se mais rico com a conversão de Philip Embury e Bárbara Heck, cuja emigração para Nova York em 1760, e Roberto Strawbridge, que foi a Maryland, cerca do mesmo tempo, plantaram as sementes de que cresceu o Metodismo na América do Norte.

Vinte e quatro vezes Wesley fez excursões ao país de Gales, onde encontrou o povo “tão ignorante do Evangelho como qualquer índio Cherokee da América do Norte”. Muitos, é verdade, podiam recitar a oração dominical e o Credo, mas “tirai-os do caminho em que aprenderam de cor, e nada mais sabem do Evangelho salvador, ou da fé pela qual somente nos salvamos, que o índio Tomo-chichi.”

A coragem moral que capacitou João Wesley, depois de sua experiência em Aldersgate, a suportar o desfavor de seus senhores eclesiásticos, os bispos da Igreja Anglicana e a desrespeitar suas ordens, estava ligada ao valor físico com que o pequeno ministro ia ao encontro de punhos, cacetes e pedras, que lhe jogavam nos primeiros vinte anos de seu trabalho itinerante. A multidão enfurecida, as vezes, era instigada pelo clero mais baixo, outras vezes pelos senhores do campo que se irritavam com a censura de Wesley à sua vida frívola e viciada. Em certas ocasiões e lugares, quando a Inglaterra e a França estavam em guerra, patriotas protestantes, excitados demais, suspeitaram que os metodistas fossem papistas disfarçados e que Wesley era um jesuíta e,

conseqüentemente, amigo dos Poderes Católicos. Quando Stuart, o pretendente à coroa, em 1745, trouxe a ameaça de uma guerra civil, foi Wesley acusado de ser Jacobita, que ligava a Inglaterra com Sociedades, reunindo-se secretamente à noite, que no tempo oportuno se rebelariam e auxiliariam Stuart a expulsar o rei Hanoveriano. Aqueles que se recordam do tratamento rude aplicado aos dianteiros do Exército de Salvação sabem como é fácil instigar o espírito apaixonado da massa. Além disso, a Imprensa secular constantemente criava preconceitos contra o movimento metodista. Por exemplo, o *Gentlemen's Magazine*, um dos principais jornais de Londres, imprimiu em boa fé, o que é quase incrível:

“A indústria do povo inferior numa Sociedade é a grande fonte de sua prosperidade. Mas, se um homem, como o Rev. Sr. Whitefield pudesse, por sua pregação, deter 500 ou 600 homens de seu trabalho cotidiano, que perda em pouco tempo não traria isto ao público! De minha parte esperarei ouvir a respeito de uma prodigiosa alta no preço do carvão, na cidade de Bristol, se este cavaleiro prosseguir, como começou, com suas preleções caritativas aos mineiros de Kingswood.”

Começou a violência quando um sujeito se meteu numa reunião dirigida por Carlos Wesley e puxou o nariz do pregador. Pouco depois que os cultos começaram na Foundery, as pregações eram perturbadas por verdadeiros concorrentes do barulho. Em 1741 João Wesley foi apedrejado enquanto falava em Moorfields. Em 1743, sendo informado de que os metodistas estavam sendo enfiados em Wednesbury, de Staffordshire, apressou-se em libertá-los, arriscando sua própria vida. Entre 1742 e 1751, em certas localidades em Staffordshire, Cornwall, e no Sul da Irlanda, havia terríveis violências. Os indisciplinados da cidade julgaram esporte escarnecer dos metodistas, sobrepujando suas canções e orações, com tambores, sinos, violinos e cornetas. Punham bêbados e gado vacum nas reuniões ao ar livre. De uma feita, Wesley foi ferido entre os olhos por uma pedra que lhe arremessaram, mas limpou o sangue e continuou pregando, apesar de ficar com a cicatriz para o resto da vida. Em Walsall, Wesley foi salvo de um grupo feroz, que o queria matar, guiado por um valentão (reconhecido como o pior caráter do lugar), que levantou o pequeno ministro e o colocou em seus ombros fortes e atravessou o rio com ele. Wesley, sem temer os acontecimentos da noite, quando estivera seguidamente às portas da morte, escreveu: “Passou-me pela mente que se me lançassem no rio, estragar-se-iam papéis que estavam em meu

bolso. Quanto a mim não duvidei que poderia nadar atravessando o rio.”

Entretanto, sem ferimento algum e seco, chegou a um lar amigo. Em 1745, quando Stuart pôs a Inglaterra em nervosismo, Wesley foi cercado numa casa em Falmouth, não havendo ninguém a não ser a criada. Ela pediu-lhe que se escondesse, quando a multidão bateu à porta. “Não”, replicou, “é melhor que eu fique exatamente onde estou.” E lá ficou calmamente quando os enfurecidos entraram, forçando a porta. “Ah!” disse ele, “Aqui estou. Qual de vós tem qualquer coisa para me dizer?” Confusos e acovardados pela sua serenidade, não responderam nem uma palavra. Passou, sem ser molestado, no meio deles e foi à rua. Estava convencido de que a massa queria matá-lo, entretanto, observa no Diário: “Apesar de as mãos de algumas centenas terem sido levantadas contra mim, pararam no meio, de modo que homem algum me tocou, nem com um dedo. Também não me lançaram nada, de modo que não havia nem mesmo pó em minha roupa.” Tinha Ricardo Plantageneta mais direito que Wesley a ser chamado Coração de Leão? Quarenta anos mais tarde, quando Cornwall se tinha tornado um dos baluartes do Metodismo, Wesley, agora um veterano de cabelos brancos, com 86 anos recordava a cena. “A última vez que estive aqui, fui aprisionado por multidão, enfurecida como leões. Mas como as coisas mudaram! A rua, de uma extremidade à outra da cidade, estava repleta de espectadores que, cheios de bondade e de amor, olhavam atenciosamente e admirados como se o rei estivesse passando. E isto numa cidade em que os documentos da Igreja ainda mostram o pagamento de nove schillings para expelir os metodistas da paróquia anglicana.”

Exemplos da serenidade imperturbável de Wesley nas circunstâncias mais difíceis poder-se-ão colher incessantemente. Em Plymouth, quando cercado por um grupo barulhento, diz: “Caminhei no meio deles e tomei o capitão deles pela mão. Imediatamente este disse: “Senhor, ninguém lhe porá a mão. Cavaleiros, para trás. Eu abaterei o primeiro homem que tocar nele.” Caminhamos em paz e nos despedimos muito fraternalmente. Fiquei na rua, cerca de meia hora, conversando com o povo, depois que ele se foi. Esqueceu-se o povo da raiva e também se foi embora de muito bom humor.”

“Era minha regra”, disse Wesley, “confirmada pela experiência longa, sempre olhar a multidão nos olhos.” Um de seus biógrafos recentes assim analisa esta fase de seu caráter: “Não foi apenas a

coragem que salvou Wesley. Fora, não raras vezes, preservado pela dignidade tranqüila, pelo proceder firme, cortês e calmo, pela ausência completa de malícia ou raiva, mas acima de tudo pelas virtudes, particulares e poderes que acompanham o homem de Deus.” E não estaremos acaso justificados se acrescentarmos que fora sempre mantido e guardado pela confiança constante que nascera em Aldersgate? Este homem a quem vemos agora imunizado contra a raiva dos homens é o que tremia por sua vida quando o seu navio era atormentado pelas tempestades do Atlântico. Com efeito, tinha-se tornado nova criatura!

Também exigia coragem doutra sorte, já se vê, o pregar à congregação da alta roda. Um motim era mais fácil de dominar-se. Poder-se-ia olhar o guia, diretamente em seus olhos. Entretanto, Wesley venceu do mesmo modo o momento. De tal encontro diz com graça, o seu Diário, uma bela página:

Bath, nos dias de Wesley, era o centro favorito inglês, da riqueza, da moda e da frivolidade, e o espírito dominante era o popular Ricardo Beau Nash, extravagante jogador. Pelo menos uma vez, Wesley partiu de Bristol para falar à sociedade elegante. “Disse-lhes com franqueza que a Escritura incluía a todos debaixo do pecado, altos e baixos, ricos e pobres, tanto um quanto outro. Muitos pareciam não estar surpresos nem um pouco e começaram a refletir seriamente, quando seu campeão apareceu, Beau Nash, o guia e árbitro da vida e moda em Bath, e contestou ao pregador o direito de falar. Wesley declarou-lhe que seu proceder não era contrário à lei. “Digo que é”, replicou o outro, enquanto o grupo furioso prestou atenção para ouvir o debate entre Beau e o metodista. “Além disso”, prosseguiu ele, “sua pregação amedronta o povo demais.” “O senhor já me ouviu pregar?” “Não!” “E como pode julgar o que nunca ouviu?” “Pelo que diz o povo, certamente” (Uma resposta fatal!) “Mas o que o povo diz não é suficiente. Permita-me, senhor, que lhe pergunte se seu nome não é Nash?” “Meu nome é Nash”. “Senhor, não ousarei julgá-lo pelo que o povo diz. Creio que não seria o bastante para o julgar.”

O riso recaiu sobre o árbitro. Quando voltou a si, perguntou: “Desejo saber o que este povo vem fazer aqui.” Alguém replicou: “Senhor, deixe-o comigo. Uma senhora velha responderá a ele. Você cuide de seu corpo; nós cuidamos de nossas almas e para o bem de nossas almas viemos para aqui.” Wesley diz-nos que aquele homem não disse mais palavra e retirou-se.

Wesley trabalhou ativamente até poucos meses antes de sua morte. Em seu 86.^o aniversário, observa: “Agora percebo que envelheço; minha vista está muito fraca, de modo que não posso ler os tipos pequenos, a não ser com luz forte. Minhas forças diminuem, de modo que ando muito mais devagar que há alguns anos. Minha memória, quer de pessoas ou lugares, enfraquece, pois preciso parar um pouco para recordar-me deles.” Entretanto, um ano mais tarde foi a Dublin ter conferência com seus pregadores irlandeses. Em 1790 pregou seu último sermão ao ar livre sob o carvalho de Winchelsea, a uma congregação, que chorou em pensar que provavelmente seria a última vez que o veriam.

Parecia ser uma criatura mais do céu que da terra. Em fevereiro seguinte, sentiu-se fraco demais para viajar em seu circuito habitual e no Norte como planejava fazê-lo. Em 23 de fevereiro de 1791 pregou seu último sermão na sala de jantar da casa de um cavaleiro de Leatherhead, perto de Londres, sobre o texto: “Buscai o Senhor enquanto Ele pode ser achado.” No dia seguinte escreveu a última carta. O velho espírito ainda o inflamava. Para animar Wilberforce em seu movimento contra a escravidão, escreveu: “Ide em nome de Deus e no poder de sua força, até que a escravidão na América do Norte, a pior que jamais viu o sol, desapareça completamente.” Tinha sido o primeiro guia religioso da Inglaterra a denunciar a escravidão, caracterizando-a como “a essência execrável de todas as vilanias, comumente chamada o comércio de escravos.” Em 2 de março de 1791, em sua casa, no City Road, em Londres, rendeu o espírito. Suas últimas palavras foram: “O melhor de tudo é Deus estar conosco.”

CAPÍTULO IX

O DESABROCHAR DO METODISMO

Depois de um período de fidelíssimo e laborioso amanho da terra, seguido de sementeira diligente, surgiu no tempo oportuno, com as bênçãos de Deus, a florescência e a colheita abundante.

Após Aldersgate, Wesley, despertado, trabalhou, durante os primeiros dez anos, como se cada ano fosse seu último de existência. Notamos como o modelo da organização metodista se foi cristalizando nos três primeiros anos, pregando em toda parte, e por meio de cada convertido despertado a quem Wesley julgasse possuir dons suficientes e graça; a reunião de pessoas despertadas em Sociedades Unidas, cujos membros não se restringiam aos convertidos, mas acessível a todos que desejassem fugir da ira vindoura e salvar-se de seus pecados”; as sociedades se subdividiam em classes com seus respectivos guias, e ainda grupos menores, mais íntimos. Todas as sociedades se reuniam semanalmente, os membros arrolados contavam suas experiências sob a orientação do guia, e eram visitadas, sempre que possível, trimestralmente por Wesley ou seu irmão; casas simples para pregação foram construídas, com provisão sistemática para o seu financiamento por meio de pagamentos semanais, e a propriedade garantida sob uma escritura modelo, assegurando a direção do púlpito a Wesley e a seus sucessores. Não se deveria omitir o canto de hinos, apesar de não ser isto exigido pela lei - e não o precisa ser. Este aspecto popular não era apenas uma inovação no culto inglês, mas em seu próprio modo era tão eficiente como qualquer legislação formal, apresentando a nova religião à massa da pobreza, cujas vidas monótonas se encantaram com as palavras ternas e alegres dos hinos de Carlos Wesley. Horace Walpole, o filho de um Conde, que, de uma feita, para divertir-se, assistiu a um culto metodista em Bath, diz-nos o que ouviu: “Estive numa ópera do Sr. Wesley. Eles têm rapazes e meninas de vozes encantadoras, e que cantam hinos em partes de canções, baladas, escocesas; mas tão longos

que se pensaria estarem na eternidade, e não sabiam quanto tempo tinham diante de si.” Acrescenta: “Wesley é homem magro, idoso, (então, com 63 e Walpole, 49) de cabelos lisos, bem penteados e ondulados na extremidade. Admiravelmente inteligente, mas evidentemente ator como Garrick.”

Nos primeiros dez anos e por muitos anos depois Wesley procurou, e de alguma forma conseguiu, ainda que ultimamente em crescente dificuldade, visitar e inspecionar pessoalmente cada sociedade, uma ou mais vezes anualmente. Se não tivéssemos o seu Diário com registro quase de cada hora do trabalho do dia, para o confirmar, dificilmente poderia crer-se que qualquer indivíduo poderia ter realizado tão grande e minucioso trabalho, trabalho que sobrecarregava seu corpo, pelas dificuldades da viagem e perigos, e seu espírito pelas discussões e polêmicas, defendendo sua doutrina, afirmando sua prática, não somente contra os humanistas, deístas e pagãos declarados, mas, muitas vezes, contra bispos, reitores e professores universitários e eclesiásticos.

Uma unidade adicional de organização que Wesley inaugurou é a que até hoje permanece característica da organização metodista, onde quer que a encontremos na face da terra - o Concílio Regional (Conferência Anual), reunião de ministros (agora, ministros e leigos também) para relatarem e analisarem o trabalho do ano, o ajuste de qualquer desencontro, o estilo de planos e as nomeações pastorais para o ano seguinte. Nasceu da seguinte forma:

Em junho de 1744, no sexto ano de seu despertamento, Wesley resolveu realizar uma coisa nova. Chamou vários ministros amigos e alguns pregadores locais para uma reunião, em “Foundery”, em Londres, com os quais passou vários dias em conversação e entendimentos, considerando: 1. O que ensinar. 2. Como ensinar. 3. O que fazer, por ex.: “Como regular a nossa doutrina, disciplina e prática.” Em agosto de 1745, reuniram-se novamente em Londres, e depois, anualmente, muitas vezes no Novo Salão em Bristol. A reunião, de começo, se fazia por meio de perguntas escritas, como cremos seja ainda o costume universal no Metodismo. Uma das perguntas formuladas era a seguinte: “Qual a melhor maneira de se propagar o evangelho?” Resposta: “Ir pouco a pouco além de Londres, Bristol, St. Ives, Newcastle ou qualquer outra sociedade. Assim, um pouco de fermento espalhar-se-ia mais eficientemente, sem barulho, estando, de certo, o auxílio sempre próximo.”

No segundo Concílio discutiu-se o preparo do ministro:

- Perg.: Podemos ter um Seminário para os trabalhadores?

- Resp.: “Somente depois que Deus nos der um reitor devidamente qualificado.”

Cerca de doze assistiram ao terceiro Concílio, o primeiro a reunir-se em Bristol. Até 1747 o número de itinerantes e leigos subira a vinte, com outros quarenta, que, em vista de auxiliarem somente num local, eram designados por “pregadores locais”. Este Concílio estudou cuidadosamente a escola, que, então, abria em Kingswood perto da escola para os filhos dos mineiros. A nova instituição, principalmente para os filhos dos mineiros, recebia rapazes de seis a dez anos e começando com o alfabeto ensinava “tudo para o trabalho do ministério.” Wesley, não estando a par da psicologia, do espírito da criança, formulou um programa em que não havia período de recreação, pois dizia: “Aquele que brinca quando criança, brincará quando for homem!” Mais tarde houve dificuldades na disciplina em Kingswood, dificuldades que o molestaram muito.

Durante a vida do Fundador, os Concílios tecnicamente chamados “Conversações com o Sr. João Wesley” consistiram, não do total dos pregadores, mas “daqueles pregadores que convidei para conferenciar comigo.” As secções importantes de doutrina e disciplina nas atas impressas, pareciam proceder sempre de sua pena. Não era democrata no Estado, nem na Igreja. “Se por poder absoluto quereis dizer o poder que exerço sem qualquer coadjutor, é certamente a verdade, mas não vejo objeção a isso!” Assim falou Wesley, como o jovem Pitt numa crise nacional: “Sei que posso salvar a Inglaterra, e sei que ninguém mais o pode.” A concepção de Wesley quanto ao Concílio e sua relação com ele se encontra explicada com franqueza, em uma de suas cartas a um ministro descontente:

“Pareceis ter idéia muito errada do que é um Concílio. Por mais de seis anos, depois de minha volta à Inglaterra (da Geórgia) não houvera Concílio algum. Desejei, então, que alguns de meus pregadores se encontrassem comigo para aconselhar-me, não para dominar-me. E podeis notar que não tinham poder algum, senão aquele que eu exercia por eles. Escolhi exercer o poder que Deus me tem dado, deste modo, para evitar ostentação, e gentilmente habituar o povo a obedecer-lhes quando eu já não estiver na direção. Mas, enquanto durar minha permanência com eles, a regra fundamental do Metodismo fica inviolável. Logo que qualquer ministro se una, será dirigido por mim em seu trabalho.” Apesar de ser aristocrata e ditatorial, seus seguidores o amavam muitíssimo.

Como diz Southey, o historiador: “Nenhum fundador de ordem monástica teve ainda o absoluto respeito e admiração de seus seguidores como Wesley.” Ele chamava seus pregadores pelo nome, até mesmo pela alcunha, quando o número já atingira a centenas. Por cartas ele os tratava por “Franky”, “Jemmy” e “Tommy”. Algumas eram concisas, breves e imperiosas, qual um comando de “Quartel General.” Por exemplo, vejamos esta a George Shadford, que se apresentou para ir à América:

“Caro George: - Chegou o tempo de embarcardes. Deveis ir a Bristol, onde encontrareis Thomas Rankin, Capitão Weeb e sua esposa. Deixo-vos livre, George, no grande Continente da América. Pregai vossa mensagem em plena luz do sol, e fazei todo o bem que puderdes.

Vosso, caro George, afetuosamente, João Wesley.”

Sua franqueza aos seus pregadores, especialmente quando corrigindo-lhes as faltas, aparece em sua carta a João King, na América, e que gritava muito em suas prédicas. Já tinha chamado a atenção de King para algum defeito e o pregador desatendera. Wesley insiste:

“Meu caro irmão: - Não griteis mais, pois estaria em perigo vossa alma. Deus vos admoesta por mim, a quem colocou sobre vós. Falai com todo o entusiasmo que puderdes; mas não griteis! Falai com todo o coração, mas com voz moderada. De nosso Senhor se diz que não gritava. Sede meu seguidor, como eu sou de Cristo. Muitas vezes falo alto, com veemência; mas não me excedo. Não exagero. Sei que seria pecado contra Deus e minha própria alma... Se não podeis receber conselhos de outros, certamente podereis recebê-los de

Vosso afeiçoado irmão, João Wesley”

Tornar-se-ia monótono e cansativo examinar página após página nos oito volumes do Diário de Wesley, narrando seu trabalho evangelizador. Muitas vezes apenas horário de datas e lugares de pregação, sem a referência de qualquer outro interesse humano. Para cima e para baixo nos três Reinos ele cavalejou em prol dos interesses do Rei com extraordinário emprego de energia. E que de significação não teria aquele viver dentro do horário exato! Ele exigia sem faltas, de si mesmo, o seu cumprimento rigoroso, apesar do tempo ruim, das estradas imprestáveis, e da fraqueza física, porque nunca fora robusto. A própria monotonia do horário é colossal. Porém, não o era o principal ator na obra. Onde havia almas para serem tocadas e auxiliadas, Wesley não achava

monotonia, ainda que o lugar fosse inacessível, ou desagradável o indivíduo. Disse Henry George: “Eu sou pelos homens.” “Sou pelas almas” era o moto de Wesley. Ponderai como ele é incisivo:

“Tenho um ponto em vista: promover tanto quanto me for possível a religião prática e vital, e, pela graça de Deus, originar, preservar e aumentar a vida de Deus nas almas dos homens.”

Assim pode descrever-se como sendo monótono o trabalho do tecelão em seu tear. A lançadeira move-se em duas direções, numa repetição infundável, sempre no mesmo caminho, horas e horas seguidamente. Mas observemos o resultado. Graças à lançadeira, obtemos o fabrico de material, cuja durabilidade e beleza são a alegria daqueles que o observam. Era assim igualmente com Wesley. Viajou para cima e para baixo, através das estradas, vilas e cidades da Inglaterra durante 50 anos, e teceu um material de incomparável riqueza e excelência. Não é um metodista que fala, mas um pensador inglês, o professor Temperly, que nos mostra no livro *The Cambridge Modern History* o valor e a importância dos trabalhos monótonos de Wesley:

“A primeira metade do século XVIII na Inglaterra foi um período de materialismo, ideais apagados, e esperanças agonizantes. Porém, antes da metade do século, seu caráter se transformou. Apareceu um movimento dirigido por um guia poderoso que tirava água das rochas para que a terra seca vivesse novamente... Berkeley entre os filósofos, Law entre os teólogos, construíram novos pensamentos, conseguiram novas harmonias ou apanharam novas inspirações do século. Porém, mais importante que qualquer outro em universalidade de influência e em realizações, foram João Wesley e o avivamento religioso ao qual deu seu nome e sua vida.”

Esta Inglaterra então transformada fora o fabrico completo, que se estendia ao olhar do tecelão idoso no poente de seu longo dia de trabalho!

Aquele que fora desprezado e perseguido “como um cão danado” veio a ser homenageado como um santo, mesmo em sua vida. As igrejas que o expulsaram por inovador perigoso, lunático e falso profeta, cujo fanatismo desviava o povo, agora se sentiam honradas quando ele aceitava convites para seus púlpitos. Sua velha escola de Charterhouse orgulhava-se de possuí-lo como “um dos de nossa companhia.” A Universidade de Oxford, que, depois de seu vigoroso sermão ante a Faculdade e estudantes em 1744 preferiu substituí-lo, a permitir-lhe exercer novamente seu direito como Preceptor de Lincoln, direito de pregar três vezes por ano na

Catedral, até mesmo Oxford, desde aí colocou seu retrato sobre a mesa alta no salão de Christ Church, e seu busto fora de sua janela em Lincoln, donde se vê o lugar por onde passavam os primeiros metodistas e eram saudados com escárnio e zombaria.

As sociedades metodistas, fruto da evangelização paciente pelas estradas, entre mineiros, tecelões, carvoeiros, fundidores, camponeses, criados e pequenos comerciantes, salvos assim de uma vida frívola e viciada, e inspirados da consciência do valor de suas próprias almas à vista de Deus, fizeram cidadãos úteis, morais, dignos e econômicos. Abriam-se escolas para seus filhos ao lado das capelas de tijolo, de aparência modesta, oferecendo à segunda geração de metodistas mais oportunidades do que tiveram seus pais. Nas sociedades metodistas e classes de jovens, em vez de perderem tempo e dinheiro em diversões públicas, aprendiam a raciocinar e a se expressarem de modo que influíssem sobre seus companheiros.

Destes grupos saíram muitos homens e não poucas mulheres que se tornaram guiantes na luta pela democracia na política e na indústria. A contribuição que os pregadores metodistas locais fizeram à democracia inglesa é assunto que convida ao estudo. Oferece material atraente para tese aos estudiosos, começando com o Movimento Trabalhista, até aos nossos dias.

Por exemplo, Joseph Arch (1826-1919), camponês de Warwickshire, que fez mais do que qualquer outro homem de seu tempo para melhorar as condições dos camponeses. A maioria dos guias deste movimento eram pregadores metodistas locais, como o era o próprio Arch, e sua experiência em reuniões religiosas, tornou-o orador eficiente nos debates durante sua ação no Parlamento. Foi também por este processo que o Ministro Arthur Henderson saiu de uma fundição em Newcastle, por meio da capela metodista, e a ordenação de pregador local, para a chefia política do Partido Trabalhista, uma cadeira no Parlamento, e Ministro das Relações Exteriores no Gabinete Real. O Sr. Philip Snowden, Visconde Ickhornsshaw, notável Chanceler do Exterior, é outra evidência recente do poder extraordinário que o Metodismo exerceu na camada social humilde da Inglaterra. Era filho de tecelão de Yorkshire, cujos interesses convergiam para a Sociedade Metodista; rapaz educado na escola metodista. O jovem, que venceu grandes embaraços físicos, reconheceu a notável influência que exerceu em sua vida um ministro metodista, e daí, suas convicções fortes sobre a reforma social, que o fizeram subir ao Partido Trabalhista,

assim abrindo o caminho para o poder em que tão notavelmente serviu.

Estes três estadistas nasceram em cabanas de operários. Foi obra do Metodismo sob a direção de Wesley apelar especialmente para esta classe, que as igrejas daquele tempo negligenciaram. O resultado natural foi o levantamento do padrão popular, de todos, no sentido espiritual, intelectual e moral. Era uma camada social inteira que se movia para um plano superior, tirando ela própria grandes proveitos e igualmente a nação.

De significação ainda mais alta foi o fato de as campanhas de Wesley, e seu conspícuo triunfo, estimularem o clero a penetrar o mesmo campo, ainda que não com os mesmos métodos, reavivando assim, nos curas, algum interesse pela pobreza que fora negligenciada desde a Reforma. Os curas, que nada faziam para ganhar seu salário, cuja vida privada era muitas vezes escandalosa aos seus paroquianos e uma desgraça à sua carreira, foram despertados ou substituídos por ministros dignos do nome de cristãos.

Em toda a Inglaterra os pensamentos dos homens eram desafiados pelas coisas que Wesley continuamente dizia em toda a parte e pelo fenômeno de vidas transformadas que se lhes manifestavam. Neste século sórdido surgira um homem sincero e franco que se opôs à teoria popular de que a Inglaterra era somente “uma nação de comerciantes” e que as únicas preocupações positivas da vida eram o comércio, a indústria, a agricultura e a aquisição de propriedade. Wesley fez de Deus o ponto central de sua vida consciente; “a vida de Deus na alma” era sua frase freqüente; e ensinou os homens a fazerem isso. Os metodistas em seu tempo eram considerados “um povo peculiar.” Punham Deus em primeiro lugar. Vestiam-se com simplicidade. Assistiam aos cultos dominicais e reuniões de classe, levando suas Bíblias e hinários; liam as Escrituras e cantavam hinos com entusiasmo; conversavam sobre suas experiências e crenças e sobre as idéias que o pregador apresentava no sermão; oravam diariamente. Sua religião era vida, no domingo e dias da semana; gostavam dela e a recomendavam aos seus vizinhos e companheiros, pelo exemplo e palavra persuasiva.

Assim, nos últimos vinte anos do século XVIII, quando quase cada reino no continente europeu se encontrava à beira de revoluções sanguinárias, a Inglaterra permanecia livre de tais catástrofes e marchou com os processos de ordem e desenvolvimento progressivo de uma constituição democrática.

Nunca deveríamos esquecer-nos de que o “General” William Booth, fundador do Exército da Salvação, era também descendente espiritual de Wesley. Rapaz pobre, convertido numa das Sociedades de Wesley, empreendeu extraordinária carreira evangelizadora e de organização, que abalou precedentes eclesiásticos, como Wesley fizera um século antes. A certos respeito era ele muito diferente de Wesley, mas a outros, muito semelhante ao Fundador do Metodismo, em espírito, em devoção, em disciplina, em esforço físico, em capacidade para guiar, em simpatia pelos pobres e oprimidos, em seu hábito de autoridade, no gênio organizador, acima de tudo, na fé em Deus. O espírito evangélico tão dominante no Metodismo era comunicante. As outras organizações religiosas da Inglaterra não podiam resistir-lhe, mesmo que quisessem. Chegou o tempo em que até os curas diziam: “Todos nós somos agora metodistas.”

O espírito intensamente prático de João Wesley teve expressão vigorosa no movimento que fundou. Era inimigo declarado do misticismo, da religião reclusa. Seus seguidores não somente devem ser bons, como devem fazer o bem. “Então, levantemo-nos e façamos” é em que se resumem muitas de suas exortações. Santidade era palavra que muitas vezes, em seus lábios, significava permanecer não somente imaculado do mundo, mas de fato visitar as viúvas e os órfãos em suas aflições. Era a fé, indispensável, a primeira aspiração, porém, não uma fé infrutífera. Ao contrário, fé continuamente à procura de expressão não somente no “primeiro e grande mandamento”, mas no segundo, “que é semelhante a ele: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.” A fé como a principal fonte de ação, da conduta cristã em todas as relações da vida. Neste princípio, Wesley estava muito adiante de seu tempo em obras filantrópicas, em reformas de prisões, em oposição às bebidas alcoólicas, e à escravidão, contra a qual escreveu um panfleto, certa ocasião, em que o comércio de escravos africanos era comércio inglês legítimo. Sua última carta, escrita na semana em que morreu, a William Wilberforce, guia na agitação contra o comércio de escravos, continha sentenças que ganhavam batalhas pela emancipação. As Sociedades Metodistas eram centros de caridade: aliviavam os pobres, cuidavam dos órfãos, arranjavam empréstimo de dinheiro, e proviam dispensários para os enfermos pobres.

Durante a vida de Wesley, a população emigrante da Inglaterra às colônias americanas levou consigo muitas pessoas que estiveram em contacto com o Metodismo, ou até com o próprio Wesley. Strawbridge, Embury e Bárbara Heck foram da Irlanda, e

espontaneamente fundaram sociedades no padrão metodista em Nova York e Maryland. Pouco depois, o Concílio recebeu pedidos urgentes para mandar pregadores que sustentassem os esforços dos dianteiros. Em 1769, dois homens experimentados, Boardman e Pilmoor, foram enviados a este campo promissor. Em 1771, no Concílio do Novo Salão em Bristol, Francis Asbury se apresentou para este serviço. Era homem que satisfazia ao coração de Wesley, verdadeiro cavaleiro do Senhor, destinado a ser conhecido através do comprimento e largura das colônias como “O Profeta da Estrada Longa”, o primeiro bispo eleito pela Igreja americana. Wesley chegou a ver toda a organização metodista, como se desenvolvesse debaixo de sua superintendência, do Concílio Regional até às classes e demais minúcias, transplantada realmente para a América, e em largo progresso com Asbury em sua direção.

Em 1784-5, ele autorizou a separação das Sociedades Metodistas americanas, cuja ligação com a Inglaterra fora cortada pela Revolução Americana, para formar uma organização independente, que tomou o nome de Metodista Episcopal. Tomou sobre si a responsabilidade de consagrar o Dr. Thomas Coke, ministro da Igreja Anglicana, para ser um dos superintendentes da nova organização, com autoridade de consagrar Asbury, e colocá-lo por superintendente. Estes dois deveriam fazer o que Wesley fazia no Concílio inglês, que na teoria de Wesley, pelo menos durante sua vida, não o separou da Igreja estabelecida, apesar de que os bispos e arcebispos sabiam melhor! Coke e Asbury tomaram o título de “bispos”, o que foi surpresa para Wesley, assaz desagradável, como ele lhes disse francamente: “Como podeis, como ousais ser chamados “bispos”? Tremo, só em pensá-lo. Os homens poderão chamar-se de tolo, vil, velhaco, e me contento; porém, com meu consentimento, nunca me chamarão “bispo”! Entretanto, por seu próprio ato, e pelas razões práticas, melhores, ele os tinha revestido de tudo o que concerne ao episcopado. Avisara “Nossos irmãos na América do Norte, numa declaração formal, de Bristol, datada de 10 de setembro de 1784, que até àquela data recusara-se a ordenar pregadores na Inglaterra “para não violar a ordem estabelecida da Igreja Nacional”, à qual pertencia; entretanto, o caso é muito diferente entre a Inglaterra e a América do Norte. Aqui, há bispos que têm jurisdição legal; na América não há nenhum, nem para batizar, nem para administrar a Santa Ceia. Aqui, portanto, me caem os escrúpulos; assim, creio que tenho toda a liberdade, visto que não violo nenhuma ordem, e não invado os direitos de ninguém, nomeando e enviando trabalhadores para a

seara... Se alguém apresentar método mais racional e escriturário de alimentar e guiar estas pobres ovelhas no deserto, terei prazer em aceitá-lo. Presentemente não vejo nada melhor do que o que usei. Visto que nossos irmãos americanos estão totalmente livres do Estado e hierarquia inglesa, não ousamos embaraçá-los novamente com um ou outro. Estão agora com toda a liberdade simplesmente de seguir as Escrituras e a Igreja Apostólica. E julgamos mais prudente que fiquem firmes naquela liberdade com que Deus, de maneira tão estranha, os libertou.”

Algo semelhante ao que aconteceu na América, também se deu, após a morte de Wesley, no Canadá, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, onde unidades fortes e autônomas do Metodismo ecumênico foram organizadas. O Dr. Coke fizera estudos no sentido de organizar uma sociedade missionária metodista estrangeira, que, porém, não se cristalizou em seus dias. Mas o espírito missionário era forte e no século XIX plantou o Metodismo em todos os continentes e ilhas.

A consciência cristã do século XVIII não era sensível aos aspectos mais amplos da justiça social. Mas, no tempo de Wesley, piores males ainda não tinham surgido.

O poder do vapor e sua aplicação às máquinas para a produção e transporte de mercadorias apenas começara a trazer a Era Industrial, que, com todos os seus benefícios, tem trazido muitos males. Mas, Wesley, ansioso de ajudar a humanidade, formulou certos princípios, baseados nos ensinamentos de Cristo, que prepararam os metodistas para colaborar em tudo, para o bem da sociedade no tempo oportuno. Assim o movimento pela abolição do álcool encontrou os metodistas a postos, de mão forte; votaram pelas leis de reforma, que redundou no sufrágio democrático; o Movimento Trabalhista recrutou seus oradores, e homens e mulheres de talentos comerciais, e parlamentares dentre os pregadores locais e guias de classe; os ataques de Wesley à escravidão ministraram granadas e canhões para os abolicionistas dos dois lados do Atlântico. Gladstone não teve mais eloquente apoio que os apelos de Hugh Price Hughes, o guia metodista da Missão de West Londres; nos últimos anos nenhum grupo tem falado mais firmemente pela paz do mundo e pela justiça social que os pregadores metodistas da Inglaterra e Estados Unidos. Foi o Wesley despertado, após Aldersgate, que lançou a semente à larga, produzindo noutras gerações a exuberância e frutos da atualidade metodista.

CAPÍTULO X

O REMÉDIO PARA UM SÉCULO ENFERMO

A vida de João Wesley (1703-1791) abrangeu o século XVIII. Wesley viu o século XVIII e dele fez parte. Tinha relações com os homens principais da Inglaterra, quer na Igreja, quer no Estado. Interessou-se inteligentemente, e vivamente, em sua política, literatura, música, drama, e filosofia; nenhum contemporâneo seu pode comparar-se a ele com respeito às relações pessoais com homens e mulheres de todas as classes sociais, especialmente as massas iletradas e negligenciadas de operários.

Nasceu Wesley numa Inglaterra fraca e doente. Os conflitos políticos e religiosos do século anterior não somente produziram cicatrizes, mas deixaram ainda feridas abertas a sangrar. A tirania Stuart somente terminou com a guerra civil e morte do rei (1649), a Comunidade de Cromwell (1649-1660) e a expulsão final de James II pela Revolução Protestante de 1688, causaram ódios, derramamento de sangue, o exílio ou morte de muitos homens de caráter e capacidade, em todos os partidos, e o conseqüente empobrecimento da nação. Os cargos eclesiásticos estavam desocupados por causa das provas rígidas e repetidas de juramentos e eliminações severas, visto que os Presbiterianos, Católicos e Anglicanos sucederam uns aos outros na autoridade da Igreja. Assim, a Igreja perdera aqueles bispos e ministros, de caráter mais forte, de convicções e de capacidade para guiar. Já não exercia a Igreja força espiritual positiva, não obstante ter alguns bispos piedosos e cultos, como Berkeley e Butler e muitos ministros exemplares. Fora da Igreja Anglicana, havia homens como Law, Watts, Dodridge. Todavia, a disciplina frouxa, e o abalo geral dos fundamentos devido à revolução de Cromwell encheu o país de seitas numerosas e barulhentas, exibindo aberrações mentais e tempestades afetivas que sobressaltaram o povo conservador e o levou a suspeitar de todos os novos e estranhos movimentos em religião, tachando tudo de fanatismo.

O movimento metodista, em sua fase inicial, levou em sua corrente alguns desses entusiastas e sua estranha falta no equilíbrio das emoções muitas vezes motivou censura aos “metodistas fanáticos” e que bradavam em suas exortações. Wesley tratou desses acontecimentos sensacionais com simpatia e tato, e sua autoridade, digna e segura, exercida através de 50 anos, firmou o povo metodista no conceito do público, em geral, apesar de sua doutrina que Deus não faria distinção de pessoas, e que todos os homens são pecadores até que nasçam de novo desgostava a aristocracia. Eles não estavam acostumados a ouvir tal conversação do clero que comia e bebia em suas mesas e caçava com eles. Provavelmente a expressão muito franca da Duquesa de Buckingham sobre os pregadores metodistas deveria ter sido compartilhada por muitos cavalheiros e senhoras da nobreza:

“Suas doutrinas são muito repelentes, e fartamente embebidas de insolência aos seus superiores... É monstruoso ouvir-se que nós temos coração tão pecador como os miseráveis da plebe que se arrastam pela terra. Isto é altamente ofensivo e insultante.”

Como quer que seja, a Inglaterra do século XVIII mostrava muitos sintomas de grave desordem orgânica. Sua cabeça, nervos e coração estavam igualmente abalados.

Olhai para a sua literatura. O século precedente (XVII) produzira João Milton, autor de *O Paraíso Perdido*, e João Bunyan, autor de *O Peregrino*, o livro mais vendido através dos tempos; e nos primeiros anos apareceram as primeiras representações de *Hamlet*, *O Rei Lear*, *Macbeth*, *Otelo*, *Júlio César* e *a Tempestade*, dramas de Shakespeare. Mas a veia poética estava exausta, e somente depois de 100 anos foi que o gênio poético inglês desabrochou novamente em Wordsworth, Shelley, Keats, Tennyson e os dois Browning. A literatura, em prosa, do século XVIII é quase trivial em comparação com a de Milton ou com a pureza e força na Versão Bíblica do Rei James (1611).

Os nervos da Inglaterra do século XVIII, abalados pela catástrofe política, estavam sempre febris. O forte brado “Papado, não!” era o suficiente para encher as ruas da cidade de homens raivosos, ansiosos por matar os católicos.

Duas vezes na primeira metade do século, os Jacobitas, partidários de Stuart, pretendente do trono, tentaram revolução. Tachar um indivíduo de “Jacobita”, em 1715-1745, era lançar uma plebe furiosa atrás dele, pronta a quebrar suas janelas, senão seus ossos. Como temos visto, as estranhas seitas novas, os profetas

franceses, os homens da quinta monarquia os quacres e os metodistas, todos eles causavam nervosismo ao povo, cujos pais tinham sofrido tanto, que temiam qualquer coisa que ameaçasse perturbar a situação religiosa presente.

Também do coração sofria a Inglaterra. Muitos, até mesmo nos altos círculos da Igreja, criam que Deus fora derrotado, e que o Cristianismo, ou, pelo menos, a Igreja, estava agonizante. Afirma-se que o Bispo Butler rejeitara a sugestão de seu nome para o cargo de Arcebispo de Canterbury, sob o fundamento de que agora era tarde demais para se salvar a decadente Igreja Anglicana. Ele e outros teólogos continuaram combatendo, por via dos livros, os campeões da heresia e do erro, mas pareceu ser uma atividade da retaguarda, que revelou a decadência religiosa. Os deístas afirmavam que existia um Deus, mas que Ele se revelara tão claramente em a natureza, que não havia já necessidade da Bíblia; que havia uma lei moral, e que os que se afastassem dela seriam punidos no mundo vindouro.

Ordinariamente os púlpitos evitavam atitudes de orientação positiva e se contentavam em condenar o vício em geral e a louvar a virtude. Tais exortações suaves, destituídas de ênfase espiritual e objetivo específico, pouco frutificaram na vida de seus ouvintes, e a Igreja viu seus cultos negligenciados e a Mesa do Senhor abandonada. Dizia-se a respeito de muitas pessoas que continuavam a manter aparência de religião sem a realidade, que “Falavam a língua de seus pais, mas não tinham sua fé.” Mark Pattison descreve esta Inglaterra anêmica em que João Wesley nasceu, da seguinte maneira: “Foi um século, cuja poesia não tinha romance, cuja filosofia não tinha penetração, e cujos políticos não tinham caráter; século de luz sem amor, cujos próprios méritos eram da terra, terrenos.” Uma filosofia que, hoje, se classificaria de humanismo, tomava a aparência de grande parte da religião do tempo, a qual Wesley chamava simplesmente de “impiedade.” O século era essencialmente materialista, sua prática, senão até preceito, era “Comamos, bebamos e nos alegremos, porque amanhã morreremos.” Viveram de acordo com este princípio, pois que em 1750 1/6 das casas comerciais de Londres vendiam álcool e a bebedeira bestializada era o mais comum dos vícios. Muitas vezes se levantaram contra o uso e venda do álcool, mas nenhuma tão alto e tão forte como a de Wesley. Wesley denunciou o álcool como “veneno”; o bebedor, como animal: “nem tolo, nem maluco, mas porco, realmente porco.” Sobre este “veneno da moda”, disse ele:

“É de se admirar que o preparo de tal veneno fosse permitido, já não digo em qualquer país cristão, mas em qualquer Estado civilizado. Ah! mas redundaria em considerável lucro financeiro ao Governo. É verdade; porém, será justo negociar as vidas dos homens pelo dinheiro? Certamente esse ouro é comprado caro demais, se é o preço de sangue.”

O Evangelho de Wesley era o remédio para aquele século enfermo. Não somente abrasou corações, esclareceu inteligências, expulsou temores, acalmou nervos, repreendeu pecados específicos, e estimulou amor ao próximo, mas expressou-se em atos de caridade. Ele ensinou aos mais humildes da escala social que eram filhos de Deus, e que, apesar de pecadores pela própria natureza e escolha, poderiam obter perdão e paz e a confortante certeza da aceitação divina. Não se contentava em que o convertido alcançasse coração transformado; insistia em que o homem salvo deveria demonstrar a realidade de sua fé, produzindo obras dignas de arrependimento. Isso não implicava apenas em assistir classes, participar da Santa Ceia, orar, cantar hinos, ainda que tudo isso se esperava dele. Devia cuidar de seu corpo, conservá-lo limpo, saudável e forte. Devia cultivar sua inteligência, lendo a literatura boa e de preço módico, que a pena incansável de Wesley e a imprensa colocaram ao alcance fácil de sua mão e bolsa. Devia ser ativo, temperante, econômico e caridoso, adquirindo propriedade não para guardá-la, ou viver luxuosamente, mas para distribuir àqueles que estivessem em maiores necessidades. A mera acumulação de riqueza, Wesley olhava com suspeita e inquietação. À medida que via membros de suas sociedades subir na escala social em consequência das virtudes que ele lhes ensinara, ele considerava o acúmulo da riqueza como um ardil satânico “para destruir a obra presente de Deus.” Em Bristol lamenta que, “enquanto muitos acumulam coisas deste mundo, seu grande perigo, percebo, será voltarem para o espírito do mundo, e sua religião não terá passado de um sonho.”

A mudança de coração e a saúde que todos os historiadores notaram no povo inglês na segunda metade do século XVIII são atribuídas a Wesley. Ainda que os membros de suas sociedades não excedessem a 130.000, em sua vida, eram uma unidade influente em cada cidade e aldeia, sendo os membros arrolados principalmente de trabalhadores e pequenos comerciantes. Sua influência sobre os membros mais judiciosos das organizações religiosas mais antigas tornou-se muito maior, quando notaram que os metodistas não eram

fanáticos desequilibrados, mas geralmente se encontravam do lado dos anjos, do lado também dos maiores profetas da Reforma: Lutero e Calvino. T. R. Glover, notável catedrático batista, da Universidade de Cambridge, coloca Wesley com Paulo, Agostinho e Lutero, como um dos quatro intelectuais, mediante o qual Deus transformou o coração da Cristandade nos dois lados do Atlântico.”

O novo Evangelho gerou novo idealismo, que produziu frutos abundantes no princípio do século XIX, em missões cristãs e filantropia de toda a espécie e na poesia de Wordsworth, Tennyson e dos Brownings. O mundo anglo-saxão, que no início do século XVIII perdera a esperança de melhorar, começou agora a alegrar-se com a idéia de “progresso”, e esperava o prazo do milênio dentro de poucas gerações.

Lembram-se, ainda, alguns leitores, do grito de conquista que abrasou o coração da mocidade cristã no final do século passado, quando seus guias definiam o alvo:” A Evangelização do mundo nesta geração!”

Então rebentou a primeira Guerra Mundial, e depois dela o dilúvio que afogou o idealismo de toda a espécie: o mundo todo foi para trás!

Os velhos sintomas da decadência do século XVIII novamente começaram a manifestar-se. Sua evidência temo-la na falta de literatura criadora: em vez da música sacra e ópera, veio o jazz, cuja dissonância, parece, embasbacou a multidão. A arte perdeu o culto da beleza e buscou arranjos fantásticos de forma e cor. A grande paralisia mostrou-se na indiferença generalizada pela religião, o colapso dos padrões morais, o desrespeito aos votos do casamento, a freqüência do divórcio, e o desprezo cínico à personalidade, evidente no trabalho esfaltante de crianças na indústria, a exploração comercial de mulheres, e a divisão entre empregados e empregadores, atingindo o aspecto aterrador de guerra. As bebidas alcoólicas voltaram depois da queda da lei de proibição, como os 7 espíritos malignos à casa limpa e adornada! Na política, o mal apareceu na ruína da Liga das Nações, no repúdio dos tratados de paz e de renúncia à guerra, assinados solenemente, na rapina da Manchúria e da Etiópia, a Guerra Civil na Espanha, e gastos fabulosos das nações em navios de guerra, aviões, canhões, bombas, granadas, gases venenosos, aparentemente para se defenderem contra a agressão de seus vizinhos, apesar de todos declararem continuamente que a guerra agressiva lhes está mui longe do pensamento. Este século pode mesmo duplicar o nervoso

século XVIII. Foi no tempo de Wesley que inúmeros de seus patrícios se arruinaram num colapso financeiro, semelhante ao que aconteceu na América do Norte, em 1929, depois de uma orgia de largas especulações. E poder-se-ia acrescentar a isto: a loucura de se conseguir algo por nada, e que milhões de pessoas na atualidade a comprar bilhetes de “sweepstakes” e de loteria!

No princípio do século XIX, o poeta Woodsworth, meditando na situação em que se encontrava a sua pátria amada, derramou sua alma, num soneto que assim começava:

Milton! Tu devias viver nesta hora!

Parecia ao poeta que:

O viver simples e o pensamento profundo

Já não existem.

A beleza rústica da boa e velha causa

Desapareceu, nossa paz, nossa inocência temente,

E a religião pura, produzindo leis ao lar.

E assim ele se dirige ao grande Puritano do século XVIII:

Oh! levanta-nos, volta-nos novamente;

E dá-nos maneiras, virtudes, liberdades, poder

Tua alma era semelhante a uma estrela e morou à parte:

Tinhas uma voz, cujo som era semelhante ao mar,

Pura como os céus límpidos, majestosa, livre.

Assim viajaste na estrada comum da vida

Em piedade alegre; entretanto, teu coração

Nos mais humildes deveres permaneceu.

Sem dúvida alguma é tudo isto notável e comovente; mas não é um Milton tanto quanto um Wesley que é essencial à restauração do mundo, na crise atual. Porque Wesley construiria o Reino de Deus através das vidas transformadas dos indivíduos, cuja santidade coletiva devia operar a salvação da sociedade. Seu remédio iria à fonte de infecção e destruiria o próprio germe!

Urge-nos individual e coletivamente uma fé reavivada e enérgica em Deus. Um Deus que não é a criação do pensamento dos homens ou a projeção de ideais e aspirações humanas, mas uma personalidade transcendente que nunca se esqueceu do universo, nem jamais o desamparou, que ainda mostra a obra de suas mãos, mas de maneiras diversas e que não deixam de ser reais por estarem além de nossa compreensão, ainda se revela e se faz sentir nos

corações dos homens e mulheres. Tal era o Deus de João Wesley que se lhe tornou real em Aldersgate. Não o procuraremos nós, também, até que o encontremos?

Necessitamos também renovar nossa dependência da Bíblia, como a Palavra suficiente de Deus ao homem. Os estudos bíblicos nos têm feito conscientes das limitações dos autores humanos da Bíblia. Porém, a Bíblia é ainda a Rocha invencível dos Sagrados Escritos. Precisamos fazer dela uso diário e inteligente, torná-la com efeito a nossa conselheira e o guia de nossa vida. Wesley, incansável leitor de cada livro de valor publicado em seu tempo, disse: “Sou o homem de um Livro - a Bíblia.” Assim ensinou aos seus seguidores, e nada aconteceu que anulasse o valor de seus ensinamentos.

João Wesley levou consigo de Aldersgate ao seu leito de morte a absoluta segurança da comunhão pessoal com o Espírito Eterno. Essa tem sido a experiência de milhões de indivíduos através dos séculos, desde o Pentecostes até Aldersgate e pelos séculos afora. Será que se tornou nossa geração tão orgulhosa, tão egoísta, tão crítica de tudo que não possa ser medida pelos micrometros do assim chamado mundo natural, que se tornou da terra, terrena, e terá perdido toda a capacidade de perceber outras realidades do mundo espiritual? A mente poderosa e penetrantemente analítica de Wesley reconheceu esta realidade e construiu sua carreira grandiosa sobre este fato fundamental. Aconteceu qualquer coisa ou algo se descobriu no mundo material, filosófico ou psicológico que anulasse este processo? Ou permitimo-nos fracamente escorregar por degraus imperceptíveis àquela mentalidade pagã que nega a existência de qualquer coisa que os cinco sentidos não percebam?

Wesley, tu devias viver nesta hora!

Nosso século precisa de ti, para convencer-nos da realidade de Deus, para afirmar nossa confiança em sua Santa Palavra, para reviver aquele sentimento de culpa e necessidade do perdão, que ainda confessamos à Mesa do Senhor, mas cujas palavras do ritual, muitas vezes não representam a nossa atitude íntima, para inspirar-nos a nos levantar na liberdade com que Deus nos fez livres, e tomar sobre nós, com vigor renovado, a tarefa que fora iniciada para os metodistas há mais de 250 anos, pelo homem do “coração abrasado” em Aldersgate, e que daquela hora em diante se dedicou, lado a lado com os seus seguidores, ao trabalho de espalhar a santidade por todas as nações!

SUGESTÕES

AOS GUIAS DE ESTUDOS EM GRUPOS

Espera-se que este livro estimule a muitos, que ficarão conhecendo a história extraordinária do fundador do Metodismo, a prosseguir além do estudo desta obra.

Deveria haver facilidade de se conseguir nas bibliotecas obras tais como *Lives* por Southey, Green e Vulliamy e de tipo mais elaborado, de Tyerman, que podem ser consultadas com proveito e prazer. Suplementando o trabalho presente, poder-se-ia consultar o valioso livro do Dr. C. E. Schefield *Aldersgate e Depois (Aldersgate and After)* 1937, uma aplicação da experiência de Wesley aos problemas religiosos diferentes da atualidade.

As perguntas que seguem poderão servir de base para o estudo.

Perguntas

Capítulo I - Os Metodistas de Oxford

1. Como e onde foi o termo “metodista” primeiramente usado pelo grupo de jovens piedosos?
2. Qual dos três irmãos Wesleys reuniu primeiro os estudantes que eram apelidados de “metodistas”, “Clube Santo”, “Fanáticos Bíblicos”?
3. Quem era o guia dos “metodistas” de Oxford?
4. A qual Universidade pertencia e qual a sua posição nela?
5. Quais livros primeiro aprofundaram o interesse de Wesley em seu próprio estado religioso?
6. Que fazia o grupo “metodista” que despertava atenção?
7. Qual era a condição educacional e espiritual da Universidade de Oxford naquele tempo?
8. Qual a atitude de alguns estudantes e pais para com os “metodistas de Oxford”?

Capítulo II - *Tal mãe, tal filho*

1. Em que base se afirmava que “João Wesley era metodista desde o berço”?
2. Quem era a mãe de Wesley?
Quantos irmãos e irmãs tinha ele?
3. Quem era o pai de Wesley?
Quem eram seus antepassados?
Em que paróquia ele era ministro?
4. Que tradição de cultura era hereditária em ambos os lados da família de Wesley?
5. Onde e como receberam os filhos de Wesley sua educação elementar?
6. Que espécie de lugar era Epworth? Localização no mapa.
7. Que disse a Sr^a Wesley com referência ao custo, para sua pessoa, da educação de seus filhos?
8. Que gravou inapagavelmente na memória de Wesley a frase “um tição arrancado do fogo”?

Capítulo III - *Na Escola e Universidade*

1. Onde João Wesley se adaptava para a universidade?
Quem pagou suas contas no colégio?
2. Que era Charterhouse, e quem foram alguns de seus famosos alunos?
Qual a atitude de Charterhouse para com Wesley?
3. Que disse Wesley sobre sua religião no colégio?
4. Quem era “Old Jeffrey” e quais as façanhas que realizava na casa pastoral de Epworth?
5. Qual o efeito destas histórias de espíritos sobre o rapaz Wesley?
6. Qual o nome do colégio na Universidade de Oxford para o qual Wesley entrou? Como pagou suas contas? De qual Colégio tornou-se preceptor, depois de diplomado, e quais eram os seus deveres?
7. Era o calouro Wesley diferente de seus companheiros?
8. Que mudança se operou em Wesley aos 21 anos?
9. De que maneira diferente se expressavam seu pai e sua mãe quanto à sua decisão de ser “ordenado clérigo”?

Capítulo IV - *O Fiasco na Geórgia*

1. Que negócio levou Wesley a Londres depois da morte de seu pai?
2. Quem fundou a colônia da Geórgia, e qual o objetivo?
3. Qual era o motivo de Wesley, apresentando-se voluntariamente para ir à Geórgia?
4. De que modo os piedosos moravianos, que encontrou no navio, pareciam ter fé que envergonhava a sua?
5. Qual era o trabalho de Wesley na Geórgia, e quanto tempo durou?
6. Por que Wesley não se tornou missionário aos índios?
7. Que perguntas difíceis fez Spangenberg, o pregador moraviano, em Savannah, a Wesley?
8. Que espécie de ministério desempenhou Wesley em Savannah?

Capítulo V - *Tempestade e Aflição*

1. Em que estado de espírito voltou Wesley da Geórgia?
2. Quem era Pedro Bohler, e como Wesley o encontrou?
3. Sob a influência de Bohler, quais foram os 4 princípios que Wesley adotou?
4. Quando Wesley pensou em abandonar o púlpito, qual foi o conselho de Bohler?
5. Que convenceu a Wesley de que a conversão instantânea (Novo Nascimento) era possível?
6. Que sucesso teve Wesley como pregador nos púlpitos de Londres no começo de 1738?

Capítulo VI - *A Mão de Deus*

1. Em que secção de Londres está agora a Rua Alderste, e como se indica o local do despertar de Wesley?
2. Por instrumento de quem e quando foi Carlos Wesley mudado (convertido)?
3. Que hino escreveu Carlos Wesley no êxtase de sua primeira experiência de perdão e aceitação com Deus?
4. Qual o lugar, dia e hora da experiência espiritual transformadora de João Wesley?

5. Como Wesley passou o dia de sua conversão?
6. Dê, nas próprias palavras de Wesley, a narração do acontecimento que marca época em sua vida e no Cristianismo moderno.

Capítulo VII - Nova Criatura

1. Quais os pontos de vista com o que ocorreu em Aldersgate?
2. Que diferença faria se o coração de Wesley, em vez de ter sido “abrasado de maneira estranha”, tivesse parado?
3. Compare a carreira de Wesley, antes e depois de Aldersgate, como evidência de se ter tornado “nova criatura”.
4. Que inovações extraordinárias caracterizam seu novo ministério?
5. Que parte fez Whitefield?
6. Como e onde começou a pregação ao ar livre?
7. Onde está a casa de pregação metodista mais antiga?
8. Por que Wesley chamou a casa de pregação de Bristol de “Novo Salão”?
9. Qual o arranjo que se fez para manter o “Novo Salão” de Bristol e outras propriedades?
10. Como se originou a expressão “Olho para todo o mundo como minha paróquia”?
11. Quem foi o primeiro pregador leigo metodista?
12. Como recebeu seu nome - a primeira casa de pregação metodista de Londres?

Capítulo VIII - O Cavaleiro do Senhor

1. Como começou Wesley seu trabalho em Newcastle?
2. Que incidente dramático marcou sua volta à cidade onde nasceu?
3. Quantas milhas Wesley viajou e quantas vezes pregou?
4. Quais as dificuldades e perigos das estradas no século XVIII?
5. Que comentários fez Wesley sobre o país de Gales, Escócia e Irlanda?
6. Que resultou das viagens de Wesley à Irlanda para a América do Norte?

Capítulo IX - O Desabrochar do Metodismo

1. Por meio de que organização Wesley unificou e tornou permanente os resultados de suas pregações?
2. Que influência exerceram os hinos de Carlos Wesley, cantados pela congregação na campanha evangelizante?
3. Como se originou o Concílio Regional (Conferência anual) ?
4. Como concebia Wesley sua relação com o Concílio anual?
5. Como considerava Wesley seus auxiliares leigos?
6. A que força a “Cambridge Modern History” atribui a transformação revolucionária para o bem, na vida inglesa, na metade século XVIII?
7. Que influência exerceu o metodismo na educação dos guias para a nova democracia e o movimento trabalhista?
8. Como se pode dizer que o metodista levou as outras igrejas?

Capítulo X - O Remédio para um Século Enfermo

1. Quais as causas que contribuíram para a fraqueza da Inglaterra do século XVIII?
2. Por quais eliminações a força do clero anglicano se enfraqueceu?
3. Por que razão todos os novos movimentos religiosos eram suspeitos?
4. Que aspecto do ensino de Wesley parecia monstruoso à aristocracia?
5. Compare o gênio literário do século XVII e do XVIII.
6. Que sintomas de nervosismo aparecem na Inglaterra no século XVIII?
7. Quais os sinais de derrota da Igreja Anglicana quando Wesley começou a pregar?
8. De que maneiras o Evangelho de Wesley ajudou a curar os males nacionais da Inglaterra?
9. Trace uma ligação entre o idealismo e o otimismo do século XIX e o movimento evangélico.
10. Que sintomas da “enfermidade” do século XVIII se observam no século XX?